

Antonio Hohlfeldt e
Rafael Rosinato Valles

Dois pioneiros da Comunicação
no Rio Grande do Sul

Oswaldo Goidanich e Roberto Eduardo Xavier



DOIS PIONEIROS DA COMUNICAÇÃO NO RIO

GRANDE DO SUL

OSWALDO GOIDANICH

ROBERTO EDUARDO XAVIER

***COLEÇÃO NUPECC – VOLUME 1 - NÚCLEO DE PESQUISAS EM
COMUNICAÇÃO – FAMECOS/PUCRS***

2008



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Chanceler:

Dom Dadeus Grings

Reitor:

Joaquim Clotet

Vice-Reitor:

Evilázio Teixeira

Conselho Editorial:

Alice Therezinha Campos Moreira

Ana Maria Tramunt Ibaños

Antônio Carlos Hohlfeldt

Draiton Gonzaga de Souza

Francisco Ricardo Rüdiger

Gilberto Keller de Andrade

Jaderson Costa da Costa

Jerônimo Carlos Santos Braga

Jorge Campos da Costa

Jorge Luis Nicolas Audy (Presidente)

José Antônio Poli de Figueiredo

Lauro Kopper Filho

Maria Eunice Moreira

Maria Helena Menna B. Abrahão

Maria Waleska Cruz

Ney Laert Vilar Calazans

René Ernaini Gertz

Ricardo Timm de Souza

Ruth Maria Chittó Gauer

EDIPUCRS:

Jerônimo Carlos Santos Braga – Diretor

Jorge Campos da Costa – Editor-chefe

ANTONIO HOHLFELDT
RAFAEL ROSINATO VALLES

**DOIS PIONEIROS DA COMUNICAÇÃO NO RIO
GRANDE DO SUL**
OSWALDO GOIDANICH
ROBERTO EDUARDO XAVIER

**COLEÇÃO NUPECC – VOLUME 1 - NÚCLEO DE PESQUISAS EM
COMUNICAÇÃO – FAMECOS/PUCRS**
2008



PORTO ALEGRE

2008

© EDIPUCRS, 2008

Capa: Vinícius de Almeida Xavier

Imagem retirada do Acervo do NUPECC

Diagramação: Gabriela Viale Pereira e Josianni dos Santos Nunes

Revisão Lingüística: Daniela Origem e Grasielly Hanke Angeli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H719d Hohlfeldt, Antonio

Dois pioneiros da comunicação no Rio Grande do Sul :
Oswaldo Goidanich, Roberto Eduardo Xavier [recurso
eletrônico] / Antonio Hohlfeldt, Rafael Rosinato Valles. – Porto
Alegre : EDIPUCRS, 2008.

131 p. – (Coleção NUPECC ; 1)

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de Acesso: World Wide Web:

<<http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>>

ISBN 978-85-7430-754-1 (on-line)

1. Comunicação Social – Rio Grande do Sul – História.
2. Acervo Literário Oswaldo Goidanich. 3. Acervo Literário
Roberto Eduardo Xavier. I. Valles, Rafael Rosinato. II. Título.

CDD 079.81

Ficha Catalográfica elaborada pelo
Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS



Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 Porto Alegre, RS - BRASIL

Fone/Fax: (51) 3320-3523

E-mail: edipucrs@pucrs.br

<http://www.pucrs.br/edipucrs>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
OSWALDO GOIDANICH	9
1 <i>OSWALDO GOIDANICH E A FAMÍLIA</i>	9
2 <i>OSWALDO GOIDANICH E O TURISMO</i>	15
A) O Touring e Oswaldo Goidanich	18
B) Serviço Estadual de Turismo (SETUR)	23
C) Biênio da Colonização e Imigração	29
D) Oswaldo Goidanich e a EMBRATUR	36
3. <i>OSWALDO GOIDANICH E O JORNALISMO</i>	39
A) O Correio do Povo e Oswaldo Goidanich	42
B) Um novo desafio velho	43
C) O “Caderno de Sábado”	46
D) O fim de uma era	50
4. <i>OSWALDO GOIDANICH E SUA RELAÇÃO COM AS ARTES</i>	55
A) A Associação Francisco Lisbôa	56
B) Oswaldo Goidanich e a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA)	60
ROBERTO EDUARDO XAVIER	70
1 <i>ROBERTO EDUARDO XAVIER E A FAMÍLIA</i>	70
A) A vinda para Porto Alegre	71
B) Roberto Eduardo Xavier e Fé Emma	72
C) Um duro golpe para Xavier	73
2 <i>ROBERTO EDUARDO XAVIER E O JORNALISMO</i>	75
A) Roberto Eduardo Xavier e a imprensa	75

B) Roberto Eduardo Xavier e o rádio	89
<i>3. ROBERTO EDUARDO XAVIER E SUA RELAÇÃO COM PUBLICIDADE E RELAÇÕES PÚBLICAS.....</i>	<i>94</i>
A) O ingresso de Xavier em relações públicas	99
B) A legislação da atividade publicitária.....	108
<i>4. ROBERTO EDUARDO XAVIER E O TURISMO.....</i>	<i>111</i>
A) Secretaria de Turismo.....	113
B) O Secretário de Turismo Roberto Eduardo Xavier.....	114
C) Realizações da Secretaria de Turismo entre 1973-1975	117
D) A gestão de Xavier no contexto turístico do Estado.....	122
<i>5. ROBERTO EDUARDO XAVIER E O MEIO AMBIENTE.....</i>	<i>125</i>
A) Xavier e a Secretaria Municipal do Meio Ambiente.....	126
REFERÊNCIAS	129

APRESENTAÇÃO

Quando assumi, em 1999, a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, descobri que estavam depositados, há praticamente vinte anos, naquela Faculdade, os arquivos pessoais de Oswaldo Goidanich e Roberto Eduardo Xavier.

A ambos eu conhecera pessoalmente. Com Goidanich, convivi ao longo de muitos anos, na redação do Correio do Povo. Com Roberto Eduardo Xavier, tive excelente relação, ainda que à distância, especialmente no biênio de 1974-1975, quando trabalhei na Rádio Canadá Internacional, em Montreal, Canadá, e Xavier, exercendo função pública, acompanhou-me e me incentivou muito de perto.

Tomando como modelo a organização que o Programa de Pós-Graduação em Letras assumira, em relação a seus arquivos, reorganizei o NUPECC – Núcleo de Pesquisas em Comunicação, idealizado por Iara Bendatti e, com o auxílio de alunos de iniciação científica, passamos a examinar, limpar, catalogar e organizar o material daqueles acervos. No início, era a cabine de projeção cinematográfica do auditório da FAMECOS. Embora usando luvas e filtros para o nariz, alguns alunos não conseguiram levar o projeto adiante. Outros, menos sensíveis aos problemas naturais do papel guardado ao longo de anos, enfrentaram a tarefa. Aos poucos, os acervos foram sendo organizados.

Mais recentemente, um dos alunos, Rafael Rosinato Valles assumiu o desafio de criar um texto a partir do material disponível nos acervos. O resultado desse esforço está neste livro, o primeiro de uma série de publicações que pretendemos divulgar, a partir dos trabalhos do NUPECC.

Abordamos aqui dois pioneiros, sob todos os aspectos, dois pioneiros que foram contemporâneos e que exerceram comumente, para além de outras atividades, a do jornalismo. Oswaldo Goidanich desenvolveu atividades pioneiras no turismo e participou de algumas iniciativas da vanguarda no jornalismo cultural do Rio Grande do Sul, através do Correio do Povo.

Roberto Eduardo Xavier participou da formalização das atividades turísticas do estado, ao mesmo tempo em que foi um pioneiro nos campos da publicidade e das relações públicas, sem jamais ter-se distanciado do jornalismo, onde se iniciou.

Lendo a respeito de ambos, recuperamos, ao mesmo tempo, histórias do pioneirismo do Rio Grande do Sul em diferentes atividades, como o turismo, o meio ambiente, o jornalismo, a publicidade e as relações públicas.

O que aqui se escreveu partiu exclusivamente dos documentos disponibilizados pelos acervos entregues ao NUPECC pelas respectivas famílias, a quem muito agradecemos pela confiança e a paciência de, ao longo de tantos anos, aguardarem que alguma consequência adviesse daquela entrega. Parte desses documentos, aliás, ilustra esta publicação. Isto significa, de qualquer maneira, que não imaginamos ter-se produzido aqui nenhum documento definitivo. Para os curiosos, é um primeiro contacto com histórias que, em sendo histórias pessoais, são também a história de boa parte do desenvolvimento do nosso estado, pelo reflexo que tais atividades tiveram em nosso panorama cultural.

A função do NUPECC é exatamente esta: ser um lugar de guarda de documentos e, ao mesmo tempo, de difusão de informação e de possibilidade de (re)avaliação das ações de profissionais vinculados ao campo da Comunicação Social, tão amplo e tão diverso como fica evidente através dessas duas narrativas. Mais pesquisas surgirão, a partir destas ou por causa delas. O que pretendemos, tão somente, é chamar a atenção para dois profissionais que, além do mais, direta ou indiretamente, estiveram ligados à FAMECOS e que se tornaram, sem sombra de dúvida, referenciais e modelos para os nossos jovens estudantes e futuros profissionais.

A opção pela forma do e-book se deveu à vontade de tornar o mais possível abrangente a disponibilidade de tais acervos, o que este novo suporte permite. A todos os que se interessarem por este tipo de pesquisa, informamos que os acervos estão disponíveis e, gradualmente, no âmbito do Projeto DELFOS, coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil, estarão sendo publicizados para pesquisa por todo e qualquer interessado.

Boa leitura... e excelente aprendizado sobre nossos pioneiros.....

Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt
Coordenador do NUPECC

OSWALDO GOIDANICH

1. OSWALDO GOIDANICH E A FAMÍLIA

A data era 3 de agosto de 1994. Oswaldo Goidanich teve de ir ao Festival de Cinema de Gramado e, por isso, não pode comparecer à festa de despedida que a família Goidanich oferecia a Roberto Hoffman Goidanich, seu sobrinho-neto, filho de Flávio Goidanich e de Marlene Hoffman Goidanich. Logo em seguida Roberto embarcaria num avião rumo a Nova York, onde exerceria a função de diplomata.

Para suprir a sua ausência, Oswaldo Goidanich fez aquilo que pode se considerar uma das suas mais notáveis contribuições à família: escreveu um texto de quatro páginas em que expõe a história de quatro gerações dos Goidanich ao longo de dois séculos:

Pelos meados do século passado, nasceu na Ilha Luci Piccola, próxima a Fiume, teu tataravô, Luciano Goidanich. A Isola Luci Piccola é uma destas dezenas de pérolas que se engastam no diadema azul do Adriático. Pertencia então a Trieste e era parte do imenso império de Francisco José, o Franz Joseph, até hoje recordado com saudade. Luciano, pois, veio ao mundo como cidadão austro-húngaro (...). Luciano fugiu de casa aos treze anos. Nos seus sonhos de menino, buscava o horizonte de uma vida melhor. Embarcou na aventura, ou mais precisamente, em um navio mercante. E se fez marinheiro, trocando a terra pelo mar. (...). Luciano Goidanich chegou ao Brasil muito moço, quase um adolescente, sem passaporte, sem um documento sequer (...). Casou com uma jovem açoriana – Francisca Medeiros – a “vó” Chiquinha. E quando tiveram o primeiro e único filho, meu pai e teu bisavô Quintino, mudaram-se para Porto Alegre. Luciano foi ser chacareiro, num pequeno sítio por ele arrendado e que ficava onde hoje é a Azenha. Ele se levantava antes do sol nascer para colher os legumes e as verduras, ajudado pelo filho Quintino. E, de carroça, tinha de andar cerca de duas horas para alcançar as portas da cidade onde ia vender os produtos de sua horta.

Oswaldo ainda relata que Luciano Goidanich, ao conseguir deixar o setor agrícola, exerceu outras atividades, *assumindo [sic] a posição de secretário da Associação dos Empregados no Comércio*, entidade esta que, complementa, *criou e manteve a primeira escola de formação profissional para os jovens que trabalhavam no comércio de Porto Alegre.*

Tornou-se uma figura muito conhecida e estimada. Era tido em grande consideração. Parte da minha meninice, passei-a ao seu lado. Já na casa dos oitenta anos, somente saía à rua comigo ao seu lado. O passeio matinal era uma constante: subíamos e descíamos a Rua da Praia e os cumprimentos vinham de todos os lados: __ Bom dia, seu Luciano! – daqui. __ Bom dia, seu Luciano – dali.

Luciano faleceu aos 83 anos de idade. Quanto aos seus pais, Quintino Goidanich e Maria Jovelina Defanti, Oswaldo Goidanich os recorda assim:

Teu bisavô e meu pai – Quintino – casou-se com uma jovem de descendência triestina, Maria Jovelina Defanti. Tiveram dez filhos; criaram e educaram sete, pois três morreram ainda muito pequenos. Com eles, começou a multiplicação dos Goidanich, no Novo Mundo, pois ainda os há na Europa, conforme eu próprio pude ver, ocupando posições de destaque na sociedade do Vêneto. Seu Quintino era chamado assim até pelos filhos. Que eu me lembre, nunca o chamei de *papai*, ou simplesmente *pai*. No trato do dia-a-dia, era *senhor*. Quando conversando com outras pessoas, tivesse eu de me referir a ele, era sempre e respeitosamente *Seu Quintino*. Alto e forte, começou como garçom e fez-se empresário no ramo da hospitalidade. Trabalhador incansável, de excelente índole, era um homem de temperamento pacífico, bondoso e compreensivo, praticamente a antítese da tua bisavó. A Dona Jovelina era fogo! Há quem diga que, na atração dos contrastes, está o cerne do amor. Deve ser verdade. Foram admiráveis esposos e pais. A todos nós, criaram com desvelo e dentro de uma rígida disciplina moral. Se alguma coisa de bom em mim existe, como ser humano, a eles devo.

Oswaldo Goidanich nasceu no dia 29 de outubro de 1917, na cidade de Porto Alegre. Sexto filho dos sete que permaneceram vivos, Oswaldo só era mais velho que Ruben Goidanich e mais novo que Francisca Goidanich Walther, João Silvio Goidanich, Eugênia Goidanich Sperb, Wanda Goidanich Lopes e Carlos Goidanich.

Os Goidanich, nas suas primeiras gerações, eram uma família essencialmente ligada ao comércio, mas Oswaldo Goidanich, desde as suas primeiras ações, mostrava que não queria seguir a tradição familiar.

Pelo que minha avó me contou, ele saía sempre de noite e ela ficou meio encucada com aquilo. Aí disseram para ela: “Sabe aonde ele vai? Ele vai na biblioteca.” Minha avó não se convenceu e uma vez ela saiu atrás dele, chegou lá e viu: ele estava na biblioteca, lendo. Passava a noite lá, lendo. Ele não tinha paciência de estudar tudo certinho, mas ele tinha sede de conhecimento. Ele adquiriu praticamente tudo sozinho,

relembra a sobrinha Perly Walther.

Desde cedo eram conhecidas as suas aptidões que iam desde a música, passando por artes plásticas e um gosto por aquilo que até então era uma área muito pouco difundida na região, o turismo. Em todas essas áreas Oswaldo Goidanich era um autodidata, fato que, se por um lado ressaltava o seu poder de iniciativa e vontade, por outro lado o tolhia quando passava por situações mais bem determinadas:

A minha avó sempre contava: “Pois ele vai ao cinema”. Naquele tempo, era o cinema mudo com o pianista acompanhando. Quando ele chegava em casa, que tinha um piano lá, ele sentava ao piano e tocava exatamente, sem ter tido aulas, aquilo que ele ouvia no cinema. Aí, a minha avó me disse: “Como ele tem tanto talento para o piano, vamos botar ele a estudar piano”. A minha mãe tocava piano e então, uma vez por semana, ele tinha aulas de piano com minha mãe. Só que, quando tem as aulas, tu aprendes a ler a música, tens que tocar escalas, e isso não agradou a ele. “Por que eu vou estudar, eu toco sem estudar!”

revelação também de Perly Walther.

Foi dessa forma que Oswaldo Goidanich começou a se infiltrar no meio profissional, aos 14 anos de idade. Já aos 18 anos foi morar sozinho e conseguiu, assim, o seu primeiro emprego como auxiliar de escritório, no ano de 1935. Esse seria o primeiro emprego de uma série, daquilo que as pessoas mais próximas vieram a conhecer como as diversas profissões que Oswaldo Goidanich passaria a exercer nos anos seguintes, o que o levava a dar menos atenção à família pelo excesso de carga horária. Mas Oswaldo Goidanich sempre buscou manter os laços familiares:

Ele (Oswaldo Goidanich) nunca foi alheio à família, de jeito nenhum. Inclusive, ele sempre procurava ir nas festas, aniversários dos irmãos e irmãs. E o Oswaldo Goidanich sempre, de certa maneira, embora não tivesse muito tempo, sempre quando chegava perto dos sobrinhos, era para incentivar alguma coisa: “Olha, vocês têm que desenhar, têm que ler, têm que ir ao cinema”

relembra Hiron Goidanich, seu sobrinho.

Distância, mesmo, não existia, porque ele morava aqui, qualquer coisa que precisasse saber dele, telefonava e estava sempre presente, mas não é aquela presença constante numa família, esse ambiente familiar ele não tinha, mesmo que ele não se afastasse da família, na verdade, ele nunca se afastou,

completa Ruben Goidanich, irmão mais novo de Oswaldo.

Um momento que marcou a união entre esses *dois mundos* diferentes que Oswaldo Goidanich habitava foi no ano de 1987, quando ele completou 70 anos de idade. Numa grande festa organizada por Lygia Nunes e Dinah Gastal; a primeira, jornalista do Correio do Povo e sua velha amiga; a segunda, esposa do jornalista e editor P.F.Gastal, também do Correio do Povo, Oswaldo Goidanich recebeu familiares e os colegas de profissão no então Restaurante Germânia.

Ele, no seu aniversário de 70 anos, começou dizendo mais ou menos isso, que ele não queria falar sentado e que ele não queria ficar num lugar só, então ele foi passando pelas mesas e ia contando a vida dele, como é que tinha sido. Contou que ele tinha muita coisa para lembrar, falou na família, que ele quase não falava, contava como tinha sido a formação dele de infância, os empregos que tinha tido e caminhava, passeando. Ele tinha uma voz poderosa, então ele ficava lá falando e a gente ouvia aqui perfeitamente,

relembra Lygia Nunes.

Foi nesta festa que apareceu o poema “Setentão”, de Olga Reverbel:

Corre, corre Goidanich
Cabeça erguida, alma atenta!
Corre, corre Goidanich
Para a casa dos setenta!

Quem corre, corre, corre
Não conta tempo perdido.
Nunca morre, nunca morre
E é dos anjos protegido...
Os anjos teus são bacanas
Têm cara de Vasco e Xico
Coloridas asas de Petrucci.
Cantam, canto coral
entre Bach e carnaval

Hoje, aqui, teus amigos
velhos, moços e adolescentes,
vêm te trazer de presente
corpos jovens e corações antigos.
Goidanich, tanto corres
é impossível versos rimar.
Na dança do corre-corre
me nego a metrificar!
Em tuas loucas correrias:
do róseo à Legislativa,
de lá para o Touring – a organizar
da OSPA a política musical,
Helas! Quem te pode alcançar?

Como podes, Goidanich,
Tantas coisas assim fazer?
Nada disso, nada disso ...
O teu problema é viver.

É pintar tuas aquarelas,
É cozinhar hungarezas,
É amar várias terezas,
Umas feias, outras belas
É amigos ajuntar
Em tua sala de jantar
É lembrar velhas histórias
para depois nos contar...

Quem a vida tanto ama
Chega hoje aos seus setenta
Coberto de glória e fama
Vendo a vida correr lenta
Numa bela e doce pista
Perdendo a morte de vista...
Aqui estamos a dizer coisas do coração
Que são programa da festa
prá expulsar a solidão.
Quem não veio, não presta,
ou fugiu da cidade
prá de ti curtir saudade.

O cidadão Goidanich
é pessoa mui amada
por todos e cada um.
É lata de goiabada que contém quatro em um.
Ao querido corredor,
Ao valoroso campeão,
Que não cabe numa lata
Mas pode encher um latão,
Contendo mil em uma só
Em seu grande coração.

Nídia, Dinah e mais Lygia
encomendaram este POETENTA
Para a festa dos setenta.
Como minha pena não verseja
Bate a rima com cerveja!

Circulou também uma crônica do historiador Sérgio da Costa Franco, intitulada “Um setentão”, publicada no dia 29 de outubro de 1987, no jornal Zero

Hora:

Embora me faltem o mínimo de predicados para o exercício da crônica social, não me contenho em comentar um grande acontecimento da semana, que foi a festa dos setenta anos do Oswaldo Goidanich. Em primeiro lugar, pelo caráter simples e espontâneo dessa homenagem de amigos, que não foi *produzida*

por ninguém, como é freqüente suceder. Lygia Nunes, Dinah Gastal, Nídia Guimarães e Olga Reverbel tomaram a iniciativa e, sem maior divulgação, algumas dezenas de aderentes apareceram atraídos pelo singelo prazer de jantar com o velho Goida e homenagear quem merece.

O presente foi um pano de algodão com dedicatória escrita pelo Mário Quintana e assinada pelos convivas. O discurso de saudação, inteligente e breve, foi do Ruy Carlos Ostermann. Olga Reverbel disse versos próprios, muito divertidos. E o Goidanich, ao final, roubou a festa, fazendo oralmente a crônica da sua vida.

Ao cabo de setenta anos, as pessoas naturalmente têm muitas coisas a contar. Mas se o sujeito é dotado de especial sensibilidade, social e artística, e sabe expressar-se com graça e desembaraço, até um depoimento de uma hora pode tornar-se ameno. Caminhando entre as mesas, num discurso peripatético, o aniversariante divertiu o auditório, desde o narrar suas dificuldades para assistir de graça à sessão do cinema Central, pelas frestas de uma veneziana lateral, até as áfricas de gerir a OSPA durante sete anos. O Anchieta dos anos 20 e 30; a redação do Estado do Rio Grande; a longa trajetória pelo Correio do Povo, desde a crônica esportiva à secretaria; o Touring Club; o trabalho na Assembléia Legislativa; a OSPA; o Biênio da Imigração e Colonização, tudo lhe permitiu um notável exercício de memória. Menos sobre ele próprio e muito mais sobre os outros.

Pelo seu excelente trabalho de animação cultural, Oswaldo Goidanich tem créditos grandes junto à cidade e à província. E, pelo que se viu terça última, na Germânia, dispõe de gás para produzir mais uns 30 anos.

Oswaldo Goidanich se aposentou entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Após ficar morando três anos no Rio de Janeiro, quando trabalhou na EMBRATUR entre 1981 a 1984, Goidanich voltou a Porto Alegre. Com o tempo mais disponível, optando por projetos ou consultas esporádicas em termos profissionais, Oswaldo, nos seus últimos dez anos de vida, voltou-se mais para a família, ao se aproximar do irmão Carlos Goidanich e das irmãs Francisca Goidanich Whalter e Wanda Goidanich Lopes, seja em almoços ou festas, como em fins de semana.

Ele gostava muito (da família), mas não era uma pessoa, assim, que declarasse. Ele chegava e fazia troça em um e no outro, de repente ele já ia embora. Não era uma pessoa que a gente podia dizer: "Bom, agora vou fazer esse programa assim". Ele era uma pessoa com a cabeça meio que no ar, mas tinha um amor muito grande pela família. Ele sempre procurava, às vezes sem a pessoa saber, mas ele fazia certas coisas para ajudar. Ele era muito amigo da família, mas não é que ele fizesse declarações de amor, ou coisa assim. Era pelo jeito que ele agia,

resume Perly Walther.

Na carta do dia 3 de agosto de 1994, que Oswaldo Goidanich escreveu para o sobrinho-neto Roberto Hoffman Goidanich, ele assim se expressou no último parágrafo:

Embora mal te conheça – e isso é da minha maneira de ser, não da minha maneira de sentir – eu te desejo, ardentemente, todo o sucesso que, desde já, posso prever, tão brilhante o teu passo inicial, e que sejas feliz como bem mereces. Teu tio-avô Oswaldo Goidanich, Neco para os familiares.

Oswaldo Goidanich faleceu em outubro de 1995, aos 78 anos de idade.

2. OSWALDO GOIDANICH E O TURISMO

O ano era 1935. Antes dessa data Porto Alegre não passava de uma pequena cidade, provinciana, tranqüila e, segundo o próprio Oswaldo Goidanich, quase esquecida entre os dois maiores pólos demográficos do continente: Rio de Janeiro e São Paulo, ao norte; Montevideú e Buenos Aires, ao sul.

No entanto, naquele ano existia na memória dos gaúchos uma data importante da sua história e que não menos permanecia viva no imaginário da região dos pampas: comemorava-se o centenário da Revolução Farroupilha. Esse fato foi o principal elo de ligação de uma sociedade disposta a fazer daquele acontecimento um marco digno do que ocorrera há um século atrás, como afirma Oswaldo Goidanich:

As comemorações dos cem anos da epopéia farroupilha, pelo arrojo com que foram promovidas, pelo esplendor de que se revestiram, puseram Porto Alegre, pela primeira vez, no mapa do mundo. Nunca houve tal mobilização de recursos da sociedade rio-grandense, governo e povo unidos com a intenção de afirmar foros de cultura e civilização. Flores da Cunha, governador, e Alberto Bins, prefeito da capital, comandaram equipes de grande capacidade realizadora, gente que sabia onde tinha o nariz – e o resultado foi um período áureo de realizações materiais e culturais.

No dia 20 de setembro de 1935 Getúlio Vargas cortava a fita inaugural das exposições na parte sul do Parque da Redenção, nessa que era a sua segunda visita ao Rio Grande do Sul, após ser eleito presidente constitucional. Esse ato, mais do que manter vivo o passado de um povo, provou ser o início de uma nova

era na vida sociocultural de Porto Alegre e, conseqüentemente, do Rio Grande do Sul. A começar pela necessidade de criação de infra-estrutura, pois festividades do porte daquela, na época, não eram comuns. No jornal Correio do Povo era noticiado, no dia 19 de setembro, *a presença de mais de 15 mil forasteiros em Porto Alegre*, como se lê detalhadamente no matutino:

Porto Alegre apresenta um aspecto imponente, ruas movimentadas em todos os sentidos. Hotéis e pensões repletíssimas, havendo ainda centenas de casas de famílias que se acham ocupadas por forasteiros.

Pode-se dizer que a nossa metrópole tem um movimento como nunca se registrou, apresentando o movimento de grandes capitais.

Por toda parte se ouvem palavras de admiração ao progresso que todos vêm encontrar em Porto Alegre, principalmente comercial e predial (CORREIO DO POVO, 1935, p. 12).

A consciência da importância desse evento fez os organizadores preverem que o fluxo de forasteiros seria grande para a capital. Isto na prática se confirmou, pois o Correio do Povo registrou, no dia 20 de setembro, que *as empresas de navegação e a direção geral da Viação Férrea tomaram providências para o melhor transporte de passageiros*. Complementando a reportagem, indica-se que a linha férrea de Santa Maria movimentava diariamente três trens noturnos e dois diurnos, num geral de 14 vagões, sendo que, pelos cálculos, chegavam diariamente 1200 passageiros a Porto Alegre. Ainda sobre o mesmo tema, o jornal, com o título de “É extraordinário o movimento de forasteiros”, registrava:

A Prefeitura Municipal fez em livro especial, um registro de entrada e saída de turistas para assim melhor informar-se quanto às acomodações disponíveis. Segundo os informantes nessa repartição, com resultados obtidos de uns dez dias a esta parte, esse movimento anda num total de 45 mil (CORREIO DO POVO, 1935, p. 12).

Era até então o auge do processo que hoje se conhece como turismo de evento. Na definição da Organização Mundial de Turismo da ONU, *turista é todo aquele que realize uma viagem de ida e volta a um local distante do seu domicílio e ali se demore, no mínimo, por 24 horas*. Seguindo esse conceito, Oswaldo Goidanich, no livro **Turismo no Rio Grande do Sul – 50 anos de pioneirismo no Brasil**, calcula que o turismo no Rio Grande do Sul teve o seu início em 1704,

quando Domingos de Figueiras viajou pelo litoral do estado, vindo do Rio da Prata, seguindo até Laguna, Santa Catarina¹.

Em 1874 foi construído o primeiro trecho rodoviário que ligava Porto Alegre a São Leopoldo; em 1915 estabelecia-se o primeiro endereço para turismo de Porto Alegre através da agência argentina EXPRINTER, no ramo de câmbio e passagens. Outro fator marcante foi a fundação da VARIG – Viação Aérea Riograndense, em 27 de maio de 1927, primeira empresa de transporte aéreo nacional.

Com esses fatores conquistados ao longo dos anos, além de tantos outros que tiveram de ser implementados para Porto Alegre comportar as exigências dessa festividade, começava-se, em 1935, a pensar em eventos de grande porte, que mobilizassem a população local, regional e nacional, fator este que trazia o papel do turismo à tona. Todos os estados brasileiros, além de alguns países de diferentes continentes, foram representados na capital gaúcha, como o governador da Bahia, Capitão Juracy Magalhães; os secretários da Agricultura de São Paulo e Minas Gerais, Luiz de Toledo Piza Sobrinho e Israel Pinheiro, respectivamente; assim como representantes da região platina, além de, entre outros países, o Líbano, que enviou ao governador do estado um telegrama dignificando a data.

Foi também em meio a essas festividades que surgia um jovem de 17 anos até então pouco conhecido no meio cultural porto-alegrense, mas que já colocava o seu nome na história, ao ser o primeiro atendente do primeiro *bureau* de turismo do Rio Grande do Sul. Tratava-se de Oswaldo Goidanich, o mesmo homem que considerava a Porto Alegre anterior pacata, mas que, agora, sentia o que um evento comemorativo poderia fazer no cotidiano de uma cidade. Afinal, em entrevista, ele disse ser o *Centenário da Revolução Farroupilha, o seu batismo como futuro homem de turismo*.

¹ CÉSAR, Guilhermino (Org.) - Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul - 1605-1801, Porto Alegre, EDUFRGS. 1969.

A) O Touring e Oswaldo Goidanich

No ano de 1923 era fundada no Brasil a Sociedade Brasileira de Turismo, localizada na então capital federal, Rio de Janeiro. Com o intuito de comemorar o centenário da independência do Brasil, acabou por fazer do turismo e áreas afins um setor de progresso na vida socioeconômica brasileira. Uma prova disto aconteceu em 1926, quando a Sociedade Brasileira de Turismo se filiou ao setor nacional do Touring e aos organismos internacionais, transformando-se, assim, no Touring Club do Brasil, divulgando mais intensamente o país no exterior. Isso possibilitava um acesso mais fácil a outros países, já que os Tourings são clubes nacionais filiados à Alliance Internationale de Tourisme [AIT], com sede em Genebra, que possui bases em vários países da Europa e América, como era o caso do Uruguai, por exemplo, que já possuía o seu Touring Club desde 1891.

Como sociedade civil de direito privado sem fins lucrativos, o Touring Club passou a agir junto aos meios oficiais e privados, na divulgação de atividades vinculadas ao turismo em geral. Ao lançar congressos sobre trânsito, em meados da década de 1930, complementando-os com a “Caderneta de Tráfego Interestadual”, além de ser pioneiro nos serviços de assistência turística 24 horas no Brasil, o Touring, ao longo dos tempos, tornou-se referência para o entendimento do processo turístico no país.

No Rio Grande do Sul a situação não foi diferente. Oswaldo Goidanich esclarece essa questão de forma mais profunda no artigo “Antecedentes do Turismo”.

O exemplo do Touring Club do Rio de Janeiro foi seguido pela Bahia, São Paulo e Pernambuco, que fundaram seu próprio clube, atuando paralelo [sic], mas sem vínculo administrativo entre si. O mesmo veio a ocorrer com o Rio Grande do Sul, em março de 1935.

Permaneceu independente, porém, por poucos meses, porque já em maio do mesmo ano o Diário de Notícias, de Porto Alegre, noticiava que, na véspera, o Conselho Federal de Comércio Exterior, no Rio de Janeiro, decidiu criar o turismo organizado no país. O grande agente propulsor era o Touring Club.

Outro fator para essa unificação do Touring, segundo relata Goidanich, se deve à unificação da carteira de motorista no país, contando assim com um só órgão maior e mais forte, angariando turismo nacional e internacional. Tendo 33

empresários, entre eles Vitor Kessler e Breno Caldas como fundadores, a seção do Rio Grande do Sul do Touring se fixou na Rua dos Andradas, tendo como seu primeiro presidente Fernando de Abreu. Uma das primeiras medidas a serem adotadas foi o início da edição da Revista Touring, a primeira publicação turística que circulou no Rio Grande do Sul, sendo dirigida por Clio Fiori Druck (mais tarde substituído por Léo Silveira de Arruda e, a partir de 1938, por Oswaldo Goidanich).

O bom resultado dessa fusão podia ser constatado nas comemorações do Centenário Farroupilha, onde o Touring Club do Brasil atuou já com a sua seção do Rio Grande do Sul, cinco meses após ser fundada (21 de março de 1935). Preocupada em projetar idéias para atrair visitantes e recepcioná-los, cuidando da assistência, da melhoria da hotelaria e, sobretudo, da orientação e da formação de uma consciência turística, a seção rio-grandense do Touring tinha, no Centenário da Revolução Farroupilha, a oportunidade de mostrar ao Brasil e ao mundo a capacidade turística que Porto Alegre começava a ter. Entre outras atividades destacaram-se:

- * Corrida Automobilística Internacional, composta por 40 carros entre os bairros de Cristal, Praia de Belas, José de Alencar, Teresópolis, Cavalhada, Tristeza;
- * Projeção no cinema Coliseu do filme referente àquela corrida automobilística;
- * Realização do 1º Congresso Geral dos Transportes;
- * Chegada, em dezembro de 1935, da primeira excursão de uruguaios sob os auspícios do Touring Club;
- * Excursão de cinco dias, com 25 a 30 turistas, à região vinícola: Caxias do Sul, Garibaldi, Bento Gonçalves, Nova Trento, Farroupilha.

O Touring, cujo campo de atividades cobre todas as questões relativas ao turismo, preocupa-se já há tempos com o difícil problema de uma Assistência Turística eficaz a todos os visitantes durante o longo período das comemorações do Centenário Farroupilha recém-iniciadas, com raro brilhantismo. Segundo cálculo oficial, mais de 200 mil pessoas visitarão Porto Alegre nos meses próximos, resultando indisfarçável a necessidade da instalação de um posto de informações turísticas ao serviço desse número extraordinário de forasteiros. Tomando a si essa iniciativa, o Touring brasileiro, por sua secção sul-rio-grandense, oficiou à direção geral do grande certame.

Atendido prontamente pelo Comissariado Geral, foi posto à disposição do Touring, o torreão esquerdo do Pórtico Monumental do certame. Assim, o núcleo local da agremiação turística nacional deu início aos trabalhos de adaptação do local, pela sua esplêndida [sic] atuação de um Bureau daquela natureza. Dentro em breve, estarão eles prontos, de maneira que, já na próxima semana, encontrar-se-á em pleno funcionamento o Bureau de Turismo do Touring Club do Brasil, à disposição dos inúmeros turistas que acorrem, diariamente, em centenas, ao grandioso certame do Parque Farroupilha (CORREIO DO POVO, 27/09/1935, p. 11).

Quem atendia o Bureau era o então jovem Oswaldo Goidanich. Sua atividade consistia, basicamente, em informar sobre viagens e acomodações, geralmente nos próprios navios, já que a hotelaria era insuficiente. Esse foi o primeiro passo na carreira profissional de Goidanich que, além de se projetar em outras áreas, viria a marcar no seu currículo 49 anos de dedicação à instituição que lhe abriu as portas. Já no ano seguinte, em 1936, Goidanich passou de auxiliar geral para a gerência da seção do Rio Grande do Sul do Touring. Ao assumir um cargo de considerável importância dentro da instituição, acabou por gerenciar as atividades que cada vez mais mobilizavam a comunidade rio-grandense. Foi ele o responsável pela criação do primeiro folheto turístico editado no estado com o *slogan* "Onde vamos veranear". Vale ressaltar que o Touring, até então, era o único órgão de turismo no estado, sendo que o poder público ainda não oficializara o turismo como atividade governamental. Somente em 1950, como decorrência do dispositivo inscrito na Constituição de 1947, por iniciativa do deputado Egídio Michaelsen, o Legislativo aprovou e o governo de Walter Jobim promulgou a Lei 997, que oficializou o turismo no Rio Grande do Sul, criando o Conselho Estadual de Turismo (CET) e o Serviço Estadual de Turismo (SETUR).

O Touring não só investia em esporte, trânsito, hotelaria e demais atividades, como também os relacionava com a cultura local, estabelecendo um envolvimento que resultou várias vezes em acontecimentos marcantes. Como exemplo, basta lembrar a 1ª Corrida de São Silvestre, maratona realizada ainda em 1935, por promoção do Touring, que atraiu mais de 50 mil espectadores às ruas de Porto Alegre para verem atletas representando 26 clubes esportivos. Além disso, um mês antes, em parceria com o Automóvel Clube, realizou-se a prova automobilística Grande Prêmio Cidade de Porto Alegre, no Grande Circuito

Automobilístico Farrroupilha, com a participação de pilotos argentinos e uruguaios, além de nomes consagrados do Brasil, como Norberto Jung, vencedor da prova. Até hoje o Touring é reconhecido como o promotor da fase de ouro do automobilismo brasileiro, a chamada *época das carreteiras*.

Não só no setor de eventos mas no de infra-estrutura para esses eventos, o Touring, ao longo desses anos, foi revelando a necessidade de profissionalização e visão pelos projetos que assumia. Em 1938 o Touring recebeu do então prefeito de Porto Alegre, José Loureiro da Silva, autorização para realizar a sinalização turístico-rodoviária da cidade, sendo que, tempos depois, idênticos convênios foram firmados com outras Prefeituras do estado, orientando turistas no perímetro urbano das cidades. Como complemento a esta política de sinalização, as rodovias foram incorporadas a esse projeto com a administração de Oswaldo Goidanich, como, por exemplo, em 1940, a estrada Guaíba – Pelotas – Jaguarão. Sobre isto, Goidanich falou à Revista do Touring:

Em 1939, o Touring Club, dando começo aos serviços que lhe foram confiados pelo Estado, completou 207 quilômetros de estradas sinalizadas, destacando-se o modelar balizamento realizado na rodovia Porto Alegre – Osório – Tramandaí, que tem recebido elogios de quantos automobilistas forasteiros chegam à capital.

Para este ano, o Touring recebeu do DAER autorização para sinalizar mais 1167 quilômetros de rodovias, tendo iniciado os seus trabalhos pela importante linha rodoviária Guaíba – Pelotas – Jaguarão. Razões diversas e importantes determinam esta escolha, pois esta estrada não é somente a que liga as duas mais importantes cidades do estado, merecendo já por isso toda a atenção, mas, também, a principal via de acesso através da qual poderão chegar até o nosso território os automobilistas do Uruguai e da Argentina, com incalculáveis benefícios para o turismo brasileiro.

Como conseqüência, surgia então o “Circuito da Boa Esperança”, percurso que vai do Rio de Janeiro a Montevideú, passando por várias cidades gaúchas, inclusive as rodovias sinalizadas, fazendo desse percurso o resultado de um projeto que Oswaldo Goidanich ambicionava realizar:

Cabe ao turismo um papel saliente na obra de confraternização pan-americana. Como nenhuma outra atividade humana, o turismo propicia o conhecimento mútuo dos povos, a amizade internacional e, implicitamente, a paz. Por convênios e importantes atos administrativos, os governos têm facilitado e fomentado as relações turísticas entre os cidadãos americanos.

Entretanto, a pura iniciativa oficial não seria bastante para dar caráter prático a tão elogiáveis propósitos, não fosse a atuação das entidades que, com perseverança e dedicação, trabalham silenciosamente, secundando a atuação dos governos e dando ritmo animado e fecundo o intercâmbio do turismo (REVISTA DO TOURING, dez. 1941, p. 6).

A partir do constante aperfeiçoamento da rede rodoviária estadual, o Touring, após 1939, começou a publicar a Carta Rodoviária do Rio Grande do Sul com tiragens de 40 até 200 mil exemplares, contendo roteiros rodoviários entre Porto Alegre, o resto do país e os países do Prata. No verão de 1939/1940, com a extensão da sinalização nas rodovias para o litoral, assinalou-se um notável impulso de automóveis e ônibus para as praias. Surgia Imbé, o primeiro balneário a ter um traçado próprio e água própria tratada.

Até o ano de 1950 o Touring foi o responsável quase que único pelo progresso do turismo no estado. Como será visto adiante, a partir do início da década de 50, essa situação mudaria, mas não sem antes registrar que essas alterações são decorrência da política turística adotada pelo Touring ao longo desses anos, tendo como seus grandes responsáveis homens como Edgar Chagas Dória, Clio Fiori Druck e Oswaldo Goidanich, entre outros, ao trazerem a consciência turística para o Rio Grande do Sul, ao longo daqueles 15 anos iniciais.

Oswaldo Goidanich, a partir de então, não mais atuaria exclusivamente para o Touring, no ramo do turismo, embora continuasse a ser um dos principais integrantes da entidade até o ano de 1979, quando se aposentou. Deixou como legado, entre outras realizações, a criação da sede própria da seção do Rio Grande do Sul do Touring, inaugurada em 1971, na Avenida João Pessoa, em Porto Alegre. Com o auxílio do arquiteto Irineu Breitmann, construiu-se um prédio de cinco andares, destinado à prestação de serviços sociais, de recepção e de assistência turística, além de mais outros cinco andares de garagem, posto de serviços e oficinas. A construção do prédio foi custeada exclusivamente pelos 30 mil associados do Touring e, após a sua inauguração, todos os gastos já estavam pagos. Até os dias de hoje a instituição se situa na mesma sede.

B) Serviço Estadual de Turismo (SETUR)

Desde que o turismo começou a ser visto como uma atividade rentável, feito à base de mão-de-obra qualificada, e contando com pessoas especificamente preparadas para atuar nessa área, uma pergunta sempre instigou teóricos e profissionais: qual o papel que o serviço público pode desempenhar no turismo?

Alberto Sessa, no livro **Turismo e política de desenvolvimento**, afirma que *a função do Estado na atividade turística é hoje indiscutível, seja para países avançados turisticamente, seja para aqueles em vias de desenvolvimento*. Já Luiz Fernandez Fuster, em **Teoría y técnica del turismo**, concluiu que, *para la puesta en práctica de esta Política de Turismo se requieren organismos o instituciones técnico-administrativos. Dos tipos distintos podemos distinguir:*

I – Organización gubernamental, oficial y pública

II – Asociaciones privadas.

No entanto, factualmente falando, o turismo, seja ele em países desenvolvidos ou em desenvolvimento, sempre surgiu da iniciativa privada, sendo que o serviço público somente investiria tempos mais tarde:

Na quase totalidade destas nações, a criação da indústria receptiva foi devida, na maior parte, à obra da iniciativa privada, enquanto a participação do Estado naquela época foi, acima de tudo, passiva. Esta política passiva, que nascia da falta de consciência dos problemas que se põem na atividade turística, determinou a séria deterioração do patrimônio turístico que influiu negativamente sobre o próprio desenvolvimento turístico (SESSA, 1983, p. 12).

Durante a primeira metade do século XX, o turismo no Brasil dependia quase que exclusivamente da iniciativa privada, sendo que o serviço público atuava somente em alguns momentos, em conjunto com instituições como o Touring, mas nunca o fazia de forma permanente, com a institucionalização de uma política turística, por exemplo. Pequenas iniciativas para isso começaram a ser tomadas em 1950, quando o Legislativo do Rio Grande do Sul aprovou e o então governador Walter Jobim promulgou a Lei 997, oficializando o turismo no estado, além de criar o Conselho Estadual de Turismo (CET) e o Serviço

Estadual de Turismo (SETUR). Este último, por falta de recursos, naquele momento não se concretizou.

Foram precisos nove anos para que, através da solicitação do deputado João Caruso, fosse editado o Decreto Lei nº. 10470, o qual *transferia para a Secretaria do Interior e Justiça o Serviço Estadual de Turismo e ampliava as suas atribuições, dando-lhe estrutura definitiva*. Institucionalizava-se, enfim, um primeiro órgão oficial de fomento ao turismo por um estado da União. Com a edição do decreto pelo recém-empossado governador Leonel Brizola, caberia ao SETUR, a partir de 13 de maio de 1959, cumprir suas metas. Para isto Oswaldo Goidanich foi nomeado diretor do SETUR. Já reconhecido como uma personalidade referencial em termos regionais, nacionais e internacionais, quando o assunto era turismo, ao construir uma sólida carreira no ramo, principalmente através do Touring, ele se tornava o primeiro diretor do primeiro órgão público oficial de turismo no país. Para justificar sua escolha, deveria cumprir o Plano de Turismo que ele mesmo formulara. Eis seus objetivos:

- * criar melhores condições para a realização do turismo interno;
- * atentar para a intensificação do turismo internacional, ao oferecer as possibilidades turísticas do estado;
- * criar melhores condições materiais para o turismo na terra rio-grandense;
- * efetivar o progresso em favor das praias do mar do Rio Grande do Sul, ao se dedicar a questões como meio ambiente, higiene e conforto;
- * apoiar o desenvolvimento da hotelaria, através do crédito hoteleiro, com o financiamento à indústria hoteleira;
- * articular a criação de uma Escola Profissional para preparo de pessoal especializado, propiciando a mão-de-obra habilitada e capaz na hotelaria rio-grandense;
- * regulamentar a Lei nº. 3.388, de 8 de janeiro de 1958, que isentou de impostos estaduais os novos hotéis construídos no estado com finalidade turística;
- * realizar desapropriações das áreas de relevante interesse turístico, que deveriam constituir os Parques Estaduais de Turismo, bem como as reservas naturais, em regiões como Torres, Parque Balneário de

- Tramandaí, Parque Estadual de Itapuã, Parque Estadual do Caracol, Parque Termal em Águas do Prado e outros;
- * criar, em área ampla, porém próxima à capital do estado, uma estância típica rio-grandense, com finalidade turística;
 - * dedicar atenção aos lugares históricos, organizando-os nas regiões das Missões, Piratini, Caçapava, Viamão e Rio Pardo, de forma que não faltasse aparelhamento e assistência turística aos visitantes;
 - * construir, em Porto Alegre, uma hospedaria estudantil, a qual funcionaria também como Escola de preparo profissional para a hotelaria;
 - * dar ampla assistência às agências de viagem e turismo e às companhias transportadoras que operam no estado, as quais receberiam amplo material informativo para distribuição junto aos potenciais turistas;
 - * organizar, anualmente, o Calendário Turístico do Rio Grande do Sul, aproveitando as principais manifestações de ordem cultural, artística, folclórica, econômica e outras que ofereçam real partido turístico;
 - * articular-se com os municípios rio-grandenses interessados em desenvolver o turismo em suas áreas comunais;
 - * entrosar as atividades do SETUR com a Comissão Brasileira de Turismo [COMBRATUR], de forma a assegurar a participação do Rio Grande do Sul nos planos de fomento ao turismo brasileiro;
 - * promover a propaganda em geral do Rio Grande do Sul, no país e no exterior.

Para esse novo desafio, Goidanich contava com o assessoramento das Seções de Turismo (com subdivisões em Setor de Planejamento e Organização; Setor de Equipamento e Fomento, Setor de Parques Estaduais de Turismo; Setor de Hospitalidade), Seção de Administração (Expediente e Pessoal; Orçamento e Material; Comunicações e Arquivo; Estatística; Transporte) e a Seção de Propaganda (Setor de Publicidade; Setor de Relações Públicas Imprensa e Informação; Setor de Certames e Exposições; Setor de Fotografia e Cinematografia). Permanecia ainda, em tese, o Conselho Estadual de Turismo como órgão consultivo, no qual Goidanich atuava como presidente. Como membros desse conselho estavam presentes dez representantes de dez instituições. Eram eles:

- * Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul
- * Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul
- * Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul
- * Federação do Comércio Varejista do Rio Grande do Sul
- * Federação de Turismo e Hospitalidade do Rio Grande do Sul
- * Touring Club do Brasil
- * Associação Riograndense de Imprensa
- * Federação das Empresas de Transportes Rodoviários do Rio Grande do Sul
- * Empresas Rio-grandenses de Transporte Aéreo
- * Agências de Viagem e Turismo que operam no Rio Grande do Sul

Goidanich promovia assim, como uma forma de reconhecimento à dedicação ao longo dos anos da iniciativa privada do turismo, atuando inclusive como pioneira nesta área no estado, uma interação entre a iniciativa privada e a instituição pública para a construção de uma política de desenvolvimento turístico. Sobre esse assessoramento, o próprio Goidanich comenta:

Aproveitando o que aprendera nos Estados Unidos, foi minha intenção manter os conselheiros inteiramente à vontade para debater e votar a matéria a eles submetida, encaminhar as suas sugestões, os seus pleitos ou mesmo os seus reparos, sem ter que enfrentar a presença sempre constrangedora de representantes das diversas áreas do governo. Essa forma livre de manifestação foi igualmente positiva e possibilitou que o CET contribuísse de fato para o êxito do SETUR. Levando toda matéria, desde a mais simples à mais polêmica, à manifestação dos representantes da iniciativa privada, eu podia utilizar a valiosa colaboração do CET como uma caixa de ressonância da minha administração para medir o acerto de qualquer medida ou decisão a ser tomada. Ao mesmo tempo, recolhia o aporte da experiência das diversas áreas empresariais, empenhadas no desenvolvimento do turismo.

Entre as realizações do SETUR, destaca-se o trabalho de publicidade adotado, quando, segundo Goidanich, pela primeira vez, desenvolveu-se um trabalho de marketing com a intenção de vender a imagem turística do estado para o Brasil e os países do Prata. Editavam-se intensamente cartazes, folhetos, muitos com textos bilíngües (inglês e espanhol), mapas, roteiros, guias, adesivos e outros materiais de propaganda e informação turística, distribuindo-se este material no centro e norte do país, assim como no Uruguai e na Argentina.

Iniciativas como um extenso stand de cem metros em todas as exposições no Parque Ibirapuera, em São Paulo, além de ampliações fotográficas com aspectos característicos do pampa gaúcho, espalhadas por mais de cem churrascarias por todo o país, ilustram a mobilização durante esses quatro anos de gestão.

Durante quatro anos, a capilaridade da rede de distribuição do SETUR permitiu chegar esse material promocional a agências de viagens, hotéis, estações rodo-ferroviárias, aeroportos, embaixadas e consulados, clubes de turismo e automobilismo, em grandes centros demográficos como Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte, Salvador e Recife; Montevidéu, Buenos Aires, Rosário do Sul, Santa Fé, Posadas e Mendoza e, inclusive, Santiago do Chile e Valparaíso. *Slides* a cor foram utilizados intensamente pelo SETUR para projeções fora do estado, revelando o potencial turístico e o progresso do torrão gaúcho (GOIDANICH, p. 65).

Em 1961, articulando-se com as principais operadoras de turismo, o SETUR, com o apoio da VARIG e da Pluna, promoveu a vinda ao Rio Grande do Sul de agentes de viagem uruguaios e argentinos, em *tours* de familiarização. Em conjunto com a COMBRATUR (Companhia Brasileira de Turismo), colaborou no zoneamento turístico do extremo sul e na elaboração do primeiro Mapa Turístico do Brasil. O SETUR atuou diretamente no ramo da hotelaria, através do Fundo Rotativo de Crédito Hoteleiro, projeto que teve aprovação unânime no XV Congresso Nacional Hoteleiro com o objetivo de desenvolver a hotelaria gaúcha, assim como reuniu, pela primeira vez, os hoteleiros de praia e serra, visando a extensão do tempo útil da temporada de verão, já que, até então, a temporada de férias só começava no dia 1º de janeiro e ia apenas até o último dia de carnaval. Baseado nas decisões desse encontro, o SETUR publicou o primeiro Guia de Hotéis de Praia e Serra do Rio Grande do Sul.

Nas realizações do SETUR, destacam-se as festividades que começaram a movimentar o interior do estado, como a 2ª Festa das Hortênsias, em Gramado, no ano de 1961 e o 1º Festival da Serra, em Canela, em 1962. Ambos foram organizados pelos seus recém-fundados Conselhos Municipais de Turismo, sob patrocínio do SETUR. Surgiu em 1963 a Festa do Pêssego, na cidade de Pelotas; a 1ª Festa do Milho, em Guaporé; a Festa das Rosas, em Sapiranga, assim como, em Novo Hamburgo, a FENAC – Festa Nacional do Calçado, até hoje reconhecida mundialmente.

No setor rodoviário, através do DAER, foram completadas, em 1960, a estrada Porto Alegre – Tramandaí, que veio a trazer impulso ao turismo no litoral gaúcho; em 1961, as rodovias Pelotas - Jaguarão e Quintão – Santa Vitória do Palmar, como também as ligações Nova Petrópolis – Canela – Gramado e Farroupilha – Caxias do Sul. Um ano depois, foi finalizada a estrada Gravataí – Taquara – São Francisco de Paula, até então sem asfalto.

A inauguração de parques também ganhou destaque naqueles quatro anos, ao iniciar-se a construção do Parque Estadual de Turismo de Caracol, em Canela, com a desapropriação dos primeiros 29 hectares da área onde se situa a cascata, contando com o planejamento urbanístico dos arquitetos Marcos Heckmann e Miguel Pereira. O primeiro passo para o Parque Estadual de Torres, décadas depois fundado como Parque da Guarita, ocorreu quando o Conselho Estadual de Turismo declarou de utilidade pública a área, em Torres, que compreende os morros à beira-mar, a praia e o rochedo da Guarita. Pouco depois o SETUR obteve a desapropriação de parte dessa área, além de firmar convênio com a SAPT para a realização das primeiras obras de urbanização na Torre do Farol e na Torre do Meio. Mas o projeto e a realização que veio a marcar a gestão de Oswaldo Goidanich, no SETUR, foi o Parque Zoológico Estadual, situado em Sapucaia do Sul. O próprio Goidanich recorda os fatos:

Foi naquela ocasião, mais precisamente na primeira semana de fevereiro de 1959, quando sobrevoávamos o Horto Florestal da Viação Férrea, em Sapucaia, com destino a Canela, que Brizola, encantado com a beleza daquele imenso espaço verde, disse-me, num rápido comentário, que a área lhe parecia ideal para se criar ali um Zôo. E nunca mais tocou no assunto. Quase três anos depois, a 28 de fevereiro de 1961, Leonel Brizola chamou-me ao seu gabinete de trabalho, no Palácio Piratini, para dizer que estava me nomeando para presidir um grupo de trabalho encarregado de estudar, projetar e organizar o Jardim Zoológico do Rio Grande do Sul. Estupefato, pois nem me lembrava mais daquela sua ligeira observação, feita de passagem a bordo de um avião, vi-me a braços – eu e meus companheiros de trabalho, Harry Schultz, da VARIG, e o agrônomo Edmundo Arnt Netto – com a árdua e inédita tarefa de transformar o Horto Florestal de Sapucaia no Zôo oficial do estado. Ainda por cima, com prazo fatal para concluí-la: Brizola desejava que a inauguração do Zôo fosse a 1º de maio de 1962, último ano do seu governo. Era o seu presente às crianças do Rio Grande do Sul.

Oswaldo Goidanich deixou a direção do SETUR no dia 31 de março de 1963, após a eleição do governador Ildo Meneghetti, retomando, assim, mais

intensamente, suas atividades no Touring. Além daquelas realizações já citadas na gestão 1959/1963 do SETUR, muitos outros projetos foram concluídos, encaminhados ou preparados para as gestões seguintes os concretizarem.

Ao final da gestão de Goidanich à frente do SETUR, fica uma conclusão: o poder público não só pode atuar bem no desenvolvimento do turismo quando bem administrado, como também traz perspectivas ainda maiores quando atua em parceria com o poder privado.

C) Biênio da Colonização e Imigração

A década de 1970 trazia algumas alterações naturais para um país que já encarava o turismo como atividade indispensável para o seu desenvolvimento socioeconômico. Ainda em 1967 acontecia o 1º Encontro Nacional de Turismo, organizado pela EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo). Esta mesma entidade criaria a SUDESUL – Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul, assumindo os encargos para o desenvolvimento do Plano Regional de Turismo. O turismo já era reconhecido como a *indústria sem chaminés*, fator que envolvia aspectos como planejamento de infra-estrutura, relacionando setores como *marketing* e outras atividades de promoção do produto turístico.

No âmbito regional, o SETUR foi extinto em 23 de julho de 1971, após gestões malsucedidas, cedendo lugar à Secretaria de Turismo, após o então governador Euclides Triches assinar a Lei nº. 6237. A Secretaria se dividiria em três áreas: o SETUR (Serviço Estadual de Turismo); a CITUR (Comissão Intersetorial de Turismo), órgão de apoio e de assessoramento integrado; e a CRTUR (Companhia Rio-Grandense de Turismo), com o objetivo de elaborar trabalhos para o SETUR.

No ano de 1972 criou-se o Curso Superior de Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o terceiro no país, além da fundação da EPATUR - Empresa Porto-Alegrense de Turismo, para o incentivo oficial do turismo na capital gaúcha. Um ano depois era inaugurado o Hotel Plaza São Rafael, o primeiro hotel cinco estrelas do estado. Resumindo, o Rio Grande do Sul, através de iniciativas públicas e privadas, cada vez mais

investia em turismo, além de contar crescentemente com profissionais capacitados para o empreendimento de projetos.

Nessa mesma década de 1970, datas importantes aconteceriam para a preservação da cultura rio-grandense, fatos estes apropriados para a exploração pelo turismo e áreas afins. No ano de 1974, era comemorado o sesquicentenário da imigração alemã para o estado, enquanto que, em 1975, relembra-se o centenário da imigração italiana. Como a política de preservar as raízes culturais do estado já se estendia por alguns anos (desde o tradicionalismo dos CTGs até as comemorações da Revolução Farroupilha e o aniversário de Porto Alegre), foi criado um projeto que buscasse, nessas duas datas, um elo de ligação responsável por uma série de eventos que tivessem em comum um mesmo elemento: a exposição das diversas etnias como formas representativas do multiculturalismo gaúcho.

Esse projeto se transformou no decreto nº. 22.410, de 22 de abril de 1973, pelo qual se *institui o Biênio da Colonização e Imigração e dá outras providências*. Em discurso pela instalação do Biênio, o então governador do Estado, Euclides Triches, destacou a importância desse projeto:

Queremos reavivar a lembrança e exaltar os feitos dos desbravadores, especialmente para as novas gerações, para as crianças, para os jovens, aos quais entregaremos um dia o Rio Grande. Queremos mostrar que os seres humanos passam, mas permanece indelével o ideal de construir uma civilização sólida e sadia e que vise, acima de tudo, o bem-estar da pessoa humana, a sua formação e a sua realização plena.

Surgia assim o Biênio da Colonização e Imigração, um superevento, com a duração de dois anos, constituído por várias comemorações, festividades, exposições e concursos, visando os aniversários de imigração das mais diversas etnias. O evento tinha como membros integrantes da Comissão Coordenadora, Victor Faccioni, seu presidente; Ruy Remi Rech, vice-presidente; Oswaldo Goidanich, coordenador geral e Ernesto Cros Valdez, atuando na coordenação executiva. No entanto, o Biênio viria a se dividir em diversas comissões, cada uma delas subdividida em diferentes tipos de eventos. Foram elas:

I - Comissão de Honra

II - Comissão Coordenadora

III - Comissão Executiva das Comemorações Luso-Brasileiras

Subcomissões: Festividades; Assuntos Culturais; Assuntos Históricos; Relações e Intercâmbio; Comitê de Imprensa

IV – Comissão Executiva dos Festejos de Sesquicentenário da Imigração Alemã

Subcomissões: Festividades; Assuntos Históricos e Culturais; Relações e Intercâmbio; Comitê de Imprensa

V – Comissão Executiva para as Comemorações do Centenário da Imigração Italiana

Subcomissões: Festividades; Assuntos Históricos e Culturais; Relações e Intercâmbio; Comitê de Imprensa

VI – Comissão Executiva de Homenagem às correntes imigratórias

Esta última comissão era composta por dez Grupos de Trabalho: Argentina, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Israel, Japão, Países Árabes, Polônia e Uruguai.

VII – Comissão Executiva para programações esportivas

VIII – Comissão Executiva de Homenagem ao Negro

Subcomissões: Festividades; Assuntos Históricos e Culturais; Relações e Intercâmbio; Comitê de Imprensa

IX – Comissão Executiva de Homenagem ao Índio

Somente nestas comissões e subcomissões, centenas de pessoas estiveram mobilizadas para a concretização do Biênio, tendo a Comissão Executiva, através da coordenação de Oswaldo Goidanich como seu organizador interno, elaborado um organograma e um plano de trabalho conjunto. Eis algumas das iniciativas da comissão executiva para a organização do evento:

- * recepção, análise e apreciação de toda correspondência oficial da Comissão Executiva;
- * promoção de distribuição de cartazes, folhetos e demais materiais de divulgação dos festejos, com responsabilidade quanto a sua entrega ou remessa;
- * recepção a personalidades e convidados oficiais da Comissão, bem como, dos artistas, conjuntos orquestrais, jornalistas e fotógrafos vindos do país e do exterior;

- * organização dos serviços de hospedagem e alimentação dos visitantes, fazendo a seleção dos hotéis e restaurantes;
- * organização dos serviços de transporte urbano ou intermunicipal;
- * elaboração das relações e fichários de visitantes, crachás, inscrições e outros elementos para sua identificação;
- * manutenção de um quadro de datilógrafos, arquivistas, recepcionistas bilíngües e mensageiros;
- * participação do Coordenador Geral ou seus pressupostos em todas as reuniões realizadas pela Comissão Executiva e pelas Subcomissões, fornecendo elementos de informação, esclarecimento e outros;
- * distribuição à imprensa, rádio e televisão, de todo o noticiário oficial da Comissão Executiva ou de responsabilidade do seu Comitê de imprensa;

Era vista, como prioridade para os festejos, a manutenção de contatos da comissão organizadora com representantes estrangeiros, naturais dos países homenageados, não só para os convites, como também para a divulgação dos eventos. Sendo assim, o governador Euclides Triches designou Oswaldo Goidanich como representante da comissão para o estabelecimento de contatos com a Alemanha, Itália, Áustria e Portugal. Com esta nomeação Goidanich realizou constantes viagens a esses países durante aqueles dois anos, mantendo contato com as mais diversas áreas, desde confirmações para apresentações musicais, como a da Orquestra de Câmara "Salzburg Solisten" da Áustria, passando por exposições, mostras e aquisições, como a réplica da *Pietà* para a igreja de São Pellegrino em Caxias do Sul, até relações comerciais, como aquelas com as Câmaras de Comércio do Vêneto e de Vicenza, além dos bancos Nazionale del Lavoro, de Roma, e Commerciale Italiana, de Milão.

O resultado do empenho da comissão organizadora pôde ser observado na programação do evento. Tendo-se em mente que os festejos durariam dois anos, estava claro que, ao menos o Sesquicentenário da Imigração Alemã, em 1974 e, o Centenário da Imigração Italiana, em 1975, seriam os momentos com maior concentração de atividades.

Sendo assim, a primeira grande celebração teve o seu início ainda em 1973, com a reunião do Cônsul Geral da República Federal da Alemanha e os membros das comissões do Biênio, visando medidas imediatas para um amplo

programa de comemorações, até o dia 21 de dezembro de 1974, com seu encerramento oficial através da inauguração do Monumento Estadual do Sesquicentenário da Imigração Alemã, em São Leopoldo. Esta etapa do Biênio tinha Rodolpho Englert como presidente da Comissão Executiva, e contava com os mais diversos integrantes nos mais variados setores de atuação. Sendo o dia 25 de julho a data magna do Sesquicentenário da Imigração Alemã, foi promovida, naquela dia, em São Leopoldo, uma cerimônia que reproduzia a chegada dos primeiros imigrantes alemães às margens do Rio dos Sinos e, em Novo Hamburgo, ocorreu a inauguração da Sesquibral – Exposição do Sesquicentenário da Imigração Alemã, com a finalidade de mostrar a evolução das empresas e a contribuição dos imigrantes alemães e seus descendentes para o desenvolvimento brasileiro. Esses dois eventos, que foram os pontos altos das festividades, contaram com a presença do Presidente da República, Ernesto Geisel, e o Governador do Rio Grande do Sul, Euclides Triches, além de ministros, senadores, deputados federais e estaduais, secretários de estado e outras altas autoridades. O evento ainda apresentou festejos esportivos, envolvendo atividades relativas a esportes como hipismo, ginástica e atletismo. Em setembro foi realizado o 1º Simpósio de História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul, em São Leopoldo, assim como encontros com empresários alemães, contando, entre estes, com a Confederação Alemã da Indústria. Ocorreu, também, o lançamento do selo comemorativo do Sesquicentenário da Imigração Alemã, além de concursos, promoções e apresentações artísticas, entre outros. Ao final das festividades Rodolpho Englert fez um discurso em que ressaltou a potencialidade deste tipo de evento:

Realizando-se dentro do Biênio da Colonização e Imigração, o Sesquicentenário da Imigração Alemã se constituiu, indiscutivelmente, na maior promoção que o Rio Grande do Sul já teve, em especial da República Federal da Alemanha. Nosso estado foi visitado por homens públicos, jornalistas, professores, cientistas, empresários, artistas, técnicos, esportistas, estudantes e simples turistas. Para a maioria, era um novo mundo que se abria, mostrando-se surpresos com a nossa realidade, confiantes com as nossas potencialidades e cativados com a hospitalidade do nosso povo.

No ano seguinte ocorria o Centenário da Imigração Italiana. Contando com Ottoni Zatti Minghelli como presidente da Comissão Executiva, a abertura oficial

do evento ocorreu em 7 de janeiro de 1975. Como partes integrantes do evento realizaram-se a Festa da Uva, em Caxias do Sul e a Festa Nacional do Vinho, em Bento Gonçalves, assim como o Simpósio Ítalo-Sul-Americano de Viticultura e Enologia, com a participação de três especialistas italianos. Abrindo o ciclo de estudos sobre a imigração, ainda raros até então, ocorreu o Seminário de História da Imigração Italiana, em Porto Alegre, e o I Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros, em Caxias do Sul, através da Universidade de Caxias do Sul.

Destacam-se ainda as exposições sobre a vida e a obra de Angelo Guido, no setor de artes plásticas, além da Mostra de Cinema Italiano, organizado pelo Clube de Cinema de Porto Alegre, e a I Mostra Fotográfica sobre a Região Italiana. Quanto a apresentações, promoveu-se em maio daquele ano, a “Noite de Integração Ítalo-Brasileira pela Música e pelo Folclore”, em Porto Alegre; o “IV Festival da Canção Popular Italiana”, em Nova Prata, assim como a apresentação dos conjuntos de câmara “Solisti Aquilani” e “I Musici”, ambos vindos da Itália. O ponto culminante do Centenário ocorreu no dia 20 de maio, em Nova Milano, então distrito de Farroupilha. No dia anterior chegava ao estado a Delegação Oficial do Governo da Itália às Festas do Centenário, contando com ministros, senadores e conselheiros da região do Vêneto. No dia 20, com a presença do Presidente da República, Ernesto Geisel, e demais autoridades brasileiras e italianas, foi lançada a pedra fundamental do Parque Monumento do Centenário, sucedido pelo hasteamento das bandeiras da Itália, do Brasil e do Rio Grande do Sul. Um dia depois era inaugurado em Garibaldi o busto de Giuseppe Garibaldi, oferta do governo italiano. Em números, a festividade trouxe 12 jornalistas italianos, que documentaram as promoções do Centenário, e mais de 500 empresários oriundos de diferentes regiões da Itália. O encerramento oficial das festividades ocorreu no dia 13 de dezembro de 1975, presidida pelo Governador do Estado, Sinval Guazelli, contando com a participação do Presidente Regional da Província do Vêneto, Angelo Tomelleri. Naquela solenidade foram inauguradas uma réplica do Leão de São Marcos e uma gôndola original, vinda de Veneza.

Como atividades que celebraram outras etnias, no ano de 1974, destacou-se a Semana Árabe, organizada pela Comunidade Sírio-Libanesa Rio-Grandense, entre 23 e 30 de setembro, com a inauguração da Praça Jorge Mansur Bastiani, a visita dos embaixadores árabes acreditados no Brasil e a

instalação de cursos para o ensino do idioma árabe. O período espanhol, de 5 a 14 de outubro, teve na sua programação um Festival de Documentários Cinematográficos e a visita do embaixador da Espanha no Brasil, Don José Perez del Arco, tendo como ponto culminante a inauguração de um busto de Miguel de Cervantes, na PUCRS, à frente do Instituto de Cultura Hispânica do Rio Grande do Sul. A Homenagem ao Negro ocorreu de 6 a 31 de outubro, com a eleição da Rainha “Boneca Café” das festividades; visita dos embaixadores da Costa do Marfim, Zaire e Nigéria, além da exposição de bibliografia, documentos e objetos relacionados ao negro no Rio Grande do Sul, realizada no Palácio Farroupilha. Já a participação inglesa contou com um concerto da “Northern Sinfonia Orchestra”; a França promoveu a inauguração da Praça Marselhesa; a participação do Uruguai se deu através da promoção da Semana do Uruguai, com inauguração de uma exposição com as obras do pintor Jorge Paes Villaró, entre outras atrações.

Ainda em 1975 festejou-se o Centenário da Imigração polonesa. Para esta celebração foram organizados Grupos de Trabalho em cidades como Erechim e Dom Feliciano durante a preparação do evento, que aconteceu desde 1974 e continuou até novembro do ano seguinte. Foi promovida também a Semana do Japão, com exibição de filmes e danças folclóricas no Auditório do Palácio Farroupilha em Porto Alegre, além da implantação da “Alameda das Cerejeiras”, no Parque Zoológico de Sapucaia do Sul. Celebrando 70 anos de fixação no estado, a Comunidade Israelita do Rio Grande do Sul se destacou com a visita do Coral do Instituto Israelita Brasileiro do Rio de Janeiro, com 150 participantes, e do embaixador de Israel no Brasil, Mordechai Schneierson. Atuando desde meados de 1974 até dezembro do ano seguinte, a Comissão Executiva de Homenagem ao Índio contou com o apoio de entidades como os Museus Arqueológico e Antropológico, existentes em Santa Cruz do Sul, Ijuí, Carazinho e Rio Pardo, entre outros, para celebrações espalhadas pelo estado, finalizando com a edição da obra **Econografia poética do índio no Rio Grande do Sul**.

O Biênio da Colonização e Imigração também realizou diversos concursos em conjunto com o Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria da Educação e Cultura, dividindo-os enquanto Concurso de Monografia sobre a Colonização Luso-Brasileira; sobre a Imigração Alemã; sobre a Imigração Italiana; sobre a Colonização e Imigração em geral; sobre a influência do negro

no estado, etc. Também foram realizados os Prêmios de Ficção e de Poesia “Biênio da Colonização”. Em conjunto com a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, a Comissão Central do Biênio realizou o Concurso de Composição Musical “Biênio da Colonização e Imigração”. Vale destacar que todos os concursos e premiações distribuíam prêmios em dinheiro para as três primeiras colocações.

Ao final de mais de dois anos de mobilização, levando-se em conta contratos, negociações, reuniões e tantos outros aspectos que mobilizaram centenas de pessoas em âmbito regional, nacional e internacional, ficou o registro de um estado que, ao buscar conservar suas origens culturais, atraiu muitos outros interesses socioculturais ao redor do continente e do mundo. Basta lembrar depoimentos como o de Victor Faccioni, presidente do Biênio da Colonização e Imigração, no seu discurso de encerramento das festividades.

O Biênio foi a oportunidade eloqüente de se afirmar, de público, aquilo que sempre esteve no sentir de todos os rio-grandenses. Foi, também, um movimento eminentemente dinâmico e criador, motivando as áreas mais diversas que dizem não somente com a pesquisa histórica, o culto à tradição, o estudo atento da nossa formação e do nosso desenvolvimento, mas, sobretudo, com a abertura de novas perspectivas ao nosso progresso e ao nosso enriquecimento socioeconômico e cultural.

D) Oswaldo Goidanich e a EMBRATUR

Em 1979, ao se aposentar do Touring Club e do serviço público, além de renunciar dois anos depois à presidência da OSPA, Oswaldo Goidanich chegava a uma nova etapa de sua vida. Sem assumir mais tantos compromissos profissionais simultaneamente, ele anunciava, no dia 6 de janeiro de 1981, sua contratação pela EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo, onde atuou nos dois primeiros anos como diretor-adjunto de planejamento, de nível A e, de 1983 em diante, como consultor técnico da Presidência, de Nível B.

Como realizações nesse ofício, destaca-se, em 1982, numa de suas visitas de trabalho ao Rio Grande do Sul, um levantamento que Goidanich fez do patrimônio histórico da capital gaúcha, visando a implantação de um Centro de Eventos. Nesse estudo defendeu o aproveitamento da antiga Usina do Gasômetro, até então desativada e abandonada, mas localizada num ponto estratégico da cidade:

Com o eventual aproveitamento da Usina do Gasômetro, propicia-se um passo importante para devolver o rio ao uso da população e do turismo. O Centro de Eventos será naturalmente o ponto de embarque e desembarque dos passeios turísticos fluviais que percorrem o belíssimo estuário do Guaíba e o delta do Jacuí e que se constituem numa das principais atrações turísticas de Porto Alegre.

Anos mais tarde a Usina do Gasômetro viria a se tornar um centro turístico e cultural referencial para Porto Alegre, além de vários outros projetos que ainda não se concretizaram, visando locais que se encontram no entorno da Usina do Gasômetro.

Alcançando a metade da década de 1980, Goidanich, ao deixar a EMBRATUR, resolveu se afastar da vida pública enquanto profissional. No setor de turismo, deixava como herança meio século de dedicação ao desenvolvimento turístico regional e nacional, atuando tanto em órgãos públicos quanto privados, além de ser nome sempre presente na realização de eventos e projetos sobre turismo. Em funções e cargos os mais variados, desde atendente de serviços turísticos, passando por gerente, diretor e consultor, mostrou, ao longo dos anos, domínio e visão sobre o turismo e as suas potencialidades. Como mostra das suas propostas, destaca-se uma palestra feita no dia 22 de julho de 1982, para a Escola Nacional de Informação, no Rio de Janeiro, em que expôs os condicionamentos para uma política nacional de turismo:

- * **Condicionamento cultural:** exprime-se pela subordinação de todos os programas de amparo ao turismo à política de preservação do patrimônio cultural, artístico, documental, paisagístico e natural do país;
- * **Condicionamento social:** caracteriza-se pela presença de uma forte dimensão social em todas as suas manifestações. Os resultados atingidos serão tanto mais profundos e duradouros quanto maior for o conteúdo social dos programas – em termos de abrangência dos valores a difundir e da democratização do seu acesso;
- * **Condicionamento econômico:** significa projetos e programas turísticos que deverão ativar e dinamizar os empreendimentos que existem no setor, com amplo apoio ao comércio, à hotelaria, à produção especializada e artesanal, aos transportadores, às agências de turismo e a quaisquer outras iniciativas válidas no setor, privadas ou públicas.

Goidanich ainda defendeu, como objetivos para a política nacional de turismo, o desenvolvimento do turismo interno, o estímulo ao turismo vindo do exterior para o Brasil e a preservação do patrimônio cultural e natural do país, através de nove políticas: proteção do patrimônio natural; divulgação e promoção dos valores culturais; incentivo ao turismo interno; estímulo ao turismo receptivo; política de promoção; política de recursos humanos; política de apoio à entrada de divisas; apoio à hotelaria de turismo; apoio às agências de viagem e transportadoras turísticas. Ao defender a “harmonização da ação governamental, nos seus três níveis (federal, estadual e municipal), com a do empresariado brasileiro, eis que surge o produto turístico mais fortalecido enquanto promoção”.

Idéias como estas fizeram dos cinqüenta anos de dedicação ao turismo, por parte de Goidanich, um acelerado processo de modernização e conscientização do turismo enquanto atividade socioeconômica e cultural. O que, nos primórdios dos anos 1930 e 1940, era uma novidade, com Goidanich e a sua geração de colegas pioneiros no turismo gaúcho, foi tendo ampliado o seu *status* como atividade profissional. Os anos 1970 e 1980 aparecem como um essencial complemento e evolução às iniciativas que fizeram do Rio Grande do Sul um estado com conscientização turística.

Com isto, as congratulações e homenagens à atividade profissional de Goidanich, no setor, vieram como conseqüência natural. Em 1972, foi eleito membro de um seletto grupo de vinte cadeiras na Academia Brasileira de Turismo, sendo que, quatro anos depois, em decorrência do Biênio da Colonização e da Imigração, recebia do governo italiano a condecoração de “Cavaleiro Oficial do Mérito da Itália”. Foi ainda paraninfo em duas formaturas na Faculdade de Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul nos anos de 1977 e 1982, recebendo, inclusive, o diploma “Amigo” da PUCRS, em 1992. Naquele mesmo ano recebia também o título de Patrono do Turismo Rio-Grandense. Eram reconhecimentos a um homem que, quando adolescente, não tivera intenções em atuar profissionalmente no turismo, mas que acabara por dedicar toda a sua vida e as suas iniciativas a esta atividade, consciente de que este era um campo de extraordinário potencial de desenvolvimento.

3. OSWALDO GOIDANICH E O JORNALISMO

No ano de 1937 Oswaldo Goidanich completava a sua segunda temporada como funcionário da seção do Touring Club no Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo em que, já naquela época, envolvia-se na organização das corridas de automobilismo pelas ruas da capital, também começava a ter um primeiro contato direto com o jornalismo. Desde 1935 Goidanich escrevia para e editava a Revista do Touring, no Rio Grande do Sul. Na revista encontram-se registros devidamente documentados sobre as realizações deste órgão turístico que, a pouco mais de dois anos da sua fundação, já desenvolvia no estado uma série de atividades de integração social.

Outra questão que fez do jornalismo um setor presente na juventude de Oswaldo Goidanich data do final de 1934 e verão de 1935, ao terminar o ginásio no Colégio Anchieta. Seu pai, Quintino Goidanich, possuía uma pensão na Rua Riachuelo. Bastante conhecida, não só pela rua ser referencial das pensões em Porto Alegre naquela época, mas também por fazer parte do centro da cidade, que então se resumia ao espaço físico entre a Praça da Matriz e a Praça da Alfândega, a pensão de Quintino hospedava um grande número de jornalistas solteiros. Nomes como Carlos Reverbel, Adão de Souza e Rubem Braga, entre outros que trabalhavam no Correio do Povo, Folha da Tarde e Diário de Notícias hospedavam-se na pensão do pai de Goidanich, o que fez com que o jovem, recém-saído do período ginásial, mantivesse contatos com jornalistas que, mais tarde, surgiram como grandes nomes na história da imprensa gaúcha e nacional, sendo alguns deles seus futuros colegas na profissão.

No entanto, o primeiro emprego de Oswaldo Goidanich na imprensa não aconteceu em decorrência da sua breve atividade jornalística, mas sim, através das suas realizações no turismo. Em maio de 1937 Goidanich foi contratado pelo jornal O Estado do Rio Grande para ser cronista esportivo, como ele próprio esclarece:

Através do turismo é que me encaminhei para o jornal. Bom, o Touring funcionava na Rua dos Andradas, onde hoje é a Casa de Cultura Mário Quintana e, a quatro casas adiante, funcionava O Estado do Rio Grande. Eu tinha já bastante atividades esportivas nessa época e o Luis Pinto Chaves Barcellos, que na época tinha feito uma cisão no esporte, criando as Ligas

Especializadas, por discordar da Confederação Brasileira dos Esportes, precisava da imprensa que o apoiasse. Como ele era libertador e grande benemérito de O Estado do Rio Grande, me pediu se eu poderia assumir a posição de jornalista de esportes do jornal. Aí, entrei como cronista esportivo n'O Estado do Rio Grande, em 1937.

O seu emprego em O Estado do Rio Grande não durou mais do que quatro meses. Após o anúncio do Golpe de Estado, proclamado pelo então Presidente da República, Getúlio Vargas, no dia 10 de novembro de 1937, surgia o Estado Novo, com uma série de repressões que diziam respeito à liberdade de expressão em vários setores da sociedade, incluindo diretamente as empresas jornalísticas.

Cheguei no jornal de manhã, e ao chegar, todo mundo estava reunido, ninguém trabalhava. Tinha havido o Golpe de Estado, o chamado Estado Novo. Eu perguntei *O que é que está havendo?* e um colega *Os homens (militares) estão aí reunidos com o Dr. Peres e o Dr. Mem de Sá.* Todo mundo estava na expectativa, até que, às dez horas da manhã, aparece o Mem de Sá, que era o secretário geral (o Peres era o diretor) e então ele disse: *Companheiros, O Estado do Rio Grande não vai sair hoje e talvez tão cedo não volte a circular. Os senhores voltem às suas residências.* Aí, depois, eu soube o que tinha acontecido. Os homens tinham estado lá e queriam ler o editorial do Raul Pilla. O Raul Pilla disse: *Os senhores me dão muita honra por esse interesse pelo editorial, mas os senhores aguardem um pouco porque nós pretendemos rodar o jornal às 11h e 30 min, devido à importância dos últimos acontecimentos que estão ocorrendo.* E eles: *Mas o senhor não entendeu bem. Nós não queremos ler o seu editorial no jornal, nós queremos ler o editorial antes de ser publicado no jornal.* E o Pilla: *Bem, mas eu não posso fazer isso, porque seria uma desconsideração com os demais leitores, que esperam para ler o editorial quando o jornal é publicado.* Aí os homens disseram: *Mas o senhor não entendeu, se nós não lermos o editorial, o jornal não sai.* E ele: *Então, os senhores podem ir embora, porque o jornal não vai sair.*

No dia 10 de novembro de 1937 O Estado do Rio Grande não foi publicado, vivendo assim vários anos de incerteza. Oswaldo Goidanich, ao ser entrevistado por Flávio Alcaraz Gomes, na TV Guaíba, no ano de 1993, disse ter imaginado que a sua carreira de jornalista terminasse ali. *O Brasil perdeu a liberdade e eu perdi o meu emprego*, afirmou.

Goidanich só voltaria a trabalhar na imprensa em 1940, mais de dois anos depois da extinção do jornal O Estado do Rio Grande. Ao encontrar Damasso Rocha, na Rua da Praia, Goidanich escutou o pedido do jornalista de que

precisava dele para a redação do jornal A Nação. Aceitando a proposta, ele foi então para o jornal A Nação e atuou durante um ano e meio como redator, ao lado de nomes como Josué Guimarães, Ernesto Cruz Valdez, João de Souza Ribeiro e Frederico Renato Mota, considerados como os novos nomes da vanguarda na imprensa gaúcha.

Porém, um fato seria decisivo para o seu destino no jornal:

*Depois que se terminava o serviço da redação, de noite, eu e o Josué Guimarães ficávamos fazendo brincadeiras na redação com as fotos dos acontecimentos do dia. O Josué gostava muito disso, abrir um *box* sobre uma pessoa e botar uma frase humorística. Ele depois explorou muito isso no Jornal do Xicote. Numa noite, nós tínhamos uma foto qualquer onde estava o Arcebispo Dom João Becker com o governador da época. Ele botou umas frases divertidas naquele *box* e fomos embora. Alguém achou aquilo e levou para o Cônego Sartori, que era a iminência parda do jornal. No outro dia, me disseram, eu já estava há quase três anos lá, *Senhor Goidanich, nós temos muito apreço pelo seu trabalho, o senhor trabalha muito bem, mas acontece que numa reunião ontem na Cúria, decidiu-se que a partir de hoje, no jornal A Nação, só vão trabalhar católicos praticantes, de maneira que o senhor vai ser dispensado.**

Ao serem dispensados do jornal, Goidanich e Josué logo em seguida foram para a Confeitaria Central no Largo dos Medeiros, na Rua da Praia, ponto de encontro de intelectuais e estudantes. Quando saíram da Confeitaria, já estavam novamente empregados, desta vez, no Diário de Notícias, através de Said Marques, secretário no jornal, meia hora depois das demissões de A Nação.

Em duas entrevistas dadas, uma em 1989 para Ivete Brandalise na Rádio FM Cultura, e outra em 1993 para Flávio Alcaraz Gomes na TV Guaíba, Goidanich cita com destaque o nome do jornalista Ernesto Correa, como o *homem que lhe ensinou praticamente tudo o que sabia hoje sobre jornalismo*. Foi nesse período no Diário de Notícias que Goidanich adquiriu todo o aprendizado que tanto atribuía a Ernesto Correa.

Permaneceu ali como redator, durante o período de um ano e meio, quando decidiu se mudar para a Companhia Caldas Júnior, com uma proposta, segundo Goidanich, irrecusável de trabalho no Correio do Povo. Quando Goidanich comunicou sua decisão para Ernesto Correa, este disse: *Vai, Goidanich, vai porque esta é a sina do Diário de Notícias, preparar jornalistas para o Correio do Povo.*

A) O Correio do Povo e Oswaldo Goidanich

A ressaca foi grande. A impressão acabou quase ao amanhecer e os três estavam exaustos. Mas, como se houvessem combinado, apenas *foram* até em casa. Metade da manhã já estavam de volta, angustiados para conhecer as reações do público, dos colegas, dos primeiros leitores e também, é claro, dos amigos e dos concorrentes (GALVANI, 1994, p. 49).

Assim surgia a primeira edição da nova fase do jornal Correio do Povo, que viria a fazer parte da até então invencível Companhia Jornalística Caldas Júnior. Fundado por Caldas Júnior, José Paulino de Azurena e Mario Totta, o Correio do Povo surgiu no ano de 1895, tendo como 1º de outubro a data da sua primeira edição. Como ressalta Sérgio Dillemburg, no livro **Correio do Povo, Histórias e memórias**, o Correio do Povo aparecia num momento turbulento na história do Rio Grande do Sul, *ainda sob os efeitos da Revolução de 1893, finda apenas um mês e oito dias antes do lançamento do jornal*.

O Correio do Povo começava então a fazer parte do cenário jornalístico de Porto Alegre, que incluía, dentre outros, o vespertino A Federação (do Partido Republicano), A Gazeta da Tarde, o Jornal do Comércio, O Mercantil, O Dia e A República. Ao articular a sua postura de neutralidade sobre os fatos, o jornal liderado por Caldas Júnior foi crescentemente ganhando espaço na imprensa porto-alegrense, até vir a assumir o conhecido *slogan* que o identificava, *o jornal de maior tiragem e circulação do Rio Grande do Sul*, surgido na edição do dia 1º de janeiro de 1899.

Esclarecendo em nota de rodapé no livro **Correio do Povo, um século de Poder** a questão das tiragens, o jornalista Walter Galvani afirma que *auditorias de tiragem e institutos verificadores de circulação não existiam, mas naquele tempo sabia-se que tonelagem de papel chegava para cada um dos concorrentes. Era só fazer as contas*.

Começava ali uma nova era no jornalismo porto-alegrense, a era da imprensa independente e profissional. Até se chegar ao ano de 1943, quando Oswaldo Goidanich ingressou no jornal, o Correio do Povo teve que enfrentar discussões públicas com os demais concorrentes, encarar dificuldades financeiras, assim como as trocas de sete diretores, a partir da morte de Caldas Júnior, em 1913. Entre 1895 e 1943, de qualquer modo, construiu-se a história de

um jornal que, até então, prestes a completar o seu cinqüentenário, era visto como o grande referencial de jornalismo impresso no Rio Grande do Sul.

Isto foi um dos fatores para que Goidanich não hesitasse em ingressar na Companhia Caldas Júnior, já no período em que Breno Caldas era seu diretor.

Eu tinha muito contato com o Correio do Povo pelo Touring, através das corridas de automóveis promovidas pela Folha da Tarde, e o Sadi era um elemento-chave dessas corridas. Um dia, ele me disse: *Olha, Goidanich, vai lá no Correio do Povo que o Doutor Breno Caldas quer falar contigo. E eu disse: Tudo bem.* Então, o Doutor Breno disse o seguinte: *Oswaldo Goidanich, eu gostaria que tu viesses trabalhar aqui conosco no Correio do Povo. Eu estou precisando de um repórter de setor. Eu não sei quanto tu ganhas no Diário, o que eu posso te oferecer são 700 mil réis. Se tu quiseres vir, nos darás muito prazer.* Eu disse: *Bom, não há nem o que discutir.* Eu ganhava no Diário de Notícias 350 mil réis. Além disso, chegar no Correio do Povo era o momento maior na carreira de qualquer jornalista que atuasse no meio. O Correio do Povo era o grande momento da vida da gente.

Foi então que, a partir do dia 15 de janeiro de 1943, Oswaldo Goidanich começou a exercer o cargo de repórter de setor. Ele ainda viria a ser chefe de reportagem e secretário de redação, até o ano de 1960, quando assumiu a gerência durante sete anos.

São conhecidas dentro do mundo jornalístico algumas reportagens suas sobre fatos que marcaram a história, como a que fez uma retrospectiva em 1945, sobre os cinquenta anos da reportagem investigativa no Correio do Povo, como parte das comemorações do cinqüentenário do jornal. Intitulada “Cinquenta Anos de Noticiário Emocionante nas Antigas Páginas do Correio do Povo”, Goidanich aborda, nesta reportagem de quatro páginas, desde o caso da *freirinha do convento do Carmo*, de 1895, até o tufão que, em 3 de setembro de 1928, abateu-se sobre Porto Alegre. Foi também o responsável pela reportagem especial sobre a inauguração de Brasília como capital do país, em abril de 1960.

B) Um novo desafio velho

No ano de 1960 Oswaldo Goidanich deixou o cargo que ocupava na redação, para assumir uma posição nova no seu histórico como jornalista, mas já antiga na sua carreira profissional: a gerência de promoções culturais. Na mesma

época de sua promoção, o nome de Goidanich já era referência quanto à criação de eventos que mobilizassem a sociedade. Até então, com mais de vinte anos como funcionário do Touring Club, e há um ano como diretor do Serviço Estadual de Turismo do Rio Grande do Sul, ele havia promovido, entre outras realizações, as corridas automobilísticas pelas pistas de rua de Porto Alegre, assim como o início da implementação do projeto de construção do Jardim Zoológico do Rio Grande do Sul. Em ambos os cargos, exerceu constantemente a função de idealizar eventos que consolidassem as entidades como promotoras culturais.

A pedido do jornalista Alcides de Oliveira Gomes, para o diretor Breno Caldas, Goidanich foi convocado para atuar na área das promoções do Correio do Povo. O objetivo era fazer promoções que aproximassem ainda mais o Correio do Povo dos seus leitores. Para isso acontecer, manteve-se e ampliou-se o “Concurso Correio/Folha”, grande sucesso da Companhia Jornalística Caldas Júnior, que existia desde 1937. Unindo o matutino Correio do Povo e o vespertino Folha da Tarde num único evento, a empresa conseguiu se integrar ainda mais ao imaginário cultural da sociedade porto-alegrense.

A exuberância econômica da Caldas Júnior botava na rua a maior de todas as promoções que realizou em sua história (...) O Grande Concurso Popular Correio do Povo - Folha da Tarde era um assombro: começava com duas casas, com móveis, geladeira, fogão e... rádio. O concurso envolvia o comércio, que procurava se estimular com a promoção. O cliente trocava suas notas de compra pelo mesmo valor em cautelares do concurso (GALVANI, 1996, p 64).

Oswaldo Goidanich, ao assumir a redação do Concurso Correio/Folha, chamou a atenção para um termo até então desconhecido no meio jornalístico gaúcho, mas que considerava ser uma *atividade que é a mola vital de qualquer negócio: o marketing*. Esta atividade existia desde o início do século XX quando em 1900 a Michigan State University estabeleceu o primeiro curso sobre o tema. Mas, cinquenta anos depois, Peter Drucker, com o livro **Prática de administração de empresas**, hoje um *best seller*, teorizou e elevou o significado do que é *marketing* como uma forma de articular idéias inovadoras. Drucker desenvolve o conceito do *marketing* moderno como sendo *o considerar a atividade a partir da postura do cliente e posicioná-lo no centro dos esforços de uma empresa*.

Ao encaminhar as idéias para os projetos do Correio do Povo, Goidanich começou então a executar uma série de eventos que trouxeram retorno para a Companhia, dentro dessa idéia que se aproxima muito do conceito de *marketing*. O próprio jornalista afirma:

O Concurso Correio/Folha funcionou com a intenção de promover o jornal. Naqueles seis anos que nós fizemos o concurso, realizamos uma série de coisas. Por exemplo, o Dia dos Namorados nasceu com o Concurso Correio/Folha. A Casa Masson tinha lançado a aliança sem solda e precisava de uma publicidade. Então, se fez, através do Concurso, com as cautelas, uma grande festa que eu apelidei de *Dia dos Namorados, dia dos corações*. Foi feita uma festa fabulosa no Cinema Rex, que era ali perto do Correio do Povo, onde sorteamos cinqüenta pares de alianças sem solda para os noivos que nos mandassem cupons, para nós sortearmos na hora. Foi uma festa tão fantástica esta que, terminadas as cinqüenta alianças, o Doutor Breno (Caldas) se entusiasmou e ofereceu mais cinqüenta alianças por conta do Correio do Povo. Só que o Concurso valia só para casais de noivos, só casais de noivos entravam ali dentro e de repente, tínhamos uns 500 casais de noivos. Então, aqueles que ganhavam as alianças, naturalmente as alianças eram latejadas pela sorte, aquilo era um prenúncio de um bom casamento. Mas aqueles casais que não ganhavam ficavam tristes. Então, o (Alberto) Pasqualini se entusiasmou e deu mais cinqüenta alianças por conta da Folha da Tarde. Nasceu aí o Dia dos Namorados em Porto Alegre, com o comércio começando a promover vendas no Dia dos Namorados.

Ainda nesta época, no decorrer da década de 1960, existia no prédio do Correio do Povo um auditório localizado no segundo andar, onde hoje se encontra a Rádio Guaíba, fundada em 1957. Nos praticamente dez anos em que existiu, Oswaldo Goidanich explorou as capacidades do auditório, ao comandar a sua programação com eventos que mantinham o prédio bastante ativo, culturalmente. Nesse local, realizaram-se diversas exposições de artes plásticas, promovidas em conjunto com a Associação de Artes Plásticas Francisco Lisboa. Foi também ali que se fundou o Clube de Cinema de Porto Alegre, no ano de 1948, após encontros que aconteciam para exposições de filmes. Mas o auditório não se limitava ao campo das artes, como salienta Goidanich:

Outra coisa que nós fazíamos era a Exposição de Orquídeas, que era um acontecimento sensacional na vida da sociedade (...) Aquele auditório ficava repleto de orquídeas vindas de todos os municípios em torno de Porto Alegre e as filas para ver as orquídeas desciam as escadas do Correio do Povo,

prolongavam-se pela Rua dos Andradas e seguiam até o quartel-general, umas três, quatro quadras depois.

Oswaldo Goidanich voltou para o setor de redação do jornal em 1967 como substituto de Carlos Reverbel. Assim como em 1960, ele retornou sete anos depois ao seu posto de redator, já com idéias que, agora em conjunto com Paulo Fontoura Gastal, atingiriam não só a intelectualidade gaúcha como também, ainda mais, a produção cultural do Correio do Povo.

C) O “Caderno de Sábado”

Desde o ano de 1899 o Correio do Povo incluiu diariamente, na sua linha editorial, um espaço para o setor cultural. Surgia no dia 1º de outubro daquele ano, a seção “Poetas do Sul”, reservada a informações e publicações de poetas. No entanto, era apenas o começo de um setor no jornal que marcou desde então a sociedade gaúcha.

Sem saber, inaugurava-se um procedimento que permaneceria vivo por mais de 80 anos: tornar aquela Casa o recanto adequado para os intelectuais do estado, as colunas daquele jornal o canal permanente de lançamento, promoção e realização dos melhores talentos literários do Rio Grande do Sul. Desde então, não haveria grande, médio ou modesto escritor rio-grandense que não houvesse, de uma forma ou de outra, transitado pelas páginas do Correio. Assim foi com Manoelito de Ornellas, Moysés Vellinho, Alcides Maya, Augusto Meyer, Raul Bopp, Vianna Moog, Mário Quintana e Erico Verissimo, ou mesmo nos casos mais recentes, Luis Fernando Veríssimo, Moacyr Scliar, Assis Brasil, Arnaldo Campos, Laury Maciel, Itálico Marcon, Carlos Nejar e tantos outros (GALVANI, 1994, ps. 90-91).

A transformação do Correio do Povo em referência na imprensa gaúcha deve ser creditada, em boa parte, ao setor cultural do jornal. Após ser institucionalizado efetivamente na década de 1930, através dos suplementos culturais e com uma política de incentivos para a publicação de textos da intelectualidade gaúcha, o Correio do Povo começava a marcar história na vida cultural rio-grandense.

Uma das causas para a criação do suplemento cultural “Caderno de Sábado”, três décadas depois, foi decorrência do desenrolar de gerações que acompanhavam o Correio do Povo. Quando Oswaldo Goidanich saiu da gerência

para voltar à redação, ele logo assumiu a página literária do jornal, substituindo Carlos Reverbel. Goidanich já tinha a intenção, naquela época, de transformar a página literária em um suplemento que se dedicasse às letras e às artes. Até então, conseguira apenas a aprovação do diretor Breno Caldas para uma página a mais nas edições de sábado, totalizando duas:

Mesmo assim, em minhas gavetas, iam se acumulando originais que dariam para fazer as páginas por muitos e muitos anos. A situação me preocupava, a maioria dos colaboradores se queixava porque os seus trabalhos não eram publicados.

Paulo Fontoura Gastal, crítico de cinema e editor da página diária de notícias culturais, sofria junto comigo. Gastal, apesar do seu temperamento irascível, escondia um coração de ouro e os moços intelectuais confiavam nele (DILLEMBURG, 1997, p. 134).

Na mesma época, por volta dos anos 1960, o Correio do Povo começou a adotar o formato tablóide, até então inédito, para um suplemento dedicado a questões rurais, intitulado “Correio Rural”, editado até o encerramento das atividades do jornal. Enquanto isso permanecia a disposição em fazer igualmente um outro suplemento, só que relacionado à cultura.

Gastal, Duarte (Júlio) e eu (Oswaldo Goidanich), resolvemos ir ao Doutor Breno expor a idéia do suplemento cultural. Ele a acolheu bem, mas apontou obstáculos intransponíveis de ordem técnica: a edição dominical absorvia toda a capacidade da oficina, a partir de sexta-feira. Não havia como compor e encartar um novo suplemento, aos sábados. E assim, sem aprovar nem desaprovar, o Dr. Breno deixou a nossa proposição em banho-maria (DILLEMBURG, 1997, p. 135).

Passaram-se meses desde o pedido oficial feito pelos três jornalistas. Mas, ao chegar o ano de 1967, mais precisamente no final do mês de setembro, a questão seria resolvida.

Meses depois, coincidiu que eu (Oswaldo Goidanich) entrasse no elevador, indo da redação para o térreo, ao mesmo tempo que o dr. Breno. Eu sempre disse que o elevador era o melhor lugar para se resolver as coisas no Correio. Pois ali, o dr. Breno não tinha mais do que doze segundos para tomar uma decisão, era o tempo que se levava para ir do térreo ao primeiro andar ou vice-versa [sic]. E não deu outra. Mal acionei o botão para descer, ele se voltou para mim e anunciou: *Goidanich, aquele suplemento de vocês começa a sair no sábado. – Que sábado?* Perguntei eu perplexo. Estávamos numa quinta-feira, às onze horas da manhã, e eu tinha recém-terminado de fechar, na oficina, as duas páginas literárias. –*Neste sábado. Fala com o Júlio Duarte*

e acerta tudo. Assim, sem mais nem menos. E abrindo ele mesmo a porta do elevador, completou: - *Sábado, depois de amanhã...*

Eu nem desci. Voltei à redação como um foguete. Dei ao Gastal, estatelado, a boa nova. E, em menos de 24 horas, tivemos de fazer tudo. Partimos para a concepção editorial e gráfica do suplemento. Quanto ao nome a ser dado, preferimos o óbvio: “Caderno de Sábado”. Desmanchei as páginas literárias já prontas, aproveitei a matéria, e aquela que dormitava nas minhas gavetas começou a ter vez. Os primeiros instantes foram de pânico, logo transformado num crescente sentimento de alegria. Meia noite, o suplemento estava definido, diagramado, composto, paginado e pronto para a rotativa (DILLEMBURG, 1997, p. 135).

A primeira edição despontou no dia 30 de setembro de 1967. Desde a sua criação, através das mãos de P. F. Gastal e Oswaldo Goidanich, o “Caderno de Sábado” trouxe alguns fatores que norteavam a sua execução editorial: não se vinculavam propagandas no suplemento e a parte gráfica seria sempre no mesmo formato, para a consolidação da sua identidade. Este espaço dos sábados, no seu formato tablóide, também deveria trazer uma interação informativa entre as mais diversas áreas da atividade cultural. Passando pelos campos da arte (teatro, cinema, literatura, música, dança), prosseguindo pelas ciências sociais (sociologia, filosofia, antropologia), chegando a áreas como arquitetura, astronomia, geografia e história, o “Caderno de Sábado”, ao estabelecer uma relação de complexidade, interligando, num mesmo suplemento, áreas de conhecimento que aparentemente não se relacionavam, trouxe uma ampliação para o conceito de cultura.

Surgia, assim, um suplemento que marcaria a história da imprensa gaúcha. A partir da publicação de textos de nomes já consagrados na vida cultural gaúcha, como é o caso dos historiadores Francisco Riopardense de Macedo e Walter Spalding, dos escritores Erico Verissimo e Raul Bopp, além de nomes que surgiam no meio intelectual e que depois se tornaram conhecidos do grande público, como os de Caio Fernando Abreu e Armindo Trevisan, o “Caderno de Sábado” tornou-se, ao longo dos anos, uma referência documental histórica, do final dos anos 1960 até o início dos anos 1980.

Existiram ainda algumas edições especiais, quando, sob diferentes perspectivas, enfocavam-se determinados temas como, por exemplo, a edição de nº. 210 do dia 5 de fevereiro de 1972, na qual se apresenta um minucioso

levantamento sobre o patrimônio histórico e cultural da cidade de Porto Alegre. Realizado por uma Comissão Especial, criada pelo governo da época, e tendo como coordenador Oswaldo Goidanich, como redator geral o historiador Francisco Riopardense de Macedo, além de Paulo Fontoura Gastal, Telmo Lauro Müller e Dante Barone, esta edição do suplemento foi a publicação, para os leitores, do Relatório Final da Comissão.

O “Caderno de Sábado” também acompanhava, através de cobertura jornalística, eventos culturais que movimentassem não somente o Rio Grande do Sul, como também o Brasil. Seja a Feira do Livro de Porto Alegre e/ou a Bienal de São Paulo, os eventos que envolviam a sociedade e o meio cultural sempre tinham destaque ao lado das atualidades. Em contraponto, também existiam textos de revisão histórica que abordavam desde fatos como os cinquenta anos da Revolução Russa, até o aniversário de dez anos da era espacial, além de temas como a história da música, entre outros.

Ney Gastal, filho de P. F. Gastal, e integrante do setor responsável pelo suplemento cultural, recorda um acontecimento:

O Goida tinha uma história de que um dia saiu do aeroporto e pegou um táxi junto com o pai (P. F. Gastal). Ele e o pai começaram a conversar, até que o motorista se virou para eles e disse: Ah, os senhores fazem o “Caderno de Sábado?” E eles disseram: É, a gente trabalha no Correio do Povo. E o motorista: Pois é, eu estou guardando o “Caderno de Sábado” dede o número um. Eu tenho uma filha que agora tem cinco anos e quando ela nasceu, um mês depois, começou o “Caderno”. Eu, há cinco anos, estou guardando todos para quando ela for grande, ela poder ler.

Oswaldo Goidanich dificilmente escrevia textos para o “Caderno de Sábado”, atuando mais como editor, embora isto não o impedisse de publicar alguns, como “Bico de Pena”, na edição de número 15, do dia 13 de janeiro de 1968.

Foi no “Caderno de Sábado” que Goidanich não só se despediu do Correio do Povo, como também de sua carreira profissional no jornalismo, em 1974, deixando assim o legado de um suplemento que marcou época. No entanto, Ney Gastal aponta:

O que é sair do “Caderno”? Ele saiu na realidade do jornal, ele não saiu do “Caderno”. Ele nunca saiu, ele parou de diagramar,

mas ele passava lá uma vez por semana e dava palpites, levava textos, sugeria coisas. Ele se demitiu, mas não *desgrudou*... o Goida tinha idéias e tocava idéias.

O “Caderno de Sábado” circulou até o ano de 1981, tendo sua última edição publicada no dia 10 de janeiro. Seis meses após o seu fim, o suplemento foi substituído por um outro, intitulado “Letras & Livros”, editado por Jayme Copstein. Perdurou até o a data de 14 de abril de 1984, quando o próprio jornal deixou de circular. Mas a história não só conserva suas centenas de edições, como também o legado de ter revelado tantos nomes que atualmente representam a cultura gaúcha.

D) O fim de uma era

Ele (Breno Caldas) não parecia tenso. Com seu habitual e antigo pulôver de cachemira [sic] azul, rosto fechado mas com os olhos brilhantes, comunicou ao grupo, que se reuniu quando passavam vinte minutos do meio dia, que a empresa decidira *suspender a circulação dos jornais* a partir daquela data. Perguntando se *suspender* queria dizer retorno em breve, encolheu os ombros e disse: __ Isso vamos ver, meu filho (GALVANI, 1994, p. 483).

A década de 1980 para a Companhia Caldas Júnior pode ser vista não só como um período conturbado mas também como um período de transformações. Essa fase se iniciou em 1979, quando o diretor Breno Caldas inaugurou oficialmente a TV2 Guaíba, fazendo então com que a Caldas Júnior iniciasse a execução de um investimento em mais um setor da comunicação, a emergente televisão. Surgia naquele momento uma aposta que estava sendo planejada há mais de dez anos.

Ao chegar 1980, Breno Caldas decidira extinguir a Folha da Manhã, após onze anos de existência. Colocava-se assim um final naquela questão que dividia opiniões:

No dia 12 de novembro de 1969, reviravolta política na Caldas Júnior, que coloca nas bancas a Folha da Manhã, sob o comando do experimentado José Erasmo Nascentes, com talentos em sua equipe do porte de Núbia Silveira, Geraldo Canalli e Jefferson Barros. Apresentava-se como uma alternativa para capturar o público jovem que, evidentemente, não estava mais sendo cooptado pelo Correio do Povo.

Enquanto os três jornais da Caldas Júnior conviveram, apesar de todo o desperdício de dinheiro e de talentos, e o ataque em três frentes com a conseqüente dispersão de esforços, ainda foi possível manter-se a empresa à tona... (GALVANI, 1996, p. 143).

Questionado por Sérgio Dillemburg a respeito do rumo que a Companhia Caldas Júnior levava desde a década de 1960, Oswaldo Goidanich usou a expressão *autofagia* para sintetizar um dos principais motivos para a crise da empresa, vinte anos depois.

Primeiro foi o ato de burrice de tirar da Folha da Tarde o que ela tinha de melhor, a sua completa e excelente cobertura esportiva. O aparecimento da Folha Esportiva, de manhã, privou os leitores da Folha da Tarde da sua habitual e completa informação sobre o esporte. E o que é pior: para tê-la, passaram a ter de comprar dois jornais!

A Folha Esportiva foi um jornal que nunca disse a que veio e serviu apenas para enfraquecer a Folha da Tarde. E, como saía de manhã, também o Correio do Povo. Aí vem o segundo ato de autofagia. A Folha tinha seu espaço vespertino, no qual reinava soberana. Saía quase sempre entre uma e duas horas da tarde e atingia o público leitor da Grande Porto Alegre, onde era disputada não somente pelos que a liam durante o almoço, como pelos que regressavam para casa à tarde, após o trabalho. Então, sem que jamais se soubesse a verdadeira razão, a Folha deixou de ser um jornal vespertino e passou a sair de manhã, juntamente com a Folha Esportiva e o Correio do Povo! Três jornais da mesma empresa, à mesma hora, concorrendo entre si na venda avulsa.

E, então, veio a burrice final que foi o lançamento da Folha da Manhã, um matutino que tomou o lugar da Folha Esportiva. E o Correio viu-se enfrentando um concorrente saído das suas próprias entranhas! As notícias tinham, muitas vezes, a mesma redação nos três jornais da Caldas Júnior. Faziam-se com cópia. Só o pessoal da Folha da Manhã tentou fazer um jornal mais dinâmico, copidescando os textos para fugir à incômoda semelhança. A Caldas Júnior chegou, assim, a uma autofagia absurda. Os seus veículos engolindo-se uns aos outros. A já escassa receita da venda avulsa repartida por três, pois saíam todos no mesmo horário da manhã. A alegação de que o transporte dos jornais se simplificava chega a ser pueril diante dos prejuízos que essa sucessão de erros trouxe: perda de espaço, perda de prestígio, perda de leitores (DILLEMBURG, 1997, ps. 144-145).

Acontecia assim a conseqüência de um elemento até então, em muitos anos, inusitado para a Companhia Caldas Júnior: a falta de dinheiro. O início dos anos 1980 foi marcado por empréstimos e dívidas que a empresa acumulava. O Banrisul anunciava uma dívida de 10 milhões de dólares em fevereiro de 1983. A mesma questão se estendia para instituições como a Caixa Econômica Federal e

o Banco do Brasil. Tudo isto acontecia ao mesmo tempo em que se devia manter os investimentos de um complexo comunicacional que até então era composto pelos jornais Correio do Povo e Folha da Tarde, pela Rádio Guaíba e pela TV2 Guaíba, isto sem falar dos funcionários, responsáveis pela execução desta diversidade.

Estes mesmos funcionários expuseram publicamente a crise que já habitava diariamente a companhia, e que começava a atingi-los:

Tinha significado extra este custo (custo do papel), porque a crise financeira aprofundara-se de tal forma que o próprio Francisco Antonio Caldas tivera que avalizar um título, penhorando bens, para obter 55 milhões de cruzeiros e esse dinheiro não fizera desaparecer a pressão externa.

Servira para alguns vales. O pagamento dos funcionários, desde maio (1983), justo na data em que Falcão se sagrava campeão italiano, começara a atrasar, surpreendendo os menos informados.

Aos poucos, o pagamento passou a se produzir fora dos prazos, depois com *vales*, mas que não significavam nenhum *adiantamento*. Ao contrário: eram o bilhete de atraso... (a situação penosa arrastou-se um ano inteiro) (GALVANI, 1994, ps. 450-451).

O auge desta crise veio a ocorrer no dia 12 de dezembro de 1983, quando grande parte dos funcionários da Companhia Caldas Júnior decretou greve, a primeira na história da empresa. Nomes como o de Mário Quintana e Paulo Fontoura Gastal aderiram ao protesto pelos salários atrasados, embora o Correio do Povo continuasse a ser editado, não sem antes deixar um comunicado para seus leitores:

Esta edição do Correio do Povo sai hoje em proporções reduzidas como consequência de um movimento paredista que afetou alguns departamentos de nosso complexo industrial, nas primeiras horas da noite de ontem, segunda feira.

Pedimos a nossos leitores, assinantes e anunciantes que relevem as faltas e omissões, que não de notem, e que nos dêem compreensão e apoio para que possamos, o mais breve possível, repor nosso jornal dentro dos padrões habituais (GALVANI, 1994, p. 453).

Surgia ali o fim de uma era na Companhia Caldas Júnior. Funcionários divididos em prós e contra a greve, além de dívidas pendentes, a serem cumpridas somente com a possibilidade de acordos e mais empréstimos, já que a situação financeira da empresa a cada dia se complicava mais. O Correio do

Povo do ano de 1983 em quase nada se assemelhava àquele jornal que há trinta ou vinte anos atrás fazia Oswaldo Goidanich defini-lo como um *clube*.

Bem, o Correio não foi apenas o jornal em que eu trabalhava, mas o meu clube, na perfeita acepção da palavra. Um clube onde eu ia todas as noites para encontrar os meus amigos mais chegados, saber as últimas notícias, ler os jornais do país e do exterior, ouvir a anedota do momento ou a versão, não publicável, mas muitas vezes verdadeira, de um fato notório – pois numa redação de jornal tudo se sabe. Um clube, enfim, onde eu não pagava mensalidade. Eles é que me pagavam. Havia, obviamente, o trabalho árduo da redação à época, muito diferente de hoje. A gente começava cedo e saía madrugada alta, às vezes levando já o jornal impresso debaixo do braço (DILEMBURG, 1997, p. 132).

Ao ser colocada esta questão para o jornalista Walter Galvani, ele não só confirma como também acrescenta que *este clube era de tal maneira um clube mesmo que, quando o Correio do Povo deixou de circular em 1984 e foi feita, naturalmente, uma auditoria nas contas, porque a empresa pediu concordata, verificou-se que inúmeros funcionários da casa estavam com salários adiantados em 4, 5, 6 meses, para você ter uma idéia de como isso era uma espécie de clube, porque a pessoa se apertava, era um clube e um banco, mas um banco camarada, não um banco no regulamento que um banco tem que funcionar.*

Oswaldo Goidanich acompanhou apenas de longe o desenrolar desses dramáticos últimos anos da Companhia Caldas Júnior sob a direção de Breno Caldas. Havia se afastado do Correio do Povo e se aposentado da carreira de jornalista em 1974, alegando estar *assoberbado de compromissos na direção do Touring, na época em que construía a sede da Avenida João Pessoa, assim como a Coordenação Geral do Biênio da Colonização e Imigração e a Presidência da OSPA*. Fora uma *difícil decisão*, como ele afirmou. No entanto, sua permanência afetiva perdurou durante os anos seguintes, sendo constantes as suas visitas ao prédio do Correio do Povo. Isso lhe possibilitou ter um distanciamento maior para analisar essa crise, como é o caso da greve, que se encerrou no mês de fevereiro de 1984 com os profissionais retornando ao trabalho.

Goidanich também acompanhou, como grande parte da sociedade gaúcha, a suspensão da circulação dos jornais da Companhia Caldas Júnior, no dia 16 de junho de 1984, decidida pelo diretor Breno Caldas, bem como, no dia

30 de setembro de 1985, a falência oficial da empresa. Mas o Oswaldo Goidanich, leitor do Correio do Povo, também se alegrou com o renascimento do jornal mais tradicional do estado, em 31 de agosto de 1986 quando, sob o comando do seu novo diretor, Renato Ribeiro, ganhava vida nova. Com a saúde financeira recuperada, mediante a quitação das dívidas feita pelo seu novo proprietário, que também era empresário rural, o Correio do Povo surgia com uma nova filosofia de conduta empresarial que marcaria o seu sucesso nos anos seguintes, à medida que readquiriria o título há tanto tempo usado como *o jornal mais lido pelo Rio Grande do Sul*.

Em 1987 Goidanich e os demais leitores viriam a se surpreender com uma alteração estética fundamental para a compreensão do que hoje pode se colocar como a *personalidade* do novo Correio do Povo, como o próprio ex-jornalista afirmou:

É claro que, quando recebi o Correio em formato tablóide, tive uma impressão penosa, porque estava habituado a lê-lo em tamanho grande. Fiz toda a minha carreira no antigo Correio e lembro-me de que o dr. Breno costumava se referir à Zero Hora como *um jornal de meias páginas*. Ao fim de uma semana, porém, que foi o tempo que eu precisei para assimilar o novo formato, estava plenamente convencido de que o sr. Renato Bastos Ribeiro, a quem não conheço pessoalmente, havia dado uma bela tacada. E explico por quê: o Correio do Povo que recebo hoje em minha casa, pontualmente, todas as manhãs, é uma súmula dos principais acontecimentos cotidianos, uma síntese completa das notícias do dia, ao qual nada falta (DILLEMBURG, 1997, p. 137).

O que poderia ter sido uma melancólica derrocada de uma era na vida da Companhia Caldas Júnior no início da década, durante os mesmos anos 1980 transformava-se na esperança de uma nova era, estando em dia com o mercado empresarial e industrial dos meios de comunicação no estado e no Brasil.

Goidanich faleceu antes do centenário do Correio do Povo, completado em outubro de 1995, com a perspectiva de um jornal que voltava a ser líder em vendas no Rio Grande do Sul. O seu legado para a empresa não foi esquecido por aqueles colegas remanescentes do *clube*, como o jornalista Walter Galvani que, em 8 de outubro de 1995, escrevia uma reportagem comemorativa ao aniversário centenário do jornal, intitulada “Contribuição à Cultura e Turismo”, na qual destacava Oswaldo Goidanich e Paulo Fontoura Gastal como *símbolos não*

excludentes, mas significativos de todos os demais (...) personagens (...), pensando em termos de relacionamento com a intelectualidade rio-grandense.

4. OSWALDO GOIDANICH E SUA RELAÇÃO COM AS ARTES

Desde a sua infância, até pouco antes de falecer, em 1995, Oswaldo Goidanich foi uma pessoa que sempre atuou ou acompanhou projetos e eventos relacionados às artes, seja em nível regional, nacional ou internacional. Entre as suas idas à biblioteca e ao cinema, na infância, passando pela atuação artística e a organização de eventos, na sua carreira profissional, além de cargos em órgãos ligados a arte, Goidanich é um nome corrente nesta área.

Ao se envolver com o cinema, foi um dos responsáveis pela criação do Clube de Cinema de Porto Alegre, no ano de 1948, atuando em conjunto com Paulo Fontoura Gastal, sendo que o clube é hoje o mais antigo em atividade no Brasil. Como outras realizações significativas, organizou o Festival de Cinema de Mar del Plata, no ano de 1951, evento este que contou com a pré-estréia mundial de **Umberto D**, filme do cineasta Vittorio de Sica, um dos maiores representantes do neo-realismo italiano. Em conjunto com Paulo Fontoura Gastal, criou e organizou o Festival de Cinema de Gramado em 1972, evento que, ao longo dos anos, tornou a cidade da serra gaúcha referência em relação à sétima arte, vindo a ser um dos principais festivais de cinema do país. É também de sua autoria a iniciativa para a vinda do diretor italiano Alberto Lattuada, no ano de 1975, para o Rio Grande do Sul, como um dos eventos que celebraram o centenário da imigração italiana no Estado.

Ao longo da sua carreira profissional, Goidanich agiu diretamente como promotor cultural, como é o caso da criação do suplemento cultural “Caderno de Sábado”, do jornal Correio do Povo, em 1967, incentivando artistas e pensadores das mais variadas artes a manifestarem suas idéias e criações. Entre outras realizações, os seis anos [1968 – 1973] em que atuou como Diretor de Atividades Culturais da Assembléia Legislativa, assim como fez parte de conselhos estaduais da Secretaria da Cultura, durante as décadas de 1960 a 1980. Foi o coordenador no ano de 1971 da Comissão Especial de Estudos de Levantamento e Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Rio Grande do Sul,

constituída para realizar estudos sobre instituições culturais do estado, em conjunto com o historiador Francisco Riopardense de Macedo, Ado Malagoli, Dante Barone e do jornalista Paulo Fontoura Gastal. Destaca-se também a sua atuação como Diretor da Associação Riograndense dos Festivais de Coros, na década de 1960, e Membro da Comissão de construção do Auditório Araújo Viana no Parque da Redenção em 1964, local que mais tarde veio a se tornar referência para apresentações artísticas em Porto Alegre. Goidanich elaborou ainda o Projeto dos Estatutos da Fundação Theatro São Pedro.

No entanto, sua colaboração para o campo das artes não termina por aí.

A) A Associação Francisco Lisbôa

A década de 1940 marca, para Oswaldo Goidanich, o seu envolvimento direto com as artes plásticas no Rio Grande do Sul. Seja como expositor em mostras, passando por curador em exposições, sua participação foi constante nos acontecimentos relativos à pintura.

Esses mesmos anos 1940 caracterizaram-se como tempos de renovação e questionamento nas artes plásticas. Carlos Scarinci afirma, no livro **A gravura no Rio Grande do Sul**, que o ano de 1940, ao coincidir com o aniversário do bicentenário de fundação de Porto Alegre, trouxe a oportunidade de se convidar o pintor gaúcho, então residente em São Paulo, Carlos Scliar, e os demais modernistas paulistas, para exporem na capital gaúcha. Naquele momento surgia o primeiro contato com a vanguarda das artes no país, com representantes, inclusive, da Semana de Arte Moderna de 1922, como Oswald de Andrade.

Dois anos antes, em 1938, fundara-se a Associação de Artes Plásticas Francisco Lisbôa, tornando-se uma contraposição estética e artística ao Instituto de Belas Artes. Nos seus primeiros anos, a Associação era constituída principalmente por desenhistas da editora do Globo, como Gastão Hofstetter, Nelson Boeira Faedrich, Carlos Scliar e outros. Sem definir uma posição de classe, com teor ideológico diluído, a entidade apenas se propunha a “preencher uma antiga lacuna...”. Sobre a informalmente chamada Associação Chico Lisbôa, Goidanich reflete a respeito da sua importância:

Naquela época, as artes plásticas da província não estavam ainda infestadas pela praga das “galerias de arte” e dos “marchands” que hoje regulam o mercado e mantém [sic] os artistas isolados uns dos outros. A Chico Lisbôa, para um estreante, era a oportunidade de participar, de aparecer. Os salões da Chico Lisbôa serviam aos primeiros passos de muitos e à consolidação de reputações artísticas, já a caminho da plena maturidade. Nunca houve na Chico Lisbôa preconceitos nem limitações em matéria de manifestação artística. Mas a Chico Lisbôa era abertamente contra o ranço do academismo oficial e produzia, como um todo, uma arte arejada e que desejava ser da sua época.

Goidanich ingressou na Associação Francisco Lisbôa nos seus primeiros anos de atividade, através do amigo, artista plástico e um dos fundadores da associação, Edgar Koetz. Ao manter um contato mais próximo com a classe artística, em conjunto com representantes da associação, como o próprio Edgar Koetz, Guido Mondin e João Faria Vianna, Oswaldo ajudou a montar um dos mais controversos salões de artes plásticas do estado. Intitulado 1º Salão Moderno de Artes Plásticas, realizado no início do ano de 1942, a mostra surgia como uma reação ao modernismo vanguardista do centro do país. Por isso mesmo, os questionamentos começaram a partir da ausência de Carlos Scliar, representante do modernismo, mas fora de uma mostra que se denominava modernista. Goidanich esclarece este aspecto:

Quem teve a idéia de fazer o Salão foi o Vianna. Professor excelente e disciplinador autocrata de dezenas de jovens bem dotados para o desenho, Vianna não aceitava a arte moderna que se fazia no centro do país (embora ele mesmo admirasse Picasso, Matisse e tantos outros modernos). E desconfio eu que não a aceitava, apenas porque Carlinhos Scliar, ovelha tresmalhada do seu rebanho, rompera as amarras que o prendiam ao seu férreo professor e, com inegável talento que o tempo só amadureceu. Vianna não podia admitir isso. E planejou o Salão de Arte Moderna com a intenção única de alfinetar o Scliar.

Goidanich participou do salão com dois quadros: *O Ovo de Colombo*, sua primeira tela como pintor, e *Rhapsody in Blue*. Este primeiro, colocado na entrada do Salão, veio a provocar uma notícia no dia 7 de janeiro de 1942, intitulada, *Entre “moderno” Ovo de Colombo e o fresco “Souvenir de Isadora”*. A nota revelava que *alguns artistas resolveram rir à custa dos pseudo-críticos e dos admiráveis poseurs e apresentaram aquela impagável demonstração de...*

gaiatice”. Reforçando esta idéia, Goidanich esclarece sobre o porquê de sua participação:

Eu me envolvi nele (Salão de Arte Moderna), fascinado pela molecagem. A idéia era passar um grande blefe no meio provinciano, nos intelectuais medalhões, na crítica desavisada. E diga-se, a bem da verdade, que o 1º Salão de Arte Moderna do Rio Grande do Sul teve uma organização pra valer. Trabalhamos com seriedade. No início, o grupo era muito reduzido, mas foi impossível manter completamente o segredo das verdadeiras intenções do Salão e muita gente foi aparecendo e querendo participar.

O Salão Moderno de Artes Plásticas tinha a previsão de durar três dias. Aproximadamente 10 mil pessoas conferiram a mostra no primeiro dia, no andar térreo da loja Camas e Patentes, localizada na Rua da Praia. No segundo dia, o público duplicou, gerando confusão no mesmo local. Em consequência do dia anterior, o Salão encerrou suas atividades antes do terceiro dia.

Segundo Goidanich, ao todo, foram reunidos quase cem telas e desenhos. A mostra ainda contou com nomes até hoje reconhecidos pelo meio artístico, como os de João Fahrion, Edgar Koetz e Carlos Alberto Petrucci, este com um certo rancor, exposto na Revista do Globo, quatro anos depois.

Após o alarde feito pelo Salão Moderno de Artes Plásticas, ocorreu dois anos depois, em maio de 1944, uma exposição coletiva de seis artistas da nova geração, no evento intitulado “Mostra de Artes Plásticas”. Localizado no Edifício Hudson, ao lado da sede do Correio do Povo, e patrocinado pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, a mostra contava com os nomes de Carlos Alberto Petrucci, Edgar Koetz, Honório Nardim, Nelson Boeira Faedrich, Oswaldo Goidanich e Vasco Prado. Em texto contido no catálogo da mostra, revela-se que a sua finalidade era *tornar público os esforços que alguns artistas moços do Rio Grande do Sul desenvolvem em prol da movimentação das belas artes em nosso meio*.

Goidanich expôs nove quadros. São eles: *Galpões* (óleo); *Paisagem Cinza* (óleo); *Natureza Morta* (óleo); *Pequena Paisagem* (óleo); *Flores* (óleo); *A Cidade* (guache); *Da minha janela* (desenho à pena); *Velha Fábrica* (desenho a conte); *Esquina vista do alto* (água tinta). Nesta mesma mostra, destacam-se as esculturas do então jovem Vasco Prado, artista que anos depois se tornou referência nas artes plásticas do Rio Grande do Sul.

Mas ao longo dos anos, desde o seu ingresso na Associação Francisco Lisbôa, Goidanich foi se envolvendo ainda mais com o setor estrutural da instituição. Em 1946 integrou a equipe da diretoria da Francisco Lisbôa, a quarta da história da associação, atuando como secretário e tendo Guido Mondin como presidente. A primeira providência tomada foi formalizar a Francisco Lisbôa como entidade representativa dos artistas plásticos do Rio Grande do Sul. Ao reformarem o estatuto, em assembléia geral, ocorria a mudança do nome da entidade para “Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisbôa”.

Sobre esta e outras questões, Goidanich esclarece aspectos referentes à nova diretoria:

Mondin e eu nos esforçamos ainda em aparar as arestas de relacionamento que eram agudas e antagonizavam o grupo do Instituto de Belas Artes e o grupo da Chico Lisbôa e em obter o reconhecimento dos poderes públicos ao trabalho da Associação. Logramos da administração estadual, à época, uma valiosa subvenção de duzentos contos, que faziam uma grande quantia – e Mondin foi exemplar em arrancar do Tesouro, *gota a gota*, em exaustivos *chás de banco*, todo o total que depositamos em banco, sentindo cada vez mais perto o nosso maior sonho – construir uma sede própria para a Chico Lisbôa. Obtivemos, também, da Prefeitura, a promessa da doação de um terreno.

Essa gestão foi marcada por concretizar essa sede para a associação, localizada no décimo andar do Edifício União. Com isto, foi montada uma biblioteca especializada em artes plásticas, fator que, segundo Goidanich, trouxe um grande estímulo ao convívio dos artistas, além da ampliação do quadro social e a regularização dos cadastros sociais. Surgia ainda o primeiro “Boletim”, sendo João Faria Vianna o responsável pelo logotipo da associação até hoje utilizado. Aconteceu ainda, naquele período, a primeira excursão da Francisco Lisbôa a Rio Pardo com duas dezenas de artistas participantes, resultando na produção de diferentes obras de pintura, desenho e gravura. Pouco tempo depois foram promovidas duas exposições, uma na própria cidade de Rio Pardo, e outra em Porto Alegre, no auditório do Correio do Povo, sob a responsabilidade de Oswaldo Goidanich.

Após essa iniciativa, no final da década de 1940, Goidanich começou a se distanciar das artes plásticas enquanto artista, para se dedicar aos aspectos estruturais do setor, como curador de exposições e integrante da parte administrativa e executiva da associação. Durante esses anos, teve, entre outras

realizações, a organização da exposição individual de Carlos Alberto Petrucci, no auditório do Correio do Povo, em outubro de 1947.

A década de 1950 trouxe para Goidanich outras ocupações cada vez mais constantes no campo profissional, como o jornalismo, o turismo e o seu envolvimento enquanto redator de debates da Assembléia Legislativa. Ainda em 1953, tentou se eleger para a presidência da Associação Francisco Lisbôa, mas foi derrotado em pleito democrático por Carlos Alberto Petrucci, marcando assim o seu desligamento das artes plásticas, enquanto integrante da classe.

B) Oswaldo Goidanich e a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA)

No texto original que mais tarde, em 25 de novembro de 1987, tornar-se-ia uma correspondência oficial endereçada ao então governador do Estado, Pedro Simon, Goidanich defendia, junto a grande parte da classe artística do Rio Grande do Sul, que não ocorresse a fusão entre a OSPA, o Theatro São Pedro e o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore numa só entidade. Goidanich estivera na presidência da OSPA entre os anos de 1975 e 1981, fato representativo para opinar sobre um assunto bastante polêmico, ao colocar em questão os problemas de autonomia e prejuízo que a fusão causaria às entidades.

No texto original dessa correspondência, da qual uma de suas partes foi editada, destaca-se o breve comentário que Goidanich faz, seis anos depois, sobre como foi a sua gestão enquanto presidente da OSPA. Eis o seu depoimento: *Fui presidente da OSPA, por sete anos, de 1973 a 1980 [sic], no período talvez mais difícil da sua vida, aquele que se sucedeu à morte do seu inolvidável criador, Pablo Komlós.*

Este, que é um dos seus poucos depoimentos sobre o seu período na OSPA, ajuda a elucidar aquela época que gerou muitas controvérsias na entidade. Motivos não faltaram para tumultuar esses anos, não só pelo falecimento, mas também pela aposentadoria obrigatória, meses antes, do criador e regente da OSPA, Pablo Komlós, além da emigração de músicos da entidade para o centro do país e divergências com David Machado, regente sucessor de Pablo Komlós.

Goidanich foi o quinto presidente na história da OSPA. A entidade fora fundada em novembro de 1950, devido ao sonho de Pablo Komlós, húngaro de nascimento que, vindo de Montevidéu, onde trabalhara no movimento lírico uruguaio, apostara numa pequena cidade do sul do Brasil:

Porto Alegre era uma província artística com pretensões reduzidas de acordo com suas possibilidades. Cheguei aqui para fazer ópera e selecionei músicos entre amadores e profissionais do rádio. Mas quando aceitei formar a OSPA, enfrentei dois problemas: encontrar músicos e dinheiro. Com pequenas ajudas oficiais, fui organizando a orquestra com os músicos que dispunha: gente da casa. Começou a tomar forma e, com os ensaios e os novos elementos, foi se mostrando uma orquestra considerável (FOLHA DA MANHÃ, 15/09/1977).

Os músicos a que Komlós se referia devem-se principalmente à Banda Municipal de Porto Alegre, ligada à Prefeitura de Porto Alegre e que, na sua maioria, eram músicos contratados italianos; à Sociedade Ginástica de Porto Alegre – SOGIPA – que contava com uma orquestra de aproximadamente cinquenta músicos; e ao Orpheão Rio-Grandense, entidade que manteve temporadas líricas nas décadas de 1930 e 1940, além de ser responsável pela vinda de Komlós a Porto Alegre.

A orquestra iniciou oficialmente suas atividades no dia 1º de março de 1950 e já no dia 23 do mesmo mês ocorria sua primeira apresentação oficial, desenvolvida, com as seguintes propostas:

- * formar e sustentar a orquestra dirigida por um diretor musical competente;
- * promover concertos sinfônicos e corais;
- * estabelecer intercâmbio artístico com outras entidades.

Em novembro do mesmo ano, através de uma assembléia geral na Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul, com os seus fundadores, a OSPA era institucionalizada. Nos dois primeiros anos, foram realizados seis concertos. Os dez anos seguintes foram difíceis, já que o custo anual para manter uma entidade, como uma orquestra sinfônica, exigia gastos na manutenção de instrumentos e outras questões mais. Moysés Vellinho foi o presidente dessa época, permanecendo de 1952 até 1972, após suceder Luiz Fontoura Júnior e João Pio de Almeida. Com o tempo, começou a contar com o apoio financeiro de entidades locais, possibilitando, assim, importar músicos, qualificando gradativamente o nível das suas apresentações.

A década de 1960 surgia como o período de afirmação da OSPA, à medida que a profissionalização dos músicos e a estabilidade financeira estavam sendo alcançadas pelos dirigentes. Em 1964, através de Moysés Vellinho, surgia a idéia de encampação da entidade pelo governo do Estado. Transformando-se em realidade, a proposta foi aceita pelo governo que, através do Decreto nº. 17.173, de janeiro de 1975, consumou a encampação, transformando-a automaticamente em fundação sob forma autárquica. A partir daquele momento, a OSPA foi gradualmente se afirmando como uma das maiores entidades culturais do Rio Grande do Sul. Entre 1965 e 1970, aumentaram-se em sete vezes os salários ganhos pelos funcionários e músicos. O número de concertos também se ampliou, mantendo-se a média de 70 apresentações por ano, além da primeira excursão da orquestra para São Paulo e Rio de Janeiro, em 1970. Um ano antes a OSPA adquirira uma sede administrativa, assim como criara o Coral Sinfônico da OSPA um ano depois, realizando um antigo sonho dos integrantes da entidade.

Outra medida se deveu ao presidente da OSPA, que desde a encampação, era decidido sob nomeação do Governador do Estado. Assim ocorreu a partir da decisão de Moysés Vellinho em colocar o cargo à disposição, após vinte anos de dedicação à presidência. Foi nomeado Jorge Alberto Furtado para o posto, ficando até o ano de 1975, após renunciar, para assumir o cargo de Secretário Geral do Ministério do Trabalho, em Brasília. Na sua gestão, destaca-se a criação da Escola de Música da OSPA, através da contratação de três músicos uruguaiois, além da criação da Orquestra de Câmara, para possibilitar a realização de concertos em cidades interioranas do estado.

Mas o fato mais significativo dessa época se deve à turnê de 34 dias que a OSPA realizou, no ano de 1973, com apresentações em praticamente todas as capitais do país, culminando por ser intitulada pela crítica do centro do país como “a melhor orquestra sinfônica do país”. Sob o patrocínio do Ministério de Educação e Cultura, através do Programa de Ação Cultural, a OSPA atingia o auge do seu reconhecimento enquanto instituição, como está comprovado pelas críticas de jornalistas como Antonio Hernández, José da Veiga Oliveira e Eurico Nogueira França, respectivamente:

O conjunto provinciano que foi a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) até a década passada, transformou-se, em 1972, numa grande orquestra, e ontem no Teatro Municipal demonstrou que é o melhor do Brasil, em vias de conquistar uma liderança absoluta na América Latina (O GLOBO, 21/10/1973).

A Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), que São Paulo finalmente pode conhecer é, indubitavelmente, a mais perfeita e completa organização congênere no País (ESTADO DE SÃO PAULO, 09/12/1973).

É a maior turnê já empreendida na América do Sul, por um conjunto sinfônico. E está sendo feito pela Orquestra que, nascida humilde, em 1950, ascende hoje à condição de nossa melhor formação do gênero. (...) Sua qualidade hoje transcende os limites musicais. A revelação da orquestra foi extraordinária (ÚLTIMA HORA, 22/10/1973).

Não só conhecido pelo meio artístico como um dos grandes promotores culturais do estado, como também por ser um dos organizadores do Festival de Coros, surgido em 1963, sempre contando com a apresentação de coros do Brasil e do mundo, Oswaldo Goidanich era nomeado pelo então governador Euclides Triches para assumir a presidência da OSPA. Até aquele momento, atuara como coordenador executivo do Biênio da Colonização e possuía cargo na Assembléia Legislativa, fato que fez o governador pedir a sua cedência. Ao ser confirmado oficialmente como presidente da OSPA, no dia 19 de fevereiro de 1975, Goidanich assumia a entidade, diante do delicado desafio de manter o *status* que adquirira dois anos atrás.

O eco desses três anos da administração anterior continuou na gestão de Oswaldo Goidanich. O primeiro problema com que teve de lidar foi a crescente migração dos músicos da entidade para o centro do país. Em reportagem do jornal Folha da Tarde, do dia 3 de janeiro de 1976, o regente titular Pablo Komlós esclarecia esta questão:

Como eu ia dizendo, no meio das comemorações pelo 25º aniversário, surgiu uma bomba. (...) quinze músicos nossos já foram embora. Mais poderão ir, o que significa um aniquilamento de nossa orquestra sinfônica. (...) Acontece que em São Paulo, movido talvez por outros interesses que não os de cunho essencialmente artístico, o governo estadual resolveu criar nada mais nada menos do que quatro orquestras sinfônicas. (...) Com isto, nossos executantes começaram a desaparecer, rumando para o centro do país.

O jornal Correio do Povo, do dia 18 de setembro de 1975, intitulava a sua matéria, “A concorrência entre as orquestras sinfônicas e os planos de São Paulo”, afirmando no seu primeiro parágrafo:

Se a manutenção dos músicos da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre estiver na dependência das leis da oferta e procura e do sistema da livre concorrência, dentro em pouco a capital gaúcha poderá perder seus melhores instrumentistas.

Veio a se tornar realidade o projeto do estado de São Paulo durante esse período, coincidindo com o primeiro ano da gestão de Goidanich. Já possuindo a Sinfônica da Cidade de São Paulo e a Sinfônica do Estado de São Paulo, com os melhores salários da época, foi fundada a Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo e a Filarmônica do Estado de São Paulo. Dos quatro conjuntos sinfônicos, três deles ofereciam os melhores salários do país, o que significava três ou quatro vezes mais do que era pago em Porto Alegre. Entre os meses de setembro e novembro de 1975, muitas incertezas pairavam sobre a OSPA, diante de reportagens que, ao invés de destacarem as atrações das apresentações da entidade, detinham-se em esmiuçar suas incertezas. Títulos como “A OSPA está menor, o número de concertos baixou, os músicos têm melhores salários em São Paulo”, da Folha da Manhã, de 3 de outubro de 1975 ou “Crise da OSPA”, ocupando a capa do jornal Folha da Tarde, de 21 de novembro de 1975, eram freqüentes. Da relação de 99 componentes da OSPA, 17 decidiram tocar em orquestras de São Paulo, por causa dos melhores salários, sendo que dois deles mais tarde voltariam. O ano de 1975 veio a terminar com um déficit de 6% para a OSPA.

Em relatório feito por Oswaldo Goidanich e encaminhado para o então Presidente da República, o general Ernesto Geisel, o presidente da OSPA afirmava que o orçamento da entidade, a partir de 1971, tornara-se deficitário. Sobre a contradição a respeito da expansão e progresso da entidade em relação a sua carência financeira, Goidanich esclarecia:

A resposta a essa antinomia nos levava à situação presente da OSPA. Em 1968, a OSPA dispndia [sic] 63,64% de seu orçamento com pessoal: um índice elevado, se considerado em termos empresariais, mas que se pode compreender em face da realidade que a OSPA é, fundamentalmente, patrimônio humano. Assim, seus gastos de pessoal, isto é, de subsistência do conjunto orquestral, forçosamente devem ser os maiores.

Esse mesmo índice, em 1972, representava já 71,28%; em 1973, 91,19% e, neste ano de 1975, 106,20%.

A curva inflacionária com os gastos imperativos de pessoal subiu do alto índice de 63,64% de 1968 para 106,20%, de 1975. Isso significa dizer-se que a OSPA vive hoje um processo de autofagia, consumindo suas próprias reservas, e remanejando recursos destinados a outros fins (de material, por exemplo) para sua própria sustentação e sobrevivência.

Naquele mesmo ano o Estado transferiu recursos de Cr\$ 911.000,00 para a OSPA, além de um convênio firmado com o Departamento de Assunto Culturais do MEC, com a quantia de Cr\$ 370.000,00.

O ano de 1976 surgia com a primeira apresentação da temporada, no dia 18 de março, com um público numeroso. Oswaldo Goidanich afirmara que a OSPA voltava fortificada com o auxílio governamental, fato reforçado por Pablo Komlós, ao declarar que, *com a sorte e a ajuda do Governo conseguimos preencher as lacunas, de forma que os elementos atuais são melhores do que os que foram*. Ao todo, foram 66 apresentações no ano, contando com a participação de dez regentes convidados e 31 solistas, prosseguindo com a realização de concertos para a juventude e com os concertos pelo interior do estado, em cidades como Estrela, Pelotas e Charqueada.

Outro momento marcante desta época, na história da OSPA, aconteceu em 1977. Pablo Komlós, fundador da OSPA e o principal responsável pelo progresso artístico da entidade, durante os seus mais de 25 anos de existência, aposentou-se por idade da função de Diretor Titular e Diretor Artístico. Komlós foi uma das poucas pessoas que acompanhou e atuou diretamente nos primeiros 25 anos da OSPA, observando-a passar do estágio de músicos amadores que tocavam por paixão pela música erudita, até alcançar o estágio de uma entidade com um complexo de instituições, que incluía a Orquestra Sinfônica, o Coral Sinfônico, a Orquestra de Câmara, a Escola de Música e a Escola de Ópera. Em reportagem da Folha da Tarde, Komlós afirmava que *fora da música, eu não sei fazer outra coisa*. Um ano depois da sua aposentadoria compulsória, e quatro meses depois da sua última apresentação, Pablo Komlós veio a falecer, no dia 27 de março de 1978.

Desde o desligamento de Komlós da OSPA, a entidade permaneceu sem um regente titular por quase toda a temporada de 1977. Os dois principais critérios para a escolha do novo regente eram que fosse brasileiro e possuísse

experiência internacional. Jairo Peres Figueiredo, diretor geral da OSPA, afirmava que *quanto maior a experiência internacional, melhor qualificação para a orquestra*.

Davi Machado, maestro brasileiro que até o momento estava na Itália como regente titular do Teatro Máximo de Palermo, desde o primeiro momento, era visto pela direção da OSPA como um dos favoritos ao cargo de regente titular, além de Isaac Karabtchevsky e Henrique Morelembau. Em 1974 Davi Machado já se apresentara na OSPA como regente convidado para reger as *Bachianas Brasileiras*, nº. 6 de Villa Lobos e a *Sinfonia nº. 1* de Gustav Mahler. No início de 1978 Machado permaneceu como regente da entidade por um mês e meio e, desde então, já se mostrava disponível e desejoso em voltar a trabalhar no Brasil. A OSPA via esta experiência como um encaminhamento para a formalização de um contrato.

No dia 30 de maio de 1978, Davi Machado era anunciado como o novo regente titular da OSPA, situação até o momento inédita, já que Pablo Komlós havia sido seu titular por 27 anos. Sobre este fato, Goidanich declarou à Zero Hora, no dia 9 de março de 1978, que *a OSPA iniciava nova etapa, agora sem Komlós, o mentor e grande impulsionador da OSPA*. De fato, a OSPA começava um novo ciclo, sem imaginar a que situação chegaria dois anos depois.

Tudo surgiu pelo contrato. Jairo Peres Figueiredo, diretor geral da OSPA na época, esclarece esta questão:

Ao ser contratado, Davi Machado fez uma exigência para aceitar o contrato, com uma ponderação muito séria que viria a trazer uma grande complicação depois: a exigência dele foi que fosse contratado por um período mínimo de quatro anos. O problema técnico que existia era o seguinte: a legislação brasileira não permitia um contrato trabalhista superior a dois anos. Ele ponderou. Ponderou que abriria mão do Teatro de Palermo, que ele tinha uma condição firmada na Europa, que ele regia em vários países europeus, e que ele não iria abrir mão disso por uma aventura de volta ao Brasil, podendo tomar dali a dois anos um pontapé no traseiro e não ter nada. A solução encontrada foi uma solução híbrida: fez-se um contrato de dois anos e uma promessa de renovação de contrato no final daqueles dois anos. Não eram os quatro anos que ele queria, mas ao mesmo tempo ele tinha na mão um documento que lhe asseguraria novo contrato!

Segundo Jairo Peres Figueiredo, a incorporação de Machado à OSPA trouxe um grande impacto porque, nas mãos do Komlós, a OSPA estava

habituada a um tipo de programa, de ritmo, de repertório, de condução, e o Davi Machado trouxe muita coisa de novo.

Então, exigiu a compra de instrumentos novos, a renovação da orquestra: ele passou a cobrar para que a OSPA crescesse e justificasse a sua saída da Europa para ter vindo para cá. Na medida do que era possível, foi-se atendendo, mas nem tudo era possível, e isso aí gerou um princípio de desgaste, porque havia certas coisas que ele ambicionava e que havia outra realidade material que tornava impossível.

Ao longo dos meses o processo de desgaste foi acentuando-se, não só pelas exigências não aceitas pela presidência mas também por uma outra questão que saía do mérito financeiro: a composição estrutural de uma orquestra.

Constituída por vários grupos divididos pelos seus instrumentos (cordas, sopros de metal, sopros de madeira, percussão), a orquestra progride a partir da junção desses grupos para um objetivo central: ser fiel à partitura que o regente decide usar, a qual, futuramente, após os ensaios, será apresentada ao público. Este papel decisivo que possui o regente, e pelo qual influirá no destino de aproximadamente 100 músicos, envolve uma de suas particularidades: o poder. Jairo Figueiredo sintetiza esta dimensão ao afirmar que *os maestros são uma raça especial: eles não medem o tamanho do sonho deles.*

David Machado, ao longo dos meses, começou a discordar de uma novidade que Goidanich adotara na sua gestão, que era a comissão dos músicos, no qual um integrante de cada grupo de instrumentos representava-os nas decisões executivas da OSPA. Esta medida descentralizava o poder de ação de David Machado, que logo reagia, como confirma Jairo Figueiredo:

O Davi Machado, que não simpatizava com a democratização, percebeu que a autoridade dele, de regente titular, entrava num processo de desgaste, na medida em que certas coisas de natureza artística começaram a ser questionadas pela orquestra, com a aprovação do presidente, e pior, da reunião dos músicos, nas costas dele. Davi Machado começou então a tomar atitudes contrárias à orientação do presidente, ao fazer conluio com os músicos, contrário à orientação do presidente. Ele começou a abrir, por exemplo, a direção artística para que os músicos trabalhassem na direção artística. Então, veja bem, de um lado, o músico está na orquestra, ele é empregado da OSPA; noutro momento, ele está na administração, ele está agindo como diretor.

Segundo Telmo Jaconi, integrante do grupo de músicos da orquestra, na época, uma grande maioria da orquestra apoiava essa idéia (da comissão dos músicos) e obviamente, criou-se o time dos descontentes. Criou-se uma espécie de divisão, de correlação de forças.

Naquele momento casou muito com os interesses. Foi uma proposta de iniciativa dele (Goidanich), mas acho que ele teve a sensibilidade de ter essa iniciativa porque era um anseio do meio onde estava transitando. Na Fundação existia uma ansiedade muito grande porque, na época do Komlós, anterior, era muito despótica. Era muito difícil institucionalizar qualquer tipo de opinião. Era quem ele achava que podia dar opinião. Acho que o Goidanich percebeu isso e, ao mesmo tempo, teve essa idéia. Naquele momento, não houve praticamente nenhum conflito nessa criação, porque era um consenso.

Após constantes conflitos de ordem econômica, política e artística, o atrito entre Goidanich e David Machado atingiu um limite. Antes desse acontecimento, Goidanich tinha ido ao Secretário de Cultura do Estado, Lauro Guimarães, expor o ocorrido. Lauro Guimarães havia concordado que não havia mais condições de David Machado permanecer como diretor artístico e regente titular. Sempre presente nas decisões, Jairo Figueiredo relembra a situação:

O episódio da destituição do Davi Machado talvez tenha sido o episódio mais dramático que eu já vi. O Davi Machado, depois de ter destrutado telefonicamente o Goidanich, foi proibido de voltar à orquestra. Ele, contrariando a orientação, e para provocar o incidente, viajou e, na volta, apresentou-se e começou o ensaio com a orquestra. O Goidanich deixara avisado que se Machado aparecesse na OSPA, que ele fosse imediatamente avisado, que interviria nisso. E ele foi lá e entrevistou [sic], suspendendo o ensaio. O presidente entrou no meio do ensaio, parou o ensaio, chamou o regente à parte, depois o Goidanich chamou o *spala* da orquestra como testemunha e eu, como diretor, e foi num gabinete à parte para comunicar ao regente que se retirasse, que ele estava despedido da orquestra.

Era feita a rescisão do contrato em setembro de 1980, sob o argumento de insubordinação. Este fato gerou então um processo trabalhista do regente contra a OSPA, pois Machado fez valer o pré-contrato de continuação por mais dois anos que havia assinado com a OSPA, ao assumir como regente titular em 1978. O processo foi decidido em março de 1981, dando-lhe ganho de causa e fixando uma indenização em Cr\$ 58.825.905,91.

No dia 8 de janeiro de 1981, Goidanich formalizava a sua renúncia à presidência da OSPA, ao se aposentar do serviço público estadual, e aceitar a proposta de trabalhar no Rio de Janeiro, junto à EMBRATUR. Terminava-se mais um mandato de presidência da OSPA. Integrantes da orquestra, dessa época, como o músico Telmo Jaconi, reforçam a importância de Goidanich para a entidade, ao afirmar que o considera *um dos presidentes administrativos que ia lá pra dentro, organizava, reunia, tinha uma paciência e tanto, um cara altamente democrático, de visão das coisas, sem perder a autoridade. Tinha bastante autoridade, mas sabia muito bem conversar e discutir os problemas.* Maestro há 32 anos na OSPA, Túlio Belardi reforça a opinião de Jaconi, ao *acreditar que foi um dos melhores presidentes que teve a OSPA, por ser pessoa muito afável, sempre aberto ao diálogo, além de gostar da OSPA, a principal qualidade, segundo o ex-diretor Jairo Peres Figueiredo, que sempre atuou diretamente com Goidanich, e que afirma ver nele um presidente absolutamente dedicado, responsável, sendo o presidente mais presente que se teve durante os treze anos em que estive lá.*

ROBERTO EDUARDO XAVIER

1. ROBERTO EDUARDO XAVIER E A FAMÍLIA

Atualmente com quase 200 mil habitantes e uma área total de 2.835,8 km², a cidade de Rio Grande, localizada na zona sul do Estado, a mais de 300 quilômetros de Porto Alegre, pouco se assemelha à mesma cidade de 75 anos atrás. No entanto, uma das suas principais fontes de renda ainda permanece como referência para o entendimento da vida rio-grandina: o porto de Rio Grande, um dos portos mais importantes do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Nesta mesma cidade, no ano de 1929, aportava Luiz Ernesto Xavier, então fiscal do Ministério da Educação, encarregado de fazer um levantamento da situação das escolas públicas no Brasil. Durante a realização deste trabalho, Luiz Ernesto veio a conhecer Laurinda de Macedo, então professora de uma das escolas visitadas. Como Luiz Ernesto era natural de Santos, local onde também exercia sua carreira profissional, Laurinda de Macedo decidiu se mudar para a cidade paulista. Roberto Eduardo Xavier nasceu da união deste casal, dois anos depois, no dia 6 de abril de 1931.

No entanto, em 1932, manifestou-se no pai de Roberto a tuberculose. Por ser uma doença infecto-contagiosa transmitida pelo ar, que até então não tinha cura, Roberto pouco pode manter contato direto com o pai. Luiz Ernesto faleceu dois anos após a constatação da doença, quando Roberto tinha somente três anos de idade. Com isso, Laurinda e o filho Roberto voltaram para Rio Grande, onde foram morar com o irmão de Laurinda, mais conhecido como tio Mano. Como forma de sustento, sua mãe voltou a lecionar, enquanto Roberto, alguns anos depois, ingressou no ginásio do colégio Lemos Júnior.

Ao morar numa cidade portuária, em plena época da Segunda Guerra Mundial, Xavier pode manter contato com marinheiros norte-americanos e, conseqüentemente, aprender a língua inglesa, ao perceber a sua importância para poder se comunicar com o mundo. Este fator o credenciou, por exemplo, com somente 15 anos de idade, a ler em inglês a revista norte-americana Time, que o influenciou diretamente no exercício da atividade jornalística. O contato com os norte-americanos também o estimulou a escrever uma novela, intitulada

O pesadelo de Frau Keller, somente publicada décadas depois, após o seu falecimento, por Fé Emma, sua viúva.

Como em Rio Grande, na época, não havia universidade, Roberto foi estudar Direito na Universidade Federal de Pelotas, simultaneamente à sua atuação no jornalismo rio-grandino. Sobre este período, comenta Fé Emma Xavier:

Aconteceu uma ocasião que o Xavier tinha tido muito trabalho no jornal e ele havia pego um trem para ir a Pelotas, onde, no mesmo dia, ele teria uma prova. Só que o Roberto estava tão cansado que dormiu em cima da prova. Os colegas, mesmo sabendo da situação do Roberto, diziam que ele tinha que ser acordado. O professor, entendendo a situação e valorizando o seu trabalho, disse que o Roberto faria a prova assim que ele acordasse. O Roberto me disse que acordou às onze horas da noite e lá estava o professor na frente dele, esperando que ele acordasse para poder terminar a prova.

Roberto não chegou a exercer de forma direta sua carreira em Direito, embora tivesse atuado no setor, como solicitador da banca de advocacia de Hélio de Araújo Costa, entre os anos de 1951 e 1954. Mas sua formação em Direito lhe trouxe influências para as outras áreas profissionais em que atuou, pois *Roberto sempre dizia que, pelo fato de ter estudado Direito, podia fazer as reportagens com um enfoque do que era correto ou não, pois ele estava baseado na lei, não estava fazendo uma reportagem aleatoriamente, no que achava que era certo*, afirma Fé Emma.

A) A vinda para Porto Alegre

Com ou sem a garantia de trabalho, Xavier tinha o desejo de se mudar para Porto Alegre. O ano de 1954 veio a concretizar a sua pretensão, através de uma proposta de trabalho do jornal A Hora. Roberto deixou, então, Rio Grande, acompanhado de sua mãe. No entanto, Porto Alegre não era um território estranho para Xavier, como comenta Fé Emma:

Apesar de estar em Rio Grande, o Roberto conhecia muita gente de Porto Alegre, porque os jornalistas, naquela época, pelas dificuldades de distância, se comunicavam muito, através de cartas. Além disso, os jornalistas daquela época circulavam muito, eram sinônimos de boêmia, porque era a maneira de eles

se conhecerem, se encontrarem. É o caso, por exemplo, do Paulo Fontoura Gastal, com quem ele já mantinha contato desde a época de Rio Grande, pelo Clube de Cinema da cidade. Eles não ficavam isolados, porque havia o hábito de se visitarem, existia um intercâmbio maior do que hoje, criava-se aquele ambiente familiar.

Assim como em Rio Grande, Xavier logo começou a assumir simultaneamente outras atividades dentro do jornalismo, como forma de sustento.

B) Roberto Eduardo Xavier e Fé Emma

O ano de 1957 foi marcante para Xavier, não somente para sua carreira profissional, como também para sua vida pessoal. Naquele momento, Roberto ingressava na Cia. Caldas Júnior, até então a mais importante empresa do setor jornalístico no Rio Grande do Sul. Mas também foi o ano em que ele conheceu a pessoa que viveu ao seu lado, até os seus últimos dias: Fé Emma Picolli.

Tudo começou a partir do programa de perguntas e respostas *Dê asas à sua inteligência*, pela rádio Guaíba, o qual Xavier assumiu a produção. Neste programa o candidato escolhia um tema e precisava responder a todas as perguntas sobre o assunto para conseguir o prêmio principal, uma viagem a Paris, patrocinado pela empresa de aviação Panair. Durante 11 meses, a partir do dia 18 de junho de 1957, o público lotou o cinema Imperial, às terças-feiras, para assistir às dezenas de candidatos que buscavam responder às questões apresentadas.

Entre os candidatos, havia uma jovem professora de 20 anos que conquistava a simpatia do público ao responder perguntas relativas ao profeta muçulmano Maomé. A candidata era Fé Emma que, ao longo do programa, foi assumindo um papel de destaque, à medida que avançava na disputa. O que a motivou a participar do programa foi *a curiosidade histórica, o desejo de conhecer pessoas diferentes e de sair do anonimato*, como ela própria comentou. No entanto, esses meses de duração do programa também foram responsáveis pela aproximação entre Fé e o produtor, Roberto Eduardo Xavier.

O Roberto achou interessante o fato de eu responder sobre o Maomé e aí a gente começou a conversar. Se passou um mês, dois meses, três meses e sempre que terminava o programa ele vinha conversar. Aí eu comecei a me questionar sobre o porquê

de ele estar conversando comigo. Ele queria descobrir o que é que eu sabia, foi aí que eu descobri que era ele quem fazia as perguntas.

Neste meio tempo surgiu, nos bastidores, o comentário de que Roberto e Fé Emma estariam mantendo uma relação, fator que fez Alberto Pasqualini decidir retirar a candidata da competição. Porém, Fé Emma protestou e não cedeu à decisão, ao afirmar que sua eliminação só seria possível diante de uma resposta errada. Diante disto, coube então a Xavier se debruçar ainda mais sobre os livros para conseguir formular uma pergunta irrespondível, já que, como a própria Fé Emma afirma, *durante seis meses, almocei, jantei, passei e dormi com Maomé, nem ele sabia tanto sobre sua vida.*

Na oitava semana do programa, *Xavier formulou uma pergunta exigindo como resposta o inteiro teor do discurso feito por um tio de Maomé no casamento do profeta. Fé recitou o longo texto, mas faltou uma frase, considerada “essencial” para que Mendes Ribeiro, apresentador do programa, pronunciasse o “absolutamente certo”.* Este fator a eliminou do programa, ganhando um prêmio em dinheiro através do patrocínio da Pepsi-Cola.

No entanto, começava ali, nos bastidores do programa *Dê asas a sua inteligência*, uma relação de 32 anos, oficializada em março de 1958, com o casamento entre Fé Emma e Roberto Eduardo Xavier, união esta que gerou os filhos Luiz Ernesto, no ano de 1960; Emma, em 1964; Ana Lúcia, em 1966; e Antônio Carlos, em 1970.

C) Um duro golpe para Xavier

As décadas de 1960 e 1970 se mostraram bastante agitadas para Xavier, diante dos compromissos profissionais que havia assumido. A começar pelo ano de 1960, no qual Roberto contou com cinco atividades simultâneas nas áreas de jornalismo e relações públicas. Os anos seguintes não somente o consolidaram como um dos principais nomes na área de comunicação no Rio Grande do Sul, como também foram responsáveis por limitá-lo enquanto disponibilidade de tempo para dedicar à sua família. Comenta Fé Emma:

Às vezes acontecia de o Roberto ter uma viagem, o que o fazia ter que sair muito cedo de casa, enquanto os filhos estavam

dormindo, ou ele voltava tarde, depois das nove e meia, quando também os filhos já estavam dormindo. Muitas vezes, ele trabalhava aos sábados também, porque não dava conta de fazer tudo durante a semana, como é o caso de artigos, crônicas, tudo isso que podia escrever em casa. Sábados era dia normal de trabalho, e às vezes, ele usava até o domingo.

Agora, uma coisa era certa: nós sempre buscávamos tomar café da manhã juntos, almoçarmos juntos e às vezes jantarmos juntos, ele fazia questão disso. De manhã, ele levava os filhos para o colégio Farroupilha, onde as aulas começavam às sete e meia. Eles saíam às sete e quinze e tomavam café da manhã em casa, impreterivelmente, às sete da manhã. Quando ele não tinha compromissos no fim de semana, em geral, nós saíamos aos domingos para visitar museus, passear em praças, visitar alguém, desde manhã cedo, sendo que, no café de final de tarde, no domingo, o Roberto fazia questão de não ter nenhum aparelho ligado, porque era a oportunidade de ele conviver com os filhos.

A ida da família para São Paulo, entre os anos de 1964 e 1968, a partir da nomeação de Xavier para trabalhar no setor de relações públicas da agência MPM, aumentou a distância de Xavier da convivência diária com a família. Tendo que sair logo de manhã para o trabalho, sem ter como almoçar com a família e voltando somente a noite para casa, Roberto buscava compensar essa ausência nos fins de semana.

Em contrapartida, o círculo de amizades aumentava com o tempo, à medida que Roberto foi conhecendo pessoas das mais diversas áreas, que o acompanharam profissionalmente ao longo dos anos. A sua capacidade em congregar pessoas foi comprovada no ano de 1981, quando Xavier completou 50 anos de idade, em uma festa realizada no SENAC, quando reencontrou personalidades vindas das mais diversas áreas, como é o caso de políticos, advogados, jornalistas e publicitários.

Mas o ano de 1981 trouxe a Xavier o diagnóstico de que ele estava com câncer. Entre os anos de 1981 e 1989, Roberto lutou incansavelmente contra a doença, realizando ao todo oito cirurgias, além de sessões de quimioterapia e radioterapia. Mesmo com o físico debilitado, Xavier buscou, simultaneamente, manter-se trabalhando, como lembra Fé Emma:

Foi um período muito difícil, mas o Roberto sempre foi um lutador, e a necessidade do trabalho é que fez com que ele não se voltasse exclusivamente para a doença. Como ele próprio dizia, *se eu não trabalhar, vou ficar louco*. O câncer afetou o

físico dele, mas não a mente, e ele continuava produzindo, criando, permanecendo lúcido até o dia de sua morte.

Xavier veio a falecer em junho de 1989. No entanto, o seu legado profissional permanece vivo, como uma importante fonte de consulta para o entendimento da comunicação sul-rio-grandense e brasileira no século XX.

2. ROBERTO EDUARDO XAVIER E O JORNALISMO

Um dos principais aspectos da carreira profissional de Roberto Eduardo Xavier é a sua versatilidade, por ter atuado nas mais diversas áreas, desde a publicidade e as relações públicas até a administração pública, o Direito, o turismo e o meio ambiente. No entanto, é no jornalismo que Xavier não somente iniciou sua vida profissional, como também desenvolveu grande parte da sua carreira.

Roberto, desde os 14 anos, já trabalhava na tipografia do jornal Rio Grande e escrevia para o jornal da escola, fatores que encorajaram seu ingresso na imprensa com apenas 17 anos, ainda na cidade natal, dando assim continuidade a uma tradição da família, iniciada há cinco gerações, sendo exercida inclusive pelo pai, Luiz Ernesto, que atuou em jornais na cidade paulista de Santos.

A) Roberto Eduardo Xavier e a imprensa

Xavier iniciou sua carreira no jornalismo em 1948 como repórter do jornal vespertino Gazeta da Tarde, em Rio Grande. Começava, assim, um período de intensa atuação na imprensa, com destaque para a década de 1950, quando exerceu as funções de repórter, redator, colunista, chefe de redação e, mais tarde, de produtor, no rádio.

Um ano depois, em 1949, ele ingressou no jornal Rio Grande como redator, ali permanecendo nos dois anos seguintes, para então voltar à Gazeta da Tarde no ano de 1952. Seu reingresso no Rio Grande ocorreu em 1953, onde permaneceu até 1956. Sobre estas constantes mudanças de jornal, Xavier chegou inclusive a comentar na sua coluna *Mosaicos*, pelo jornal Rio Grande.

Hoje estou aqui (jornal Rio Grande). Mudar de jornal é quase que o mesmo que mudar de casa. Leva-se pouco com a gente, alguns recortes. Fica muito do que se fez, do que se foi. Não vivi muito, ainda, mas já perambulei um bocado por revistas e jornais, oficinas e redações. E gosto disso. Acredito mesmo que nasci com tipos de impressão no sangue, em vez dos acadêmicos glóbulos vermelhos (Rio Grande).

Neste período inicial de sua carreira como repórter destaca-se um fato que obteve ampla repercussão regional. Em 1955, escrevendo para o Rio Grande, Xavier resolveu denunciar a jogatina na cidade de Rio Grande. Tais reportagens comprometiam diretamente a ação do delegado de polícia que, embora estivesse isento de qualquer suspeita, não agia com a energia necessária para combater as ações ilícitas que ocorriam na cidade. Em decorrência desta denúncia, Roberto foi agredido pelo filho do delegado, em pleno centro da cidade, causando, assim, uma intensa mobilização da sociedade rio-grandina, em defesa do jornalista. Desde os jornais porto-alegrenses como Correio do Povo, A Hora, Diário de Notícias, passando por associações de classe, como a Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI) e a Associação dos Jornalistas Profissionais de Passo Fundo, fez-se ampla cobertura do fato, buscando-se defender a liberdade de imprensa.

Um dia após o incidente, e quatro dias após o início das reportagens sobre o tema, o jornal Rio Grande dava por concluída sua campanha contra o jogo na cidade. Assim escreveu Xavier.

Vamos colocando, hoje, um ponto e vírgula na campanha que movemos contra o jogo dominante em nossa cidade. Quando iniciamos tal combate, não foram poucos os que disseram que pregávamos no deserto. Não foi bem assim. Quatro dias depois de iniciada a campanha, campanha viril, corajosa e honesta, varremos o jogo das ruas do Rio Grande (A Hora, 28/10/1955).

O ingresso de Xavier no jornalismo opinativo, como cronista, começou muito cedo. Com somente 20 anos de idade Roberto já assinava sua primeira coluna, intitulada *Mosaicos*. Com o pseudônimo de Bodoque, começava a circular então a principal e mais longeva seção de sua carreira, que o acompanhou desde sua criação, na Gazeta da Tarde, em 1952, passando pelo Rio Grande, de 1953 a 1956 e, anos depois, pela Folha da Tarde, entre 1959 a 1961. Sobre o significado do pseudônimo explica Fé Emma:

Bodoque era, digamos assim, o *rebelde*. Você pega o bodoque, o que você faz? Você pega uma pedrinha e atira numa vidraça. Quando tinha alguma coisa para ser criticada, ele não podia assinar Roberto Eduardo Xavier, porque aí o pessoal ia *pegar no pé dele*, mas o Bodoque era o irreverente. Sempre tinha alguma coisa pra mudar, no mínimo alguma *pedrada* na prefeitura, na política ou em alguma coisa que era abordada. Então, digamos assim, era o seu lado crítico.

Na sua primeira publicação, no dia 30 de abril de 1951, Bodoque explicava que, após quatro anos na gaveta, voltamos mais dispostos do que nunca a comentar coisas, gentes e fatos. O autor complementava: nosso mosaico terá tijeletas de todas as cores, ao gosto do freguês: futebol, política, cinema, variedades. Xavier explorou as mais diversas questões nesta coluna. A política foi um tema constante na sua abordagem, à medida que se identificavam falhas na administração pública, como o caso do esgoto que invadiu as calçadas do centro de Rio Grande durante uma semana sem ser tomada qualquer medida pela prefeitura, em 1951. O descaso na administração do porto da cidade, além da situação difícil por que passava a Biblioteca Pública, gerou este comentário:

Assinando uma explicação sobre a demora das obras da Biblioteca, o presidente Waldemar Thiesen refere-se à crítica velada de alguns cronistas papa-areia; crítica descabida, diga-se de passagem, somente permissível para quem não conhece as dificuldades por que luta a centenária casa de estudos, sem auxílio, com subvenções de meia pataca, contando quase que unicamente com as mensalidades dos sócios... E houve gente que se demitiu, quando a mensalidade aumentou para dez cruzeiros!!! (Gazeta da Tarde, 12/05/1951)

A seção surgia também como um guia cultural, ao registrar a exibição de filmes e palestras no Clube do Comércio de Rio Grande, assim como recitais no Clube do Comércio. *Mosaicos* assumiu ainda um papel comunitário, ao publicar solicitações da comunidade em relação à carência de algo, envolvendo-se, assim, diretamente, com as necessidades do povo rio-grandino. Foi o caso, por exemplo, da pré-estréia do filme gaúcho *Vento Norte*, quando Bodoque buscou incentivar seus leitores a participar do evento, já que 40% da renda total seriam revertidos para a compra de estreptomina para tuberculosos indigentes da Santa Casa.

Foi nesta mesma seção que surgiu um personagem criado por Xavier, com o nome de Floriano Beirão, e que, em muitas edições de *Mosaicos*, realizava uma

conversa com Bodoque sobre questões polêmicas. O jornal Rio Grande concedeu inclusive a Roberto mais um espaço para criar a seção *Pinceladas*, assinando como Floriano Beirão, em que buscou abordar temas relativos às belas artes.

No período em que permaneceu em Rio Grande, Xavier ainda escreveu como colunista para o jornal Cruzeiro do Sul, em 1951, na seção *Apontamentos de Cinema*. Nos anos de 1953 e 1954 escreveu para Cinelândia, jornal gratuito distribuído nas salas de cinema, a seção *Conversa de Domingo*, com o pseudônimo de Lorgnon, em que também abordou questões sobre cinema, mas esteve focado principalmente nos eventos da sociedade rio-grandina.

Em 1955, Xavier concluiu o curso de Direito em Pelotas, fator este que serviu como um divisor de águas na sua carreira, não só pelo fato de estar mais focado no jornalismo do que na advocacia, mas, principalmente, porque marca a sua vinda em definitivo para Porto Alegre, onde exerceria grande parte da sua vida profissional, destacando-se no jornalismo sul-rio-grandense.

Roberto permaneceu durante mais dois anos escrevendo para o jornal Rio Grande, mas sua participação no jornalismo deslocara-se para a capital gaúcha, através do jornal A Hora, onde atuou ao lado de nomes como Josué Guimarães, Lauro Schirmer, Cândido Norberto, Célia Ribeiro e tantos outros, durante os anos de 1956 e 1957, sendo efetivado como repórter, redator e, mais tarde, como colunista. Em A Hora, Roberto obteve espaço de destaque à medida que, exercendo as funções de repórter e redator, publicava reportagens assinadas, de uma a duas páginas. Vale destacar, reportagens como aquela em que ele registrou, em 15 de setembro de 1956: o roubo de um avião da Varig por um ex-funcionário da empresa, que acabou por suicidar-se, mas que, acima de tudo, mostrou a fragilidade da segurança, já que qualquer outra pessoa poderia ter feito o mesmo.

Xavier registrou também momentos importantes, como as eleições para a presidência dos Estados Unidos, em 1956, disputadas entre Dwight Eisenhower e Richard Nixon. Com o título de *Oscar Machado fala sobre a América do Norte - 1956*. Roberto entrevistou Oscar Machado, que havia estado recentemente nos Estados Unidos, destrinchando, assim, questões como a nacionalização do Canal de Suez e a preocupação norte-americana com o comunismo ascendente na América Latina.

Xavier realizou ainda grandes séries de reportagens. Em *A morte está pela hora da vida*, buscou discutir o custo financeiro da morte para as famílias de classe média, questionando uma posição mais ativa do Estado no apoio a famílias desfavorecidas economicamente, frente a um custo cada vez maior nas funções fúnebres.

A morte, leitor, é um problema econômico a onerar as classes média e pobre. É problema real, atual. Dentro da complexa realidade social dos nossos dias, este problema desempenha importante função com respeito ao agravamento da crise em que se debatem as classes menos favorecidas. Não cabe aqui a discussão do plano filosófico ou religioso. Cabe, isto sim, a discussão do problema econômico. Existe uma verdadeira indústria funerária em funcionamento. Esta indústria auferir grandes lucros. Tem havido, mesmo, algum interesse dos poderes públicos, que têm procurado aliviar a carga dos ombros dos particulares, estabelecendo uma política de auxílio aos desafortunados, para que estes possam enfrentar as despesas funerárias. Mas, até agora, apenas se contornou o problema, mediante o emprego de paliativos circunstanciais (*A Hora*, 02/08/1956).

Merece destaque também a série de reportagens que Xavier escreveu sobre a semana de prevenção de incêndios, em decorrência do *Dia do Bombeiro*, em que buscou expor a importância da atividade daqueles profissionais. Xavier também fez a cobertura da 6ª Sessão da Comissão Carbonífera, realizada pela Organização Internacional do Trabalho, através dos depoimentos do deputado Walter Giordano Alves, representante do país naquele encontro, ao abordar questões relativas à indústria carbonífera, em lugares como o Vale do Ruhr, na Alemanha Ocidental, e as minas de Cardiff, no país de Gales.

O que existia em comum entre todos esses exemplos era a forma como o texto de Xavier se desenvolvia. Vindo de uma geração em que a influência do jornalismo norte-americano marcou profundamente o jornalismo local, seja pela implementação do *lead* na imprensa nacional, como pela influência da literatura, Roberto optou por realizar um jornalismo mais narrativo, com alguns ecos da revista norte-americana *Time*, onde a presença do repórter na apuração dos dados fazia parte da notícia.

- Desculpe-me recebê-lo assim – disse o Prof. Oscar Machado ao repórter, referindo-se ao fato de estar deitado no divã do *living*. O repórter toma um cafezinho e o prof. Machado inicia a palestra a respeito da atualidade americana. No corrente ano,

será resolvido o problema da sucessão presidencial, que interessa não só aos EUA, como a todos os países do Ocidente (A Hora, 08/08/1956).

A cada reportagem, Xavier explorava características potenciais da narrativa literária, como o diálogo ou a narração de ações de um entrevistado, além de observações do próprio repórter sobre o tema abordado, tornando assim o texto mais *arejado*, sem correr o risco de sofrer uma padronização no trato da informação, através do *lead*. É o caso, por exemplo, de uma cobertura que o jornalista fez em São Leopoldo, intitulada *A miséria mora no mercado*.

Já se tornou lugar-comum, na imprensa brasileira, o relato das condições de vida dos marginais e talvez a insistência com que os jornais e revistas de todo o país estampam essa dura e triste realidade, seja a responsável pela indiferença com que o público-leitor recebe a narração do drama vivido pelos sem-sorte e sem-fortuna.

Não há, portanto, e a rigor, novidade alguma nesta reportagem que procura apenas mostrar uma maloca diferente, instalada às margens do Rio dos Sinos onde começa um dos núcleos urbanos mais importantes do nosso Estado, São Leopoldo (A Hora, 16/08/1956).

Já experimentado cronista, foi questão de pouco tempo para Xavier possuir sua própria seção em A Hora. Isto aconteceu a partir de julho de 1956, com a coluna *Pedrinhas e Pedradas*, assinada por Bodoque, assim como sua antecessora *Mosaicos*. Com o subtítulo de *Uma seção que aparece na hora*, *Pedrinhas e pedradas* ficou concentrada em assuntos relativos à política em âmbito regional, nacional e internacional.

Em setembro do mesmo ano, Roberto começou a assinar uma segunda seção, chamada *Mala Consular*. Com periodicidade semanal, sendo publicada aos sábados, *Mala Consular* era voltada para assuntos internacionais. Ambos os espaços tinham o formato de pequenas notas informativas, diferentemente de um terceiro espaço assinado pelo jornalista, com o título de *A Hora do Povo*. Nesta seção, ele foi responsável pela seleção de queixas e reclamações que o leitor enviava ao jornal, sobre os mais diversos assuntos, como problemas no trânsito, a distribuição de água, iluminação pública e outros.

Xavier também exerceu as funções de chefe de redação e gerente comercial do jornal A Hora, onde permaneceu até o ano de 1957. Na sua, até então recente, estadia em Porto Alegre, ele colaborou com o semanário Hoje, em

1955, além de se tornar redator da conceituada Revista do Globo, a partir de 1956, onde ficou até 1959, exercendo também a função de editor.

Para o ano de 1957, Xavier daria um grande passo na sua carreira jornalística. Ao ser contratado pela Companhia Jornalística Caldas Júnior, ele agora ingressava na empresa mais bem consolidada e influente do ramo na região sul do país. Comandada por Breno Caldas, e contando com os melhores jornalistas do estado, como Alberto Pasqualini, Flávio Alcaraz Gomes, Paulo Fontoura Gastal e tantos outros, a empresa possuía nos jornais matutino Correio do Povo e vespertino Folha da Tarde, os maiores veículos de imprensa do Rio Grande do Sul.

No dia 16 de abril de 1957, a Folha da Tarde publicou uma matéria com o título *Folha da Tarde lança um novo estilo de reportagem*. Tratava-se de um formato de reportagem em que o leitor escolhia o tema a ser abordado para o jornal apurar. Neste espaço, chamado *Você dirigirá a reportagem*, foram contratados os jornalistas Alberto André e Roberto Eduardo Xavier, nomes que trouxeram credibilidade à proposta, por terem vasta experiência na imprensa rio-grandense.

Com o título de *Foco pestilento em Zona Central de Porto Alegre*, Xavier realizou sua primeira reportagem para a Cia. Caldas Júnior, a partir de uma denúncia feita pela Sociedade dos Amigos do Bairro Santana. Assim se inicia a reportagem:

No início da rua Luiz Manuel, corre um trecho do antigo arroio Dilúvio, trecho que foi recentemente canalizado, ficando a zona saneada. Mas, logo adiante, no terreno que é propriedade do Estado, e onde será levantado o estádio do colégio estadual Júlio de Castilhos, deparamos com um espetáculo apavorante. Naquele trecho, o arroio se converte em um legítimo rio de miasmas, pois não só as águas estão bloqueadas por falta de canalização e escoamento, como recebe o vazamento cloacal de meia dúzia de ruas (Folha da Tarde, 17/04/1957).

Em seqüência, surgiram reportagens que denunciavam desde o atraso de dois meses no período letivo do Jardim de Infância Modelo, devidamente registrada a partir de protestos das famílias dos alunos, até a importação de leite vindo de Minas Gerais, mesmo sabendo que o Estado possuía uma ampla produção para se auto-sustentar. As reportagens também enfocavam perfis de pessoas, como a cantora Laura Montes, raptada em Porto Alegre por

antiperonistas. A maioria das reportagens, nos dias posteriores à sua publicação, provocava reações diversas, seja pela solução do que foi denunciado, seja pela intensificação dos protestos.

Neste seu ano de estréia na Cia. Caldas Júnior, Xavier registrou momentos importantes, como a primeira visita do consagrado pianista e cantor de *jazz* norte-americano Louis Armstrong ao país, chegando a Porto Alegre, assim como a descoberta de um pretenso tesouro deixado por missionários jesuítas, em Viamão.

O ano de 1958 deu continuidade às reportagens de Xavier relacionadas a temas polêmicos, como foi o caso da telefonia no estado. Em uma série de matérias publicadas quase que diariamente, questionavam-se as causas e as conseqüências de um sistema telefônico insuficiente à demanda da capital gaúcha.

Voltamos hoje a abordar um dos grandes – senão o maior – problema da capital gaúcha: o problema das ligações telefônicas. Insistimos, porque a situação se agrava dia a dia e parece reinar sobre o problema um superior desinteresse, de parte daqueles que deveriam ter todo o empenho para encaminhar uma solução que atendesse aos interesses do povo porto-alegrense. O sistema de ligações telefônicas da capital gaúcha tem, sem sombra de dúvida, duas grandes características, dois aspectos marcantes, que individualizam-no em todo o país: é caro e ruim (Folha da Tarde, 03/07/1958).

Xavier também teve a oportunidade de expor mais claramente sua vertente literária através da seção *Conversa sem compromisso*, publicada no suplemento de sábado da Folha da Tarde e nas edições dominicais do Correio do Povo. Possuindo um espaço mais amplo do que as demais seções de crônicas anteriores, *Conversa sem compromisso* trazia em destaque um Xavier pouco conhecido, embora sempre identificado nas suas reportagens: a de contador de histórias.

Em 1959, Roberto voltou a escrever *Mosaicos*, assinando-a uma vez mais como Bodoque. A diferença nas publicações da mesma seção pelos jornais de Rio Grande, em relação à Folha da Tarde, estava na maturidade do jornalista, agora com mais de dez anos no exercício da profissão. No formato de pequenas notas, com enfoque na política, mas também aberto a qualquer outro tipo de tema, *Mosaicos* agora possuía informações e posições mais enxutas e

consistentes por parte do autor, sem as carregadas ironias que tornavam a seção mais verborrágica, no período de Rio Grande. Notícias sobre os bastidores da política, em nível regional e nacional, também ganharam contornos de maior importância, à medida que Xavier, agora, se encontrava no centro político do estado.

O reconhecimento a Roberto, pela seção *Mosaicos*, veio ainda em 1959, ao ganhar o segundo lugar no Prêmio Sagol de Jornalismo, na categoria crônicas e artigos. Este prêmio, concedido aos melhores do ano da imprensa metropolitana, teve como comissão julgadora nomes como Moysés Vellinho, A. R. Schneider e J. F. Amaro Júnior que premiaram, entre outros, em primeiro lugar Arlindo Pasqualini, na categoria crônicas e artigos, Antonio Carlos Ribeiro, na categoria reportagens e Amir Rodrigues, em radiodifusão.

Outro fator de destaque para a carreira de Xavier foi sua nomeação como diretor do Bureau Brasil Sul de uma das maiores agências internacionais de notícia, a norte-americana Associated Press (AP). Xavier tornou-se representante da região sul do país, incluindo Santa Catarina, Paraná e parte da Argentina e Uruguai, pela AP, onde permaneceu até 1965, sucedendo o decano da imprensa gaúcha, Archymedes Fortini. Neste mesmo período, a partir de 1960, Xavier participou da administração da Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI), como integrante do departamento cultural em conjunto com Léo Arruda, Glênio Peres e Ruy Diniz Neto.

A década de 1950 foi, sem dúvida alguma, a mais intensa de Roberto enquanto jornalista, profissão que consolidou seu nome no ramo da comunicação. No entanto, a década seguinte presenciou sua expansão em outras áreas de atuação. Xavier continuou a exercer a função de repórter e colunista nos primeiros anos da década de 1960, mas já dividia seu tempo com empregos relativos às áreas da administração e, posteriormente, da publicidade, da propaganda e das relações públicas, inclusive na própria Cia. Caldas Júnior.

Mosaicos continuou a ser publicada pela Folha da Tarde até 1961, período em que o jornalista acompanhou de perto os governos de Leonel Brizola no estado, e do curto tempo de Jânio Quadros na presidência do país:

O governador Leonel Brizola, que está realmente preocupado com o diagnóstico da situação do Estado, comentou ontem, aqui na Folha: "A coisa é tão grave que eu estou disposto até a bater

em casa do Peracchi e dizer-lhe que precisamos unir todas as forças para enfrentar a situação”. Momentos antes, tinha afirmado: “É grave, gravíssima. A cada momento eu sinto o Estado desfalecer nos meus braços”. Entende o senhor Brizola que o Rio Grande deva reagir imediatamente, sob pena de ficar inteiramente marginalizado no eixo do progresso nacional (Folha da Tarde, 28/04/1960).

Assinando com o pseudônimo de Bodoque, Xavier permaneceu escrevendo crônicas para a edição dominical do Correio do Povo. Neste mesmo período, assumem destaque as reportagens em formato de perfis, sobre personalidades importantes nas mais diversas profissões. Apresentada como entrevista, dividida em 11 blocos, a seção *A outra face* foi publicada pelo Correio do Povo. Sobre a seção, comenta Fé Emam:

A Outra face foi uma série enorme de trabalhos. Era o jornalismo com a entrevista mas de uma maneira diferente, onde se buscava mostrar o outro lado, vamos dizer, o outro lado do político, do pintor. Mostrava o que era a pessoa, onde o que importava era o lado humano.

Na primeira reportagem, Xavier destacou o político Adel Carvalho, por *suas críticas mordazes e sátiras à Câmara dos Vereadores, que fizeram a sociedade rir às gargalhadas*. O cartógrafo Edgar Klettner foi abordado na segunda reportagem de *A outra face*, quando relatou suas experiências, como sua opção pela cartografia, ao invés da engenharia, e sua contribuição para a Revista do Globo, com desenhos técnicos. Roberto abordou em seguida a nadadora Lisia Barth, que meses depois integraria a delegação brasileira no campeonato sul-americano daquela modalidade.

Um dos mais renomados nomes das artes plásticas gaúchas, o pintor Edgar Koetz, também teve seu histórico artístico e pessoal registrado na seção. Na reportagem, Koetz expõe as fases de sua obra, ligadas diretamente à sua estadia em cidades como Buenos Aires, nos anos 1940, e São Paulo, nos anos 1950, além de não deixar de criticar a academia, que tanto combateu no período inicial de sua carreira, em Porto Alegre.

A outra face prosseguiu registrando nomes como o de Edgardo, ator português radicado no Brasil; Rivadávia de Souza, o Riva, jornalista que, ao longo dos anos 1930, manifestou-se contra o integralismo; José Gay da Cunha, militar que, entre outras ações, participou da Revolução de 1930; Henrique

Bertaso, editor de longa data da Revista do Globo; o violinista Luiz Telles, que fez parcerias com nomes como Alberto Ruschel e Dilermando Reis; o deputado Carlos da Silva Santos, um dos fundadores do Sindicato dos Operários Metalúrgicos do Rio Grande do Sul e que, mais tarde, atuou na política, em partidos como PSD e PTB; e Vicente Rao, rei momo na década de 1950, em Porto Alegre.

O ano de 1963 trouxe para Xavier um grande momento na sua carreira. Com seu nome consolidado, não somente na Cia. Caldas Júnior, como também no jornalismo sul-rio-grandense nos seus pouco mais de 15 anos de atividades, Roberto teve a oportunidade de trabalhar fora do país. Em um programa de intercâmbio com jornalistas estrangeiros, patrocinado por jornais norte-americanos e pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, Xavier foi convidado a trabalhar durante dois meses no Journal and Sentinel, localizado na cidade de Winston Salem, na Carolina do Norte. Ele se tornou o terceiro jornalista a ingressar neste intercâmbio, cabendo o pioneirismo do projeto ao jornalista australiano Ronald Mckie, que permaneceu durante três meses naquele mesmo jornal, em 1952, seguido pelo jornalista turco Bulent Ecevit, em 1954.

Roberto ficou entre janeiro e março daquele ano em intensa atividade nos Estados Unidos. Nos seus artigos buscou estabelecer relações de semelhanças e diferenças entre a cultura norte-americana e a brasileira. Logo nos seus primeiros dias no país, visitou Nova York e esteve em Washington, durante uma semana, fato que o inspirou a escrever o seu primeiro artigo em inglês, com o título de *First impressions of US*. Ao ser perguntado em relação às suas primeiras impressões sobre os Estados Unidos, Roberto afirmou ser muito cedo para se dizer algo, embora pudesse opinar sobre a capital norte-americana, *a nice city, but I think that it's quite diferent from the rest of the country, as Brasilia is diferent from the others cities of Brazil*.

No artigo *American literature and brazilian readers* Xavier destaca a recepção da literatura norte-americana no Brasil, colocando Ernest Hemingway, autor do livro **Por quem os sinos dobram** como o favorito dos últimos 30 anos, seguido pelos escritores Louis Bromfield e os prêmios Nobel de literatura, John Steinbeck e Pearl Buck. Roberto ainda incentivava um programa em comum entre os dois países, no âmbito das artes, como forma de um maior conhecimento recíproco das duas culturas.

A política também ganhou espaço nos textos de Xavier, como no artigo *Election is different in Brazil*, em que o jornalista destaca a existência do voto obrigatório no Brasil, diferentemente dos Estados Unidos. Roberto arriscou ainda uma lista das personalidades norte-americanas mais populares no Brasil, em *Best know americans listed – Kennedy is in public eye in Brazil*, colocando o até então presidente John Kennedy em primeiro lugar, seguido pela atriz Marilyn Monroe, o ator e diretor Charles Chaplin, a atriz Elizabeth Taylor e o ex-presidente Eisenhower. Mas é no artigo *We need to know each other* que Xavier assume uma importante posição crítica ao sugerir um maior intercâmbio de experiências nas mais diversas áreas entre os dois países:

We don't need to learn how to like one another. But we need to know each other. Love is possible only when two persons or two peoples know one other deeply. There's a long way in front of us. We need to improve our communications system. We need to export ideas from Brazil to the United States and vice versa, and to debate and discuss these ideas with open minds, without prejudices or false premises (Journal and Sentinel).

Ao todo, Xavier escreveu quinze artigos para o Journal and Sentinel, incluindo um texto em primeira página, intitulado *Things to remember about twin citizens*, relatando suas impressões sobre a sociedade norte-americana. No entanto, suas ações não se limitaram somente aos textos, já que Roberto também realizou diversas palestras sobre as relações entre os dois países, além de coleção de *slides* e outras questões específicas referentes ao Brasil. Recebendo mais de vinte convites para palestras, dos quais alguns tiveram de ser recusados por falta de tempo em sua agenda, o jornalista trouxe seu depoimento para grupos como o Winston Salem Teachers College Journalism Class, Waker Forest Sociology Club e tantos outros. Fé Emma relembra esse período na vida de Xavier:

A ida para os Estados Unidos abriu os horizontes do Roberto. Por mais que tu tenhas uma visão grande, a partir de determinado veículo, quando você vai para o exterior, você aprende muita coisa, inclusive a se observar, a ver o seu país e a sua cidade de uma maneira diferente. As coisas que o Roberto aprendeu lá, que poderiam ser aplicadas aqui, foram aplicadas, inclusive a responsabilidade do repórter por aquilo que escrevia.

A estadia de Xavier nos Estados Unidos não o impediu de continuar escrevendo para a imprensa rio-grandense. Foi criada, no Correio do Povo, a

seção *Entrevista com o Tio Sam*, na qual Roberto relatava suas impressões sobre os norte-americanos e seu país. Vale destacar a coluna do dia 5 de março de 1963 quando ele aborda a relação entre a sociedade norte-americana e a família Kennedy, alguns meses antes do assassinato do presidente, no dia 22 de novembro.

Este país está em lua-de-mel com a família Kennedy. No mês passado, em Washington, passei duas tardes vasculhando livrarias. E fiquei impressionado com o número de livros que estão sendo publicados a respeito dos Kennedy. O presidente, sua esposa e Bobby, o secretário da justiça, são os “alvos” favoritos (Correio do Povo, 05/03/1963).

Xavier também registrou momentos como a chegada do quadro *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, para a National Gallery, em Washington, fato marcado por polêmica gerada pelos críticos franceses a André Malraux, então Ministro da Cultura da França, pela longa viagem que a obra estava realizando. A recepção da cultura brasileira nos Estados Unidos também foi discutida ao destacar o sucesso do escritor Jorge Amado, com a tradução de **Gabriela, cravo e canela**, ficando entre os cinco livros mais vendidos em todo o país em um mês e meio, assim como o destaque da bossa nova, vista como o *brazilian jazz*. No seu roteiro cultural, Roberto chegou inclusive a ser abordado por uma senhora que ficara comovida com a leitura do livro **The time and the wind**, tradução do primeiro volume de **O tempo e o vento**, de Erico Verissimo.

Um assunto amplamente analisado pelo jornalista foi a sociedade norte-americana. Xavier destacou a vida organizada e metódica do povo e a importância dos valores sociais, como o trabalho, a família, a igreja, o *club* cívico e o *hobby*. Destaca o comodismo do americano médio, cujo *ideal é um mundo inteiramente americanizado, onde ele possa sentir-se à vontade em qualquer parte*. Para Roberto, o país é organizado no sentido das *cadeias*, fator que gera a produção em massa e atinge a padronização e o consumismo.

O americano é muito mais motivado pela propaganda que o latino. Toda a estrutura econômica do país baseia-se na fabricação e venda de bens de consumo. E a propaganda condiciona o indivíduo de tal modo, que comprar passa a ser um ato tão necessário quanto dormir ou respirar. Um diretor de agência de propaganda disse-me há dias que o cidadão americano está sendo submetido diariamente a 35 mil apelos

publicitários. E não duvido dessa cifra (Correio do Povo, 27/03/1963).

Entrevista com o Tio Sam foi uma das últimas contribuições de Xavier para a Cia. Caldas Júnior, de onde saiu em 1964 após desentendimentos com Breno Caldas. Sobre este fato, comenta Fé Emma:

O Roberto era muito amigo do major (Arlindo) Pasqualini. O Pasqualini teve uma doença neurológica muito séria, que ia atrofiando a musculatura e ele estava tendo dificuldades para escrever, até para falar, na época em que ele fazia o editorial da Folha da Tarde. O Pasqualini pediu, então, para o Roberto, que fosse o *ghost writer* dele. Então, o Roberto ia pra casa do major e o major ditava para ele, com o Roberto trazendo sugestões para modificações. Ele acompanhou toda esta fase da doença do major. Em um certo momento, o major disse para ele, *tu não saís da Caldas Júnior de maneira nenhuma enquanto eu estiver vivo, porque tu és o meu porta-voz, o que eu quero escrever e dizer, tu és quem vai fazer*.

Não é que o major tivesse diferença com o doutor Breno, o doutor Breno é que tinha diferenças com o major e, uma vez, ele criticou o Roberto sobre o que ele estava fazendo. O Roberto achou que o doutor Breno não devia criticar nem a ele, nem ao major, porque seria uma ingratidão, diante de tudo o que o major fizera pela Caldas Júnior. Aí, o doutor Breno, com um pouco daquela sua soberba natural, disse, *então, enquanto o major estiver precisando de ti, tu és funcionário*. O Roberto concordou e atirou a sua carteira de funcionário da empresa dizendo, *olha, eu não preciso que vocês me tenham aqui em função disso, eu fico aqui por causa do major*. No dia em que Pasqualini morreu, o Roberto saiu da Caldas Júnior.

Após sua saída da empresa Roberto envolveu-se com outros compromissos, em outras áreas. Ao longo dos anos seguintes ainda realizou atividades no jornalismo, embora distante das funções de repórter, redator e cronista. Do seu currículo constam o magistrado na Faculdade de Comunicação da PUCRS, entre 1962 e 1963, na disciplina de *Técnica de Jornal* e a direção do Jornal da Semana, de Novo Hamburgo, entre os anos de 1970 a 1972, quando foi responsável por uma reformulação gráfica e editorial da publicação. Na década de 1980 Roberto foi contratado pela Rede Brasil Sul (RBS), pertencente à família Sirotsky, que emergia frente à surpreendente decadência da Cia. Caldas Júnior, onde exerceu as funções de diretor-adjunto e, posteriormente, diretor-secretário, a partir de 1985, chegando inclusive a escrever alguns esporádicos editoriais para o jornal Zero Hora, pertencente à empresa.

B) Roberto Eduardo Xavier e o rádio

Ao se falar da atuação de Xavier no jornalismo, merece papel de destaque as suas atividades radialísticas. Desde os primórdios da sua carreira, em Rio Grande, Roberto participou, entre outras realizações, da fundação da Rádio Minuano, no ano de 1950, além de exercer a função de chefe de redação na emissora. Cinco anos depois, já vivendo em Porto Alegre, Xavier atuou como secretário do departamento de rádio jornalismo da Rádio Gaúcha e apresentador, ao lado de Amir Domingues, que comenta a atuação de Roberto na emissora:

Eu já estava na Gaúcha quando o Roberto ingressou na emissora. O departamento de notícias da Gaúcha, que tinha na direção o Mendes Ribeiro, trabalhava no sentido da elaboração de jornais falados, de sínteses informativas e de algumas ações de natureza relacionada com o trabalho de reportagem. O Xavier entrou no grupo e se destacou imediatamente pela sua capacidade de organização, acima de tudo, de forma que ele se tornasse eficiente e prazeroso para a equipe que ele liderava.

Sua atuação na Gaúcha o credenciou a ingressar na equipe fundadora da rádio Guaíba, no ano de 1957, em um novo empreendimento da Cia. Caldas Júnior, expandindo assim suas atividades para além da imprensa. Xavier atuou na emissora em conjunto com nomes como Flávio Alcaraz Gomes, Mendes Ribeiro e Amir Domingues, esses também egressos da rádio Gaúcha. Para Roberto coube as funções de redator e locutor, mas principalmente a de produtor, quando, ao lado de Eloy Terra, Sérgio Jockymann e Luiz Gualdi, no mesmo setor, obteve seu maior destaque no rádio, tornando-se chefe do departamento de produção da emissora. Sobre a estrutura administrativa da Guaíba, Amir Domingues relembra:

A Guaíba tinha uma linha de ação que era o jornalismo; outra linha que era o esporte; e outra, que era a produção de programas, onde o Xavier se encaixava em conjunto com Eloy Terra e tantos outros. Eles realizavam programas muito bem elaborados, apresentados como uma contribuição à cultura da cidade, contando com uma equipe de alto nível, como na área de sonoplastia, com o Fernando Veronesi.

Uma de suas primeiras participações na produção ocorreu através do programa *Dê asas a sua inteligência* quase que por acaso. Com problemas na produção do programa, apresentado ao vivo desde o cinema Imperial, a direção

de *broadcasting* logo convocou Roberto para assumir o posto. Alterando as apresentações para o cinema Cacique, além de modificar algumas questões relativas às promoções, *Dê asas a sua inteligência* tornou-se um dos maiores sucessos neste primeiro ano da rádio Guaíba. Baseado nos programas de perguntas e respostas como *The 64 thousand dollars question*, *Lascia o Radoppia* e *O céu é o limite*, o programa foi pioneiro entre as rádios sulinas neste gênero, em que os candidatos concorriam em caráter eliminatório, tendo como premiação uma viagem a Paris. Fé Emma comenta a implementação do programa:

Naquele período, estava no auge da televisão norte-americana *Sua pergunta vale 64 mil dólares*, programa de auditório que atraía muito o público. Como a idéia tinha sido discutida com o Flávio Alcaraz Gomes, levantou-se a possibilidade de se trazer um programa desses pra cá. Mas como viabilizar este programa? Nós teríamos que adaptar os recursos ao tipo de perfil do público que se tinha aqui. Em primeiro lugar, era um programa que tinha que ter um prêmio muito bom, mas quem vai ser o patrocinador? Aí, então, conseguiram um contato com a Panair, e eles encamparam na hora, definindo inclusive o prêmio, uma viagem para Paris. Mas tinha que vencer também as resistências da direção da Cia. Caldas Júnior, demorando cerca de dois a três meses até transformar essa idéia possível de ser feita pela emissora.

Quem quiser ir a Paris, tem que saber de fato tudo sobre o tema em que se inscreveu, afirmou Xavier na época. Foi em *Dê asas a sua inteligência* que Xavier veio a conhecer aquela que seria sua futura esposa, a concorrente Fé Emma.

Naquele mesmo ano, Roberto produziu *Você é o sabichão*, seguindo o modelo de perguntas e respostas, voltado para o público jovem, que já se interessava por *Dê asas a sua inteligência*, mas que agora possuía seu próprio programa, sendo também apresentado no cinema Cacique. Vale destacar ainda *Este mundo é pitoresco*, que dramatizava histórias verídicas sobre os fatos mais estranhos, como a do senhor Bernard Scheinberg, que teve 87 filhos em dois casamentos. Complementa a lista de programas, neste primeiro ano da emissora, *O tempo marcha a ré*, que recordava acontecimentos marcantes a nível nacional e internacional.

A dramaturgia também esteve presente na programação da Guaíba, através dos rádioteatros. Diferentemente das emissoras concorrentes, que

adotavam o formato de rádonovela, programas que tinham uma continuação diária, a Guaíba optou pelo rádioteatro de peças únicas, com começo, meio e fim no mesmo dia. Sobre os programas de rádioteatro, Fé Emma comenta que, *embora a Era da rádonovela [sic] tivesse sido a grande época de ouro da emissora, Xavier disse assim: “na Rádio Guaíba, nós não vamos colocar novelas [sic] de açúcar, vamos pegar um script de novela [sic] diferente”*. Um dos grandes sucessos que contou com a produção de Xavier veio em 1958, intitulado *Histórias de Sherlock Holmes*. Baseado nas histórias do detetive de Baker Street, personagem criado pelo escritor Sir Arthur Conan Doyle, Roberto adaptou os textos para o formato radiofônico. *Histórias de Sherlock Holmes* foi ao ar de segunda a quinta-feira, no período de três meses, sendo dirigido por Jorge Mucillo, contando na sonoplastia e na sonotécnica com Fernando Veronezi. Devido ao sucesso do programa, a pedido dos ouvintes, o programa acabou retornando meses depois. Coube ao jornalista a adaptação dos livros **O cão dos Baskerville; As cinco sementes da laranja; O solteirão nobre; Um escândalo na Boêmia; O mistério do círculo vermelho; A segunda mancha; A tragédia de Glória Scott; O detetive agonizante; A coroa de berilos; O cliente ilustre e Os três garridelos**. A produção de *Histórias de Sherlock Holmes* rendeu a Xavier o prêmio de melhor produtor de rádio do estado, em 1958, concedido pela Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI).

O ano de 1959 trazia novas atrações sob o comando de Roberto, como *No rastro da glória*, que buscou focar a trajetória de grandes personalidades que venceram na carreira, após enfrentarem grandes dificuldades. Sua estréia ocorreu no dia 19 de fevereiro de 1959, ao retratar a vida do compositor Giuseppe Verdi, autor de **Aída, O trovador e A traviata**.

Dois meses depois, estreava o programa de debates *Távola Redonda* de que, além da produção, Xavier participou como apresentador, em conjunto com Mendes Ribeiro. No primeiro programa, dia 22 de abril de 1959, foram convidados o Governador do Estado, Leonel Brizola, os prefeitos Valdemar Borges, de Alegrete; Enio Sayago, de Itaqui; e Alcides de Mendonça Lima, consultor jurídico da prefeitura de Pelotas, debatendo sobre as enchentes que assolavam o estado. O governador Leonel Brizola retornou ao programa no início de 1960, para atender a questões sobre sua viagem à Europa. *Távola redonda*, que ia sempre ao ar nas quartas-feiras, contou ainda com nomes ilustres como o

cineasta Nelson Pereira dos Santos, autor dos filmes **Rio 40 graus** e **Rio Zona Norte**, discutindo sobre o cinema nacional; o pintor Di Cavalcanti, falando sobre artes plásticas; além de Jânio Quadros, ainda candidato à presidência do país, em programa transmitido diretamente do auditório da UFRGS, no ano de 1960. Em *Távola Redonda* também se destacaram os temas polêmicos que mobilizavam a sociedade, como a reforma no ensino público e o funcionalismo público estadual.

O ano de 1960 trouxe um importante marco à carreira radiofônica de Xavier: no dia 17 de abril o jornalista completou a produção de 1001 programas pela Rádio Guaíba. Roberto continuava na produção de programas que se tornaram destaque na programação da emissora, como *Eles...e elas!*, tendo como objetivo entrevistar personalidades variadas, abordando assuntos diversos, sobre temas além do domínio do entrevistado, como na sua edição de estréia, quando Xavier, como apresentador, recebeu o deputado José Zachia e a *glamour girl* de 1960, Andréa Oliveira, trazendo revelações sobre política, moda, arte e turismo. *Eles...e elas!* contou ainda com a presença de nomes importantes da cultura do estado, como o jornalista e promotor cultural Oswaldo Goidanich, o artista plástico Iberê Camargo, e outros.

A Rádio Guaíba concedeu espaço ao ouvinte em *Reclame, que é seu direito*, programa que expunha problemas da administração pública em Porto Alegre, contando com Xavier na produção e Mendes Ribeiro na apresentação.

Apesar do advento da teledramaturgia, desde a chegada da televisão no país, em 1959, a dramatização de textos manteve seu sucesso ainda por mais alguns anos, como em *Operação Infinito*, primeiro programa de ficção-científica nas emissoras sulinas. Contando com a produção e apresentação de Xavier, e a sonoplastia de Fernando Veronezi, *Operação Infinito* tocava em um tema ainda muito especulativo, o de existir vida em outros planetas, em época anterior à chegada do homem à lua. Baseado em fatos reais, Roberto produziu também a radiofonização da vida do almirante Gago Coutinho, português que realizou o primeiro vôo Portugal-Brasil, em 1922. Coutinho recebeu essa homenagem um dia após seu falecimento, em um programa dividido em sete partes.

Xavier permaneceu na rádio Guaíba até 1964. Ao longo dos seus sete anos na emissora mostrou não ser somente uma pessoa de idéias, fator que o fez comandar programas com os mais diversos enfoques, mas também um

produtor bem-sucedido, pois trazia a garantia de programas de qualidade. Este sucesso de Roberto, na produção, decorreu de projetos muito bem elaborados e da sua consciência do gosto radiofônico do ouvinte, como neste texto de uso interno da empresa relativo à sua programação:

É baixo o padrão qualitativo dos programas atualmente mantidos pela emissora, que são, a rigor, comuns, sem qualquer atrativo para o ouvinte. Veja-se os exemplos em qualquer folha da programação. Existem, é claro, as exceções, como *Viajando pelo mundo*, *Aventuras no mundo do som* e mais um ou dois. Mas, de resto, a programação “montada” é falha, tanto em produção, como em apresentação.

Roberto criou normas para a produção na emissora, discutindo desde questões técnicas na realização do *script*, como a proibição de abreviaturas e a marcação de vozes, no caso de vários locutores; até pontos relativos à disciplina no cumprimento de cronogramas, como a entrega com 48 horas de antecedência do programa pelos produtores, antes da radiofonização, e o comparecimento a reuniões quinzenais.

Sempre dirigindo seus projetos para o tipo de público-alvo, no tempo de duração, na frequência e no horário em que melhor se encaixaria, Roberto expôs à direção de *broadcasting* os mais diversos tipos de idéias para futuros programas. Além dos já citados, Xavier criou espaços como *Um fato, três opiniões*, comentários de cinco minutos sobre o assunto mais importante do dia; *Balcão de livros*, súmula dos principais acontecimentos do meio literário em nível local, nacional e internacional; *Só para as mulheres*, dedicado ao universo feminino, além de tantos outros.

Alguns projetos não saíram do papel, por motivos diversos. No entanto, muitos destes projetos não somente foram sucesso na programação da emissora, ocupando seu horário nobre, entre as oito horas e as dez da noite, como também trouxeram importantes patrocinadores. Foi o caso da empresa de aviação Panair do Brasil e da Pepsi Cola, que apoiaram *Dê asas a sua inteligência*; do Açúcar União, para *Eles...e elas!*; da empresa aérea Varig, para *Távola Redonda*; das Lojas Guaspari, para *No rastro da glória*, etc.

3. ROBERTO EDUARDO XAVIER E SUA RELAÇÃO COM PUBLICIDADE E RELAÇÕES PÚBLICAS

Um ano após a sua fundação, em 1936, o jornal Folha da Tarde começou a realizar o que Walter Galvani, no livro **Olha a Folha**, veio a considerar como um dos pontos mais fortes do periódico e que, ao longo do tempo, foi responsável pelo seu sucesso na sociedade porto-alegrense: as atividades promocionais. Usadas como forma de identificação do público-leitor com o veículo, e atendendo à área de abrangência do jornal, mais focado na grande Porto Alegre, estas atividades tornaram a Folha da Tarde um catalisador de eventos que abrangiam desde disputas esportivas até concursos de beleza.

O *Grande Prêmio Folha da Tarde* surgiu em 1937 como a primeira promoção do jornal, numa disputa automobilística entre os grandes nomes do esporte na região, como Norberto Jung e Olinto Pereira, contando ainda com o apoio da Associação dos Volantes do Rio Grande do Sul. Em seqüência, era realizada a enquete sobre *O mais querido clube da cidade*, que contou com cerca de 50 mil votos, ganhando o Sport Clube Internacional, seguido pelo Grêmio Football Porto-alegrense e o Grêmio Náutico União. Mas uma promoção que marcaria fortemente esta época foi o *Grande Concurso Popular Correio-Folha*. Como afirma Galvani, *a promoção oferecia um total de 500 prêmios, sendo os dez primeiros simplesmente casas, e casas completas, equipadas com fogão, geladeira e móveis* (p.128), seguido ainda por carros esporte, motocicletas, viagens ao Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevideú.

Em 1940, a pedido do prefeito de Porto Alegre, Loureiro da Silva, foi realizada a eleição da *Mais bela porto-alegrense*, em decorrência do bicentenário do povoamento urbano de Porto Alegre, numa promoção que se tornou precursora dos concursos de beleza organizados pela Folha da Tarde e que, anos mais tarde, consagrariam a proposta. Outras iniciativas foram promovidas pelo jornal, através de profissionais como os jornalistas Oswaldo Goidanich e Flávio Alcaraz Gomes.

No entanto, somente ao final da década de 1950 o jornal viria a criar um Departamento de Promoções. Como relata Galvani, com a criação da Rádio Guaíba, em 1957, e com Flávio Alcaraz Gomes se dedicando quase que

exclusivamente à emissora, ficou a cargo de Roberto Eduardo Xavier assumir o Departamento de Promoções do jornal e da empresa, sendo assim responsável pelo setor que hoje equivale aos departamentos de publicidade e relações públicas de qualquer instituição. Xavier, logo no seu primeiro ano na Caldas Júnior, tornava-se então o responsável, não somente pela construção da imagem da empresa para o grande público, como também pela relação entre a empresa e o público, questão esta que ele define bem em um anteprojeto do programa de aniversário do jornal Folha da Tarde, em 1962:

Dada sua condição de jornal eminentemente popular, Folha da Tarde tem procurado oferecer aos seus leitores, em todas as promoções que empreende oportunidades de participação. Tem sido esta, aliás, uma das condições essenciais para o êxito do nosso mecanismo promocional, que permite não só que o público acompanhe, mas, sobretudo, participe dos nossos empreendimentos promocionais.

As atividades do departamento se desenvolviam em dois campos: promoções de calendário; promoções de ocasião. Eram incluídas, no primeiro grupo, o que Xavier classificou de *promoções obrigatórias*, ou seja, de iniciativa da Cia. Caldas Júnior, como é o caso de atividades relacionadas ao Dia das Mães, Natal e outras datas comemorativas, além das promoções de lançamento e os concursos com premiação. O segundo grupo, intitulado como *promoções de oportunidade*, eram aquelas em que a Cia. Caldas Júnior se associava a eventos de caráter municipal, como a *Festa das hortênsias*, *Festa do pêssigo*, *Rodeio Crioulo* e outros.

Desde a criação do departamento, em 1957, começaram a se destacar as promoções de iniciativa da Cia. Caldas Júnior. Logo no seu primeiro ano no departamento Roberto criou um dos concursos de beleza que mais marcaram as promoções da Folha da Tarde e mobilizaram a sociedade local: o concurso *A mais bela comerciária*. Ao todo 996 jovens empregadas nos mais diversos setores do comércio das cidades de Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Canoas, Esteio e Gravataí concorreram ao título, a partir de uma votação popular, contando ainda com a premiação de um cheque no valor de 50 mil cruzeiros e duas passagens de ida e volta a Paris, pela Panair do Brasil, para a vencedora; além de outras premiações menores para as primeiras colocadas. Nazira de Ávila, então funcionária da Mesbla, ganhou o primeiro certame, mas,

mais do que isso, nessa primeira investida, comprovou o sucesso de um empreendimento que custou ao todo meio milhão de cruzeiros para os cofres da empresa. Sobre a realização dos concursos de beleza, promovidos pela Folha da Tarde, comenta J.A.Moraes de Oliveira, que atuou no departamento de promoções no mesmo período que Xavier:

A circulação (100% venda avulsa) aumentava nos períodos de apuração e disparava durante a escolha final. O público leitor da classe média encontrava ali acesso ao mundo da moda, beleza e glamour que ele só lia nas colunas sociais (com poucas fotos e pouca informação). A cobertura dos concursos de beleza abusava das fotos de jovens de classe média aparecendo como futuras misses ou manequins (raro na época).

Dentro da proposta de *A mais bela comerciária*, estava claro para Xavier o desejo de manter e fixar o público leitor do jornal, no sentido de habilitar o veículo a resistir a eventuais impactos promocionais dos concorrentes, fazendo uma referência direta ao ingresso do periódico Última Hora, de Samuel Wainer, no estado. Pelo seu formato, o concurso não somente atraía as comerciárias e seus respectivos familiares, amigos e conhecidos, numa classe estimada em 100 mil pessoas, como também os proprietários, gerentes e chefes de seção de estabelecimentos comerciais que possuíam interesse na publicidade indireta decorrente da colocação de suas candidatas na competição. Contando com ampla cobertura do jornal, entre os meses de setembro a dezembro, período em que era realizado o concurso, pelo preenchimento de votos, entrevistas e reportagens sobre as candidatas, festas, visitas e apurações, a Folha da Tarde contava com o fato de conseguir, ainda, renda extra, à medida que antigos anunciantes voltavam a inserir seus anúncios nos dias de alto rendimento promocional (em apurações, resultados parciais e outros).

Baseado no sucesso de *A mais bela comerciária* e outras promoções, a Cia. Caldas Júnior resolveu, a partir de 1959, realizar um concurso de beleza em âmbito estadual, intitulado *Rainha das piscinas do Rio Grande do Sul*. Com o período de duração de três meses, a disputa visava atrair o interesse de clubes esportivos da capital e do interior para a escolha de suas candidatas, sempre contando com a mais ampla cobertura jornalística da Folha da Tarde e do Correio do Povo. Com o noticiário mínimo de uma página por dia, pela Folha da Tarde, o

concurso também se envolvia com eventos sociais nas cidades, como, por exemplo, os desfiles das candidatas na *Festa das Hortênsias* em Gramado.

Ao final do ano, sempre era realizada uma grande festa de encerramento do certame com as finalistas, após mais de dois meses em que ocorriam as etapas eliminatórias, chegando não somente a possuir ampla cobertura dos meios de comunicação da empresa, como também de várias emissoras do interior do estado que anunciavam o resultado final. Para se escolher a *rainha* e mais *duas princesas*, o evento convocava um júri composto por personalidades da vida pública, entre esportistas, intelectuais e jornalistas. *Rainha das piscinas do Rio Grande do Sul* foi uma das promoções mais duradouras da Cia. Caldas Júnior, ocorrendo até a derrocada da empresa, em 1985. O concurso sempre ficará marcado na lembrança dos gaúchos por ter revelado Ieda Maria Vargas, que, após o título, tornou-se, respectivamente, Miss Rio Grande do Sul, Miss Brasil e Miss Universo, em 1963.

Sobre o sucesso dessas promoções, comenta o jornalista Ruy Carlos Ostermann, que atuou no departamento de promoções entre os anos de 1957 e 1961:

O departamento de promoções era uma inovação, porque nenhum jornal, na época, tinha um departamento de promoções, que não era um prolongamento da redação, senão uma tentativa de inscrição na cidade sob outra forma. Uma das promoções que nós fizemos foi a “Rainha das piscinas”, por exemplo, que exigiu um trabalho fantástico, porque aí encontramos as sociedades tradicionais de Porto Alegre, que aderiram fortemente ao concurso. Observe que a idéia toda do departamento de promoções era atrair setores vindos da sociedade, já estruturados, e trazê-los para dentro do jornal. O Xavier sabia fazer a leitura disso e negociava internamente, dentro do jornal, para que essas coisas tivessem fluxo.

Os projetos do departamento de promoções não se limitavam a concursos de beleza, como é o caso do *Concurso de vitrinas*, quando a Folha da Tarde conferia diplomas e medalhas para as três melhores vitrinas de casas comerciais; havia o *Campeonato Gaúcho de Pandorgas*, na mesma época das festas juninas, e outros mais. Datas comemorativas também eram exploradas pelo departamento, como é o caso do *Dia dos Pais*, que permitia organizar uma grande festa no cinema Cacique, com o sorteio de diversos prêmios, assim como

o *Dia do Comércio*, quando o jornal fazia ampla cobertura sobre o tema, incluindo um caderno especial de oito páginas.

Outro evento que se tornou tradição da empresa, e que foi se expandindo ao longo dos anos, foi a festa de aniversário da Folha da Tarde, realizada desde o ano de fundação do periódico, quando ocorriam atividades as mais variadas, como disputas esportivas, concursos relacionados ao aniversário do jornal e jantar de confraternização entre a direção e os funcionários. Os números mostram o sucesso do evento, tendo comparecido 15 mil pessoas em 1958, chegando a 25 mil pessoas em 1962. Sobre o aniversário da Folha da Tarde comenta Xavier:

O inegável prestígio de que goza o veículo assegura-nos, antecipadamente, o êxito do empreendimento, e temos certeza de que o programa, uma vez cumprido a contento, trará, em prestígio e relações públicas, um imenso lucro, como prova de pujança e penetração do mais antigo vespertino da capital.

O departamento de promoções também foi responsável por publicações, nos jornais da empresa, de questões relacionadas às comunidades, como uma coluna diária intitulada *O que vai pelos bairros*, prestigiando as associações de bairro e suas respectivas reivindicações. Em 1958, o próprio veículo organizou o 1º Congresso Metropolitano de Associações de Bairro, no qual compareceram 119 delegados, representando 39 associações de bairro, sendo precedido por 40 conferências de bairro, também organizados pelo departamento de promoções, nas quais os redatores da Folha da Tarde realizavam um levantamento completo dos problemas de cada bairro. Em seqüência era fixada a Carta reivindicatória do bairro, sendo depois publicada e encaminhada às autoridades públicas. Um desses repórteres/ redatores foi o jornalista Ruy Carlos Ostermann, então recém-repassado ao departamento de promoções da Caldas Júnior a pedido de Xavier. Ostermann comenta essa relação do departamento com a comunidade:

Nós constituímos, com orientação do Xavier, um trabalho com as sociedades de amigos dos bairros de Porto Alegre. Isso, hoje, tomou outras formas bem diferentes, mas naquela época, na década de 50, era uma inteira inovação, numa tentativa de organizar a cidade, a partir dessas associações, e com elas organizar uma série de reivindicações, que eram encaminhadas à prefeitura, aos órgãos do Estado e, era, sobretudo, uma discussão que o jornal abarcava, assumia também e transferia para as suas páginas, como uma contribuição a essas

comunidades. A Associação dos Amigos dos Bairros trouxe uma discussão sobre a articulação da cidade, os novos bairros, os problemas de transporte, de abastecimento, sendo que eles próprios perceberam que estavam diante de um jornal que se sensibilizou com o problema e que iria patrocinar este tipo de relação.

Voltado para um público mais sofisticado, o departamento promoveu diferentes atividades relacionadas às artes, como o Ciclo de Artes Plásticas, em que se realizaram importantes exposições como a de gravuras de Francisco Stockinger; exposição de gravuras, mosaicos e pinturas de Danúbio Gonçalves; exposição de gravuras e tapeçarias de Vasco Prado; exposição de pintura e monotipia de Carlos Alberto Petrucci e outros. Colocado um *marcador de ingressos* na exposição de Danúbio Gonçalves, foi registrada a visita de cinco mil pessoas em oito horas de funcionamento, assim como a exposição de cerâmicas de Luiza Prado, que foi visitada por mais de 30 mil pessoas em um período de quinze dias.

Outro fator marcante, no comando de Xavier no departamento de promoções, ocorreu diretamente no campo jornalístico, como explica Galvani no livro **Olha a Folha**:

Xavier criou um caderno especial diagramado, com equipe de reportagem e pauta, grandes novidades na época, porque o jornalismo era feito na base da intuição e da coragem, com titulares cobrindo setores onde eram íntimos e não raro misturavam atividade jornalística com um encosto de algum empreguinho público.

A) O ingresso de Xavier em relações públicas

Já no início da década de 1960, ao mesmo tempo em que Roberto consolidava seu currículo como jornalista na empresa Caldas Júnior, sua atuação de destaque pelo departamento de promoções lhe abriu oportunidades em outras áreas além do campo jornalístico, especialmente em relações públicas, publicidade e propaganda.

No ano de 1960, Xavier fundou a RP – Relações Públicas Ltda., a primeira agência do ramo no estado. Realizada em conjunto com o publicitário Adão Juvenal de Souza, os jornalistas José Antônio Moraes de Oliveira, José Setembrino Machado, Luiz Vicente Lavina Noelli, Ruy Diniz Netto, além do

próprio Roberto Xavier e o economista Joaquim Fialho Maciel Dias, a RP – Relações Públicas teve como objetivo a prestação de serviços de assessoria de relações públicas e comércio de representações. Inicialmente convocado para assumir a diretoria da agência, em conjunto com Adão Juvenal de Souza e Joaquim Fialho Maciel Dias, Xavier teve que declinar da função, pelo excesso de compromissos por que já respondia. No entanto, permaneceu na RP – Relações Públicas, nos seus primeiros meses, visando ajudar na sua estruturação.

Naquele mesmo ano, Xavier marcaria intensamente sua atividade em relações públicas, ao atuar como assistente do departamento deste setor pelo Clube de Diretores Lojistas, onde permaneceu até 1966, assim como assessor da presidência da Associação Comercial de Porto Alegre e da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, até 1964, também na área relativa a relações públicas.

Seu ingresso na publicidade teve igualmente movimento importante em 1960, ao ser contratado pela Standard Propaganda S.A., até então considerada a mais importante agência de publicidade do país e do estado. Fundada em 1933 por Cícero Leuenroth em conjunto com seu pai, Eugênio Leuenroth, a Standard tinha sua matriz no Rio de Janeiro. Logo depois, abriu filiais nas cidades de São Paulo, Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre, além de possuir 15 representantes espalhados pelo mundo. No final do ano de 1957, a agência inaugurava sua filial na capital gaúcha, a partir da encampação de uma agência local, chamada EB Publicidade, fundada e dirigida pelo jornalista e publicitário Ernani Behs.

Xavier ingressou na filial sulina da Standard três anos depois da sua criação, como integrante do recém-criado e inédito, no estado, Departamento de Varejo e Relações Públicas. *As propostas do Xavier sempre seduziram no sentido do seu conhecimento a respeito das coisas promocionais e até pelo background dele, pelo seu conhecimento paralelo que ele tinha do jornalismo,* expõe Gilberto Lehnen, que trabalhou na Standard entre os anos de 1957 até 1972, relembando fatores que motivaram a contratação de Xavier pela agência. No entanto, havia uma condição: pelo seu excesso de atividades naquela época, Roberto somente podia dedicar um turno de trabalho para a agência. Sobre as funções atribuídas ao setor, comenta Gilberto Lehnen:

A etapa principal era a criação de campanhas promocionais, a partir da análise dos problemas dos clientes, para então configurar suas soluções dentro daquilo que era próprio para campanhas de varejo. Mas o varejo, pela sua peculiaridade, principalmente da rapidez, exigia um *timing* completamente diferenciado dos demais departamentos, uma resposta quase imediata a situações paralelas que interagem com ela, como é o caso da distribuição do produto, da parte de vendas. Era um grupo especializado em fazer as coisas bem feitas, com uma linguagem típica de varejo, conhecendo a propaganda e sabendo como explorar essa parte do varejo, ao conjugar promoção com ofertas especiais, atuando na frente, antecipando horários, enfim, usando o aproveitamento integral das oportunidades que fossem aparecendo.

Já no seu primeiro mês de atividades pela Standard, Xavier realizou pesquisa de opinião e inspeção a todos os departamentos da Casa Guaspari, além de campanhas com anúncios seriados para a Courolândia e a Springer.

Merece destaque a campanha publicitária, promocional e de relações públicas da recém-criada TV Gaúcha, projetos elaborados por Xavier ainda nos primórdios da televisão no estado, televisão que, décadas mais tarde, viria a se tornar a RBS TV. Como considerações iniciais, Roberto analisou a situação da emissora rival, a TV Piratini, tendo em vista a criação da imagem pública da TV Gaúcha, buscando superar a concorrente. Xavier destacou pontos positivos da TV Piratini, como a excelência da imagem, instalações e equipamento técnico, assim como complementou o estudo com seus pontos negativos, como o baixo padrão intelectual da produção de programas, valendo também para a montagem e a encenação, além da falta de compreensão da linguagem própria da televisão. Partindo desses pressupostos, Roberto destacou então o rumo a ser adotado pela nova emissora, a começar pela delimitação do público-alvo: o público telespectador; agências e anunciantes da praça de Porto Alegre; agências e anunciantes das praças de Rio de Janeiro e de São Paulo. Como método de trabalho, propôs questões como a criação de um *slogan* para ser usado na programação da Televisão Gaúcha; criação de um símbolo gráfico que associasse a emissora ao Rio Grande do Sul; estudo de um convênio com uma firma de cinematografia comercial (Leopoldis Som) para inserção de *flashes* em seus jornais semanais, assim como o planejamento, a produção e o lançamento de um programa semanal na Rádio Gaúcha, patrocinado pela TV Gaúcha, no

qual far-se-ia a promoção da emissora, inserindo entrevistas testemunhais do tipo *o que significa para o Rio Grande do Sul a próxima inauguração do canal 12?*

Da mesma forma, Roberto lançou campanhas promocionais como *A China é o limite?* pela Courolândia quando, ao adquirir uma mala Courolândia, no mês seguinte ao da compra, participava-se de um sorteio realizado pela própria Courolândia, concorrendo a duas passagens de ida e volta à China; *Melhor aluno do ano*, tendo a Springer como cliente, em que os melhores alunos de grau médio, de primeiro (ginásio) e segundo (científico e clássico) níveis, ganhavam um refrigerador patrocinado pela Springer.

Xavier proferiu, ainda como representante do departamento de varejo e de relações públicas, em 1961, uma palestra sobre relações públicas para representantes de empresas clientes da agência, como Ibraco, Varig, Rádio Gaúcha, Springer e outros, sobre temas como pesquisa motivacional e apresentação de trabalhos, visando discutir aspectos de criação, planejamento, redação, pesquisa e técnica de *layout*. Roberto permaneceu entre os anos de 1960 e 1961 na Standard Propaganda, deixando uma importante contribuição nesta sua passagem pela agência, como expõe Fé Emma:

O Roberto não ficou muito tempo na Standard, mas uma das coisas que o pessoal dizia era que o Roberto tinha conseguido tirar o pessoal de dentro da agência e colocar os publicitários, que naquela época eram autodidatas, no campo, fazer com que eles saíssem das quatro paredes e vissem o que era a realidade publicitária.

O ano de 1963 marcou a ida de Xavier para os Estados Unidos, onde atuou no Journal and Sentinel por dois meses. No entanto, Roberto alongou sua estadia no país, por mais quatro meses, quando realizou estágio na *The Piedmont Publishing Co.*, na área de administração e de comunicação, enfocado em relações públicas. Sobre essa experiência, relembra Fé Emma:

Este estágio influenciou muito na carreira do Xavier, porque uma coisa é você saber as coisas teoricamente ou de ouvir falar, e outra coisa é você estar lá. A grande influência do Xavier foi a imprensa norte-americana, e quando ele teve essa oportunidade de ir aos Estados Unidos, ele sabia que estava indo *direto à fonte, checar aquilo que ele havia aprendido, lido*, para ver se realmente era assim. Além de ter visto, checado, sabendo que tinha coisas que poderia desenvolver ou não por aqui, isto abriu um novo horizonte de muitas idéias que ele *achava que*, mas que agora ele poderia fazer, porque ali ele viu como é que se

fazia, o famoso *know how*. Quando você faz um estágio, você vai para outro país, e encontra uma outra mentalidade, uma outra cultura, você nunca volta igual.

Durante o biênio 1963-1965, Xavier ocupou a posição de vice-presidente da Associação Rio-Grandense de Relações Públicas, em conjunto com Ruy Diniz Neto e Glênio Peres, tendo Carlos Cauby Silveira como presidente.

Ainda no ano de 1963, Xavier foi convidado a integrar a equipe da agência de publicidade MPM Propaganda. Fundada em Porto Alegre, no ano de 1957, por Antônio Mafuz, Petrônio Côrrea e Luiz Vicente Goulart Macedo, cujos sobrenomes dão as iniciais para o nome da empresa, a MPM assume papel de grande importância na história da publicidade em nível regional e nacional, entre as décadas de 1960 e 1970.

O surgimento da MPM *acontece num período de prosperidade econômica, ascensão da classe média, diversificação de produtos em função da industrialização e o início de uma sociedade de consumo, o que amparava a necessidade de investimento publicitário para promover produtos*, afirma André Iribure Rodrigues, na sua tese sobre a agência. Entre 1957 e 1959, ocorre o chamado primeiro ciclo da agência, voltada exclusivamente para os seus clientes em Porto Alegre, incluindo a então maior empresa de vestuário da capital gaúcha, a A. J. Renner Indústria de Vestuário. Rodrigues destaca também a importância estrutural que a MPM promoveu no mercado publicitário gaúcho, ainda em formação, em fins da década de 1950.

A MPM começava a impor um padrão local ao focar no atendimento a sua estratégia em atingir a satisfação dos clientes. Além disso, a agência administrava grandes contas, o que agregava ao faturamento de uma agência regional números expressivos. Isso evidencia o processo de profissionalização da atividade publicitária e de reconhecimento do profissional dessa área no sul do país. Porto Alegre tinha uma agência local forte, conquistando o reconhecimento na região.

Xavier foi efetivado no chamado segundo ciclo da agência, ou seja, a partir dos anos 1960, quando a MPM expandiu suas atividades pelo país, ao criar uma filial no Rio de Janeiro, assim como, em 1961, um escritório no maior mercado publicitário brasileiro, em São Paulo. A expansão da agência contou ainda com a nomeação de representantes em Recife, Belo Horizonte e Curitiba.

O ingresso de Xavier fez parte deste projeto de reestruturação da MPM. Amigo de longa data dos três fundadores da agência, coube a Roberto assumir a criação e a implementação do departamento de relações públicas da MPM, onde logo se tornou chefe do setor. Porém, a inovação trouxe certas resistências, como afirma Eloy Terra, que atuou com Xavier na MPM entre os anos de 1963 até 1968:

Relações públicas era uma atividade pouco conhecida e divulgada na época. Era muito confundida com *tapinha nas costas*, com *vem cá, meu amigo*, mas não era bem isso, era um trabalho de doutrinação que o Xavier teve que desenvolver, para poder mostrar para a própria MPM, e para os clientes, o alcance das relações públicas. A função do Xavier, quando se instituiu as relações públicas na MPM, foi a de preparação da própria equipe da agência, da própria diretoria, dos clientes, sobre o que era o trabalho de relações públicas e da importância que ele tinha e, de fato, esse setor se desenvolveu muito e chegou a um determinado momento em que as relações públicas começaram a se voltar para dentro da própria empresa, hoje o chamado *endomarketing*.

Roberto assumiu a realização de programas de relações públicas para antigos clientes da agência, como é o caso dos postos de combustível Ipiranga. Tal esquema buscava enfrentar a *crescente invasão que a concorrência vem fazendo no território gaúcho*, afirmou Xavier no projeto de relações públicas para o cliente em 1966. Pelo fato de existir uma aparente igualdade dos produtos de derivados do petróleo, Xavier via a necessidade de as empresas produtoras e distribuidoras irem buscar, nas relações públicas, a identidade que a propaganda não conseguia lhes dar.

A batalha pela conquista do consumidor extravasou o campo da publicidade e trava-se hoje acima e além do simples anúncio, surgindo “relações públicas” e “promoção de vendas” como instrumentos de largo uso para a conquista do público consumidor, instrumentos que estão usados na venda direta, na venda sugerida e na formação de novos consumidores (públicos emergentes, feminino e infante-juvenil)
(<http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/pp/andreiriburero Rodrigues.doc>).

Para atingir esse objetivo, Xavier primeiramente delimitou o público-alvo: público geral (opinião pública geral); consumidores masculinos; consumidores femininos; público infante-juvenil. Em seguida, a geografia do projeto: Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Atento ao movimento das empresas concorrentes do

setor, Roberto então expôs três níveis a serem considerados: *instrução*, enquanto um novo sistema de comunicações e relações entre a produtora e a distribuidora e seus revendedores; *informação*, a partir de folhetos informativos para a fixação da imagem e a apresentação da empresa ao consumidor, fator que as concorrentes estavam explorando bastante; *recreação*, dividida em dois pontos, a *decoreação* – a melhoria do posto, a melhoria da garagem e a sua decoração, para apresentar sua imagem ao consumidor - e *brindes*, voltados ao público consumidor e infanto-juvenil.

Para difundir a imagem dos postos Ipiranga, foram usados veículos como a imprensa regional e nacional, mala direta, luminosos, cinema, *outdoor*, confecção de pequenos folhetos promocionais, manual do revendedor, brindes mirins e muitas outras formas de tornar uma empresa expoente da indústria dos derivados do petróleo *naquela marca e naquele posto que me dá mais atenção, mais cortesia e brindes mais atraentes que as concorrentes*, como queria Xavier. Sobre as atividades do departamento, comenta Maria da Graça Celente, contratada, a pedido de Xavier, para integrar o departamento em 1964:

Naquela época, fazia-se muito, no departamento de relações públicas, o que hoje se chama de uma atividade promocional, promoção de vendas. Nós fazíamos, por exemplo, uma análise da concorrência e uma análise dos nossos clientes. O que a concorrência fazia de certo, a gente procurava planejar para os nossos clientes e, ao mesmo tempo, víamos o que os nossos clientes tinham de errado e procurávamos uma forma de melhorar o desempenho. É o caso dos postos de gasolina da época, que eram muito sujos, sem exceção. De repente, surgiu a marca do elefantinho da Shell, que passou a ser adorado pela criançada durante décadas, e os postos passaram a ser limpos. Isso foi uma das coisas que a gente fez no departamento, um projeto para os postos Ipiranga também mudarem o seu conceito, o seu comportamento.

Outra realização do departamento de relações públicas da MPM foi a criação dos informativos sobre as atividades da agência. Distribuído para a imprensa e, inclusive, para as demais agências de Porto Alegre, o departamento realizou, entre outros, o MPM Informa, publicação de duas páginas, e o Cabrito. Contando com uma boa diagramação nas suas páginas, o Cabrito registrou, entre os anos de 1964 a 1966, momentos importantes da MPM. É o caso, por exemplo, da conquista do Prêmio Admiral Qualidade e Liderança, de 1965, concedido pela Associação Rio-grandense de Propaganda para a melhor

campanha publicitária do ano no estado, conquistada por J. A. Moraes de Oliveira para a MPM, pela campanha *E, logo ali, há um Posto Ipiranga*. Os aniversários da agência também não passavam em branco pelo informativo, tendo sempre algum integrante da própria MPM escrevendo sobre o acontecimento.

Em decorrência do trabalho implementado em Porto Alegre, Xavier foi convidado, em 1964, a se mudar com a família para São Paulo, onde, além de criar o setor de relações públicas na agência paulista, assumiu ainda a função de coordenador de filiais da MPM. Criado em 1961, o empreendimento inicial da agência, em São Paulo, teve dificuldades, conseguindo seu primeiro cliente local somente dois anos depois, em 1963, ao expandir suas atividades no mercado paulista, passando de filial para adquirir caráter de agência da MPM, através da pressão exercida pela multinacional argentina Bunge & Born, detentora de marcas como Samrig, Tintas Coral, Moinhos Santista, Companhia Santa Cruz de Seguros e outros, que buscava expandir seus negócios no centro do país. Sobre esse período, afirma Eloy Terra:

Em São Paulo, foi um esquema muito pesado de relações públicas, porque foi em pleno período de ditadura, em uma época de muita pressão pra cima das multinacionais. Só que o trabalho dele foi tão bem feito, tão bem aceito, que a MPM adquiriu a conta de relações públicas da revista Realidade, da Editora Abril, e, inclusive, alguns clientes só de relações públicas, sem entrar no mérito da propaganda.

Com a ampliação das atividades da agência em nível nacional, tornou-se necessária a criação do cargo de coordenador de filiais da MPM, como uma forma de monitorar as demais filiais, função esta que Xavier ocupou a partir de 1964. Afirma Terra sobre esse acontecimento:

A primeira tentativa que a MPM fez para se expandir pelo Brasil foi com acordos operacionais, com agências médias e pequenas, mas não funcionou bem. Então, começamos a fazer escritórios próprios nas principais capitais do país. Essa rede tinha que falar a mesma linguagem, em termos comerciais, de planejamento de relações públicas. A única coisa que variava de uma filial para a outra era a linguagem usada na comunicação com o público, para fazer uma propaganda integrada à comunidade. Mas em termos de negócios, era preciso uma unificação na MPM e o Xavier, que era um organizador nato, realizou um manual para isso. Essa ação foi muito criticada no começo, internamente, porque as pessoas ainda não compreendiam qual era sua intenção, que era a busca de uma unificação de empreendimentos.

Outro objetivo da MPM foi a ampliação das atividades da agência em nível internacional, quando realizou ligações comerciais com cerca de vinte agências espalhadas na América Latina. Em consequência dessa expansão, a MPM foi uma das agências criadoras do Serviço Internacional de Agências de Propaganda (SIDAP), em conjunto com diversas agências de publicidade espalhadas em 23 países pela América Latina. Coube a Roberto assumir a coordenação brasileira do SIDAP, onde permaneceu entre os anos de 1964 e 1966.

No período em que Xavier viveu em São Paulo, vale destacar ainda a sua participação como representante do Brasil no Congresso Mundial de Relações Públicas, realizado em São Paulo, no ano de 1967. Fé Emma recorda que a palestra de Roberto *levantou o público, ao defender a necessidade de formação em relações públicas, buscando sair do empirismo e ir para o profissionalismo dessa área*. A sua atuação no evento rendeu-lhe uma medalha do governo do Estado de São Paulo.

Xavier deixou a MPM em 1968 em conjunto com Eloy Terra, retornando assim para o Rio Grande do Sul. Terra esclarece os motivos que fizeram Roberto sair da agência:

A MPM começou a ensaiar vôos muito altos, muito além do que ela poderia voar. O Xavier, como um organizador, uma pessoa de cabeça no lugar, via naquilo uma aventura, com o risco, inclusive, de se estragar parte do trabalho que a gente havia feito de implantação do escritório em São Paulo. Como nós éramos muito amigos, nós conversávamos muito sobre isso e eu comecei a perceber que seria, e de fato foi, um baque muito grande para a MPM, que esteve periclitando por causa do grande vôo que ela quis dar. A gente sentia que não era aquele o caminho e fomos nos desgostando, criando áreas de atrito muito forte dentro da agência, quando chegamos então à conclusão que não valia a gente continuar lá.

No retorno a Porto Alegre, Xavier criou uma indústria gráfica, em parceria com Terra, chamada Cestari, Xavier & Terra, entre os anos de 1968 a 1971, na qual Roberto assumiu a direção comercial. Também a partir de 1968, Xavier foi professor na área de relações públicas da FAMECOS-PUCRS, até o ano de 1970.

A década de 1970 marcou o distanciamento de Xavier do mercado de relações públicas, assim como de publicidade e propaganda, em decorrência dos cargos públicos que assumiu nas áreas da indústria e comércio, além do turismo, pelo governo do Estado e meio ambiente, pelo município.

Mas no início dos anos 1980, Roberto voltou a trabalhar diretamente na atividade de relações públicas, graças ao convite de Péricles Druck, presidente da Habitasul, empresa que na época atuava como agência de poupança. Após várias tentativas de contratar Xavier, todas sem sucesso, devido ao seu comprometimento com a carreira pública, Druck conseguiu, em 1983, levá-lo para assumir o cargo de assessor da presidência do Grupo Habitasul. Nesta função, Xavier foi responsável pela reestruturação e a administração dos setores de jornalismo e de relações públicas da empresa, sendo que o primeiro setor realizava, dentre outras atividades, sinopses dos principais jornais do país para distribuir entre os funcionários da Habitasul, tarefa muito utilizada hoje em assessorias de imprensa; o segundo setor cuidava do contato com clientes e público de interesse da empresa, além de organizar eventos promocionais. Entre outras atividades, Xavier foi responsável pela criação do *mailing*, constituindo um banco de dados de oito mil nomes, composto de representantes dos setores privado e público, para emitir comunicados sobre as atividades da empresa, uma forma de comunicação ainda pouco utilizada na época.

Xavier permaneceu na Habitasul até 1985, sendo esta sua última atuação em relações públicas.

B) A legislação da atividade publicitária

É possível dizer que, já na década de 1960, o mercado publicitário era bastante desenvolvido no país, ao contar com um número cada vez maior de agências, sendo que o cenário comportava inclusive algumas agências que mantinham filiais espalhadas pelo país, além de existirem diversas agências internacionais no Brasil. No entanto, até o ano de 1965, o país não possuía uma lei que regulasse a atividade publicitária em nível nacional, assim como reconhecesse o publicitário com o *status* de profissão.

O embrião sobre a regulação da atividade publicitária ocorreu com a realização do I Congresso Brasileiro de Propaganda, em outubro de 1957, no Rio de Janeiro, quando se criaram os princípios e normas do Código de Ética dos Profissionais de Propaganda, pontos estes que foram retomados com a implementação da lei nº. 4.680, no artigo 17.

Os responsáveis pela criação da lei foram Petrônio Corrêa e Roberto Eduardo Xavier, respectivamente, presidente e secretário executivo da Federação Brasileira de Publicidade (FEBRASP). Após um longo período de intenso trabalho para a criação do projeto 3291-F, este ainda foi submetido ao Congresso, onde sofreu lenta tramitação, contando inclusive com decisivo apoio da bancada gaúcha na Câmara através dos deputados Peracchi Barcelos, Floriano Paixão, Adílio Martins Viana, Ary Alcântara, Osmar Grafulha e, no Senado, do senador Daniel Krieger.

O projeto 3291-F tornou-se a Lei nº. 4.680, assinada no dia 18 de junho de 1965, nessa que se tornou a primeira regulamentação da atividade publicitária, em nível nacional. Momentos após a aprovação do projeto, na Câmara dos Deputados, Petrônio Corrêa afirmou para o Correio do Povo, sobre a importância deste fato:

A aprovação pela Câmara, com o reconhecimento da FEBRASP como órgão de cúpula da propaganda brasileira, representa uma dupla conquista. Não só demos hoje o primeiro passo para a institucionalização da propaganda, como também garantimos aos órgãos da classe existência reconhecida e função jurídica de assessoramento dos poderes públicos. É um grande passo, que traz à classe publicitária brasileira, instrumento de trabalho para sua definitiva integração na realidade do nosso país.

Entre seus pontos importantes, vale destacar a definição formal sobre os seguintes tópicos:

- * publicitário: *são publicitários aqueles que, em caráter regular e permanente, exercem funções de natureza técnica da especialidade, nas Agências de Propaganda, nos Veículos de Divulgação, ou em quaisquer empresas nas quais se produza propaganda (Artigo 1º, Cap. 1);*
- * propaganda: *compreende-se por propaganda qualquer forma remunerada de difusão de idéias, mercadorias ou serviços, por parte de um anunciante identificado (Artigo 5º, Cap.1);*

- * agências de propaganda: *a Agência de Propaganda é pessoa jurídica e especializada na arte e técnica publicitárias que, através de especialistas, estuda, concebe, executa e distribui propaganda aos Veículos de Divulgação, por ordem e conta de Clientes Anunciantes, com o objetivo de promover a venda de produtos e serviços, difundir idéias ou instituições colocadas a serviço desse mesmo público* (Artigo 3º, Cap. 1)
- * veículos de divulgação: *são veículos de divulgação, para os efeitos desta Lei, quaisquer meios de comunicação visual ou auditiva capazes de transmitir mensagens de propaganda ao público, desde que reconhecidos pelas entidades e órgãos da classe, assim consideradas as associações civis locais e regionais de propaganda, bem como os sindicatos de publicitários* (Artigo 4º, Cap. 1).

A lei também defendeu os profissionais de publicidade, restringindo o exercício da profissão publicitária a profissionais registrados nos serviços de identificação profissional do Departamento Nacional do Trabalho ou nas Delegacias Regionais do Ministério do Trabalho, como constam nos artigos 6 a 10, contando assim com a obrigatoriedade do registro da profissão de publicitário.

Fé Emma avalia a importância desta lei para a atividade publicitária:

Quando você tem uma regulamentação, você faz com que toda a parte jurídica de uma empresa, de uma agência de publicidade, tenha embasamento legal, porque você legaliza assim uma profissão. Você tem que ter uma regulamentação publicitária, como em todas as outras profissões, porque isso permite você adquirir credibilidade na hora em que você for reclamar, por exemplo, sobre o que você tem a reclamar. A lei nº. 4680 deu um *status* legal para a profissão.

Complementa Eloy Terra, que atuou em publicidade entre os anos de 1963 e 1987:

A lei organizou a atividade. Para se ter uma idéia, antes de ser lançada a lei, o Código de Ética, surgiu em São Paulo uma frase onde *a ética é o faturamento*, que era o que norteava as agências. Não havia um respeito pelo cliente alheio, ia-se lá simplesmente pegar, tirar funcionários de uma agência para a outra, conseguir descontos em veículos de comunicação além da comissão e não transferir para o cliente, ou revender para cliente. O mercado era uma terra de ninguém e essa lei veio botar ordem em muitas coisas.

A aprovação causou manifestações de contentamento e apoio de publicitários espalhados por todo o país, que há vários anos ansiavam pela adoção do diploma no setor. Pelo fato de ter criado a lei em conjunto com Xavier, Petrônio Corrêa ganhou o destaque de publicitário do ano, prêmio que ele dedicou também a Roberto. Após a aprovação pela Câmara, a FEBRASP recebia, inclusive, através do deputado Ewaldo de Almeida Pinto, pedido da Universidade de Brasília para realizar um assessoramento à legislação, buscando criar uma escola de propaganda em nível universitário.

4. ROBERTO EDUARDO XAVIER E O TURISMO

O ano de 1970 começou para o turismo gaúcho com um fato que, segundo Oswaldo Goidanich, no artigo “A saga do Turismo no Rio Grande do Sul”, foi *um acontecimento que iria ter decisiva importância para a maturidade do turismo rio-grandense*. O assunto em pauta era a conclusão do relatório realizado pela Comissão Parlamentar Especial, após três anos de estudos e levantamento sobre o turismo no Rio Grande do Sul. A Comissão era composta por Victor Faccioni, como presidente; Osmany Veras, como vice-presidente; Pedro Simon, como relator; além dos deputados Alcides Costa, Aristides Bertuol, Fernando Gonçalves e Ruben Scheid. O jornalista Kleber Borges de Assis atuou como assessor técnico.

Sessenta e um itens compunham o relatório. Entre as questões abordadas, estava a idéia da criação de uma Secretaria de Estado para o Turismo. Oswaldo Goidanich afirma a importância da existência da secretaria:

Tal como João Caruso, em 1959, conseguira de Leonel Brizola a instalação do SETUR, desejava Faccioni que Euclides Triches criasse a Secretaria de Turismo, um órgão de alto nível que, como Secretaria de Estado, pudesse sentar à mesa das altas decisões do Executivo e despachar diretamente com o governador. Em suma, a maioria do turismo entre as preocupações da administração.

Em 1970, Euclides Triches recebeu o convite para assumir o governo do Estado no ano seguinte. Com a possibilidade de se tornar governador, acolheu a proposta de Victor Faccioni em criar a Secretaria do Estado de Turismo. Triches já tinha no seu currículo a presidência do Conselho Estadual de Turismo, na

administração de Ildo Meneghetti. Uma das suas primeiras atitudes foi montar um grupo de estudos para a elaboração das Diretrizes para a Ação do Governo do Estado. O objetivo era setorizar a economia e a administração do Estado, partindo do que já havia, e atuando onde deveria ser modificado, ou acelerado. No setor relativo à viabilidade do Rio Grande do Sul para o turismo, assumiram os estudos Roberto Pacheco, que pouco depois se tornou secretário da Indústria e Comércio, e Roberto Eduardo Xavier. Em conferência proferida no mês de agosto de 1974, para o I Ciclo de Estudos de Turismo e Comunicações, Xavier destacou a importância deste momento para o turismo gaúcho:

Em 1970, quando se montou o atual Governo, houve oportunidade de se procurar buscar um enfoque um pouco mais técnico. Então, foi chamado um grupo de profissionais, jornalistas, economistas, arquitetos, urbanistas, engenheiros, que, de junho a dezembro de 1970, fizeram um estudo de viabilidade turística do Rio Grande do Sul. Encararam o estado como uma região a desenvolver, apontaram as necessidades institucionais e organizacionais, fizeram um pré-programa subdividido em 12 sub-itens, para a implantação de uma Política de Turismo no Rio Grande do Sul. De 1970 a 1974, com as correções devidas e necessárias, este programa vem sendo cumprido.

Quanto à viabilidade do turismo no estado, o relatório destacou cinco elementos: localização, variedade paisagística, diversidade climática, acervo étnico cultural, estruturação e calendário de eventos. Quanto à localização, foi preciso reconceituar a América do Sul: assumia-se a posição do estado como o centro econômico geográfico da região. Com a construção das rodovias BR-116 e BR-101, durante a década de 1960, surgia uma, cada vez mais intensa, integração entre Brasil, Argentina e Uruguai. O Rio Grande do Sul se colocava como intermediário na rota entre Buenos Aires/Montevidéu - São Paulo/Rio de Janeiro, fator que poderia ser explorado para o turismo e demais áreas.

Quanto à variedade paisagística, apenas confirmou-se a sua potencialidade, já que o estado possui litoral, serra, planície, deserto, rocha e outras variedades de paisagens. Sobre a diversidade climatológica, o estudo revelava que o Rio Grande do Sul possuía quatro estações bem definidas, o que permitia dividir a promoção turística em quatro safras: o verão era a praia; a safra do inverno era montanha; a safra do outono para a cultura; e a safra de primavera para os esportes.

A partir dos estudos do acervo étnico-cultural, surgiu a base das considerações que, quatro anos depois gerariam o evento do Biênio da Colonização e Imigração. O relatório revelava ainda que o estado fora formado basicamente por três correntes migratórias: a alemã, a italiana e a portuguesa. Destacava-se, ainda, a presença de ingleses, franceses, poloneses, árabes e espanhóis, com todas as suas potencialidades, como a culinária, o artesanato, a arquitetura e tantos outros aspectos. A conclusão foi de que o acervo étnico-cultural poderia ser viável para utilização ao fomento da atividade turística.

Para fechar o estudo, analisou-se o calendário anual de eventos no estado, contabilizando 211 eventos que, segundo o relatório, *podem, tranqüilamente, ser elevados para 1000, pura e simplesmente, por pesquisa, sem muita assessoria*. Xavier e Pacheco concluíram, então, que era viável o desenvolvimento turístico no estado; o que se precisava fazer era achar a solução para a viabilização do turismo.

O principal apontamento se referia ao SETUR [Serviço Estadual de Turismo]. Criado em 1959, para atender às demandas do turismo no estado, o SETUR onze anos depois não atendia mais às necessidades que o turismo vinha experimentando, em decorrência do progresso da área. Pouco depois, o órgão foi extinto para, no dia 23 de julho de 1971, Euclides Triches assinar a Lei nº. 6237, aprovada pela Assembléia Legislativa, criando assim a Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul.

A) Secretaria de Turismo

Na mesma data em que a Secretaria foi criada, assinou-se a Lei 6.238, que autorizava o Poder Executivo a constituir a Companhia Rio-grandense de Turismo (CRTUR). Ao assinar o documento, Euclides Triches delineou a posição do turismo em seu governo, através de um protocolo em que *o turismo [surgia] como uma nova estratégia do desenvolvimento global, considerando que os efeitos que advém de sua característica essencialmente dinâmica proporcionam o crescimento de múltiplos setores*.

A CRTUR assumia o papel de instrumento executivo da Secretaria. A lei esclarece a sua função:

A CRTUR desenvolverá suas finalidades mediante a prestação de serviços especializados e a realização de estudos, programas e projetos que visem à concretização de medidas de ordem técnica e administrativas tendentes a fomentar o turismo e as atividades correlatas no território do Estado, bem como realizar outros encargos e serviços vinculados aos objetivos do turismo ou deles decorrentes, cuja execução interesse ao seu desenvolvimento econômico.

No dia 17 de março de 1972, editava-se o Decreto 21.658, que criava a Comissão Intersetorial de Turismo (CITUR).

A CITUR é o órgão de apoio e de assessoramento integrado e de alto nível, da qual participarão todas as Secretarias de Estado como membros natos e outros órgãos especializados em diversos ramos de atividades, direta ou indiretamente ligadas ao turismo, julgados necessários. Assim, a CITUR irá incorporar-se harmonicamente aos trabalhos e serviços dos órgãos aos quais ficam afetos os assuntos de natureza turística.

Como primeiro Secretário de Turismo do Estado, foi nomeado o economista Edison Baptista Chaves que, no momento, estava como Supervisor Geral do Plano Regional de Turismo, junto à Superintendência de Desenvolvimento da Região Sul (SUDESUL). Chaves veio a atuar ainda como presidente da CITUR, tendo Luiz Emílio Corrêa Meyer como diretor do CRTUR.

B) O Secretário de Turismo Roberto Eduardo Xavier

Dia 20 de fevereiro de 1973, cinco e meia da tarde. O local: Salão Nobre do Palácio Piratini. Roberto Eduardo Xavier, até então Secretário Estadual de Indústria e Comércio, era anunciado pelo governador Euclides Triches como o novo Secretário de Turismo do Estado. No seu discurso, Triches afirmou que o secretário de turismo anterior, Edson Baptista Chaves *implantou uma organização verdadeiramente modular naquela pasta*, desejando ao novo titular que, *na segunda metade do Governo, a conduza dentro dos grandes planejamentos estabelecidos*, fazendo com que a mesma (naquele que era o Ano do Turismo) *possa apresentar os resultados que todos nós desejamos*.

Roberto Eduardo Xavier fizera parte do governo antes mesmo de ter assumido, ao ser convocado para integrar a equipe de estudos para a implementação da Secretaria de Turismo. Anos antes, a convite do então Prefeito

Loureiro da Silva, integrara o grupo de estudos que elaborou a lei determinando a fundação do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR), o qual foi conselheiro de 1961 a 1965.

Em 15 de março de 1971, Xavier participou da equipe de Governo do Estado a convite do economista Roberto Pires Pacheco, então Secretário da Indústria e Comércio e seu companheiro de planejamento para o turismo na gestão de Triches, um ano antes. Em 1972 foi nomeado secretário-geral do CONDEC – Conselho de Desenvolvimento da Comercialização, função que acumulou com a de Diretor do Departamento Empresarial da Secretaria da Indústria e Comércio.

Sobre a sua mudança de pasta, Xavier assim declarou ao jornalista Mendes Ribeiro, logo após assumir a Secretaria:

Sou um homem de equipe. Só sei trabalhar em equipe. As missões do governador, procuro cumpri-las. Nesse sentido, a mudança foi tão somente de campo de atuação: a situação continua a mesma: “Não podemos caminhar, temos que correr”.

A experiência de Xavier no turismo era mais recente. Em contrapartida, sua atuação nos setores de relações públicas, publicidade e propaganda e administração já o firmavam como um profissional com condições suficientes para liderar empreendimentos. Na mesma entrevista, Xavier esclareceu a sua postura sobre o novo cargo:

Minha aproximação com o turismo é feita pelo ângulo econômico e pelo ângulo promocional. No mundo inteiro, as experiências de maior sucesso são conduzidas por técnicos com vocação promocional de vendas. Veja o caso do nosso folclore. Cabe, em Porto Alegre, um CTG que se transforme em empresa. Temos que ingressar na profissionalização e, para isso, temos que comercializar esta riqueza, usando as mesmas técnicas empregadas por outros povos.

Uma das medidas que encarou como prioridade foi a definição do “produto turístico”. Em entrevista concedida ao jornal Diário de Notícias, no dia 24 de agosto de 1973, Roberto afirmou que o Rio Grande do Sul possuía produtos turísticos *que resultam da conjugação de fatores que lhe são característicos: paisagem, estrutura de gastos, acervo étnico, cultural, resíduo histórico, etc.* Xavier explorou, então, o estudo que fizera para a instalação da Secretaria de Turismo, ao priorizar quatro pontos para a execução de uma política de turismo

no Rio Grande do Sul. Como primeiro desafio, foram identificados os sete roteiros sub-regionais propícios ao turismo. Eram eles: Litoral; Uva e vinho; Serra; Zona Sul; Fronteira; Missões e Estâncias Hidrominerais.

O segundo ponto era relativo às estações do ano bem definidas, pelo que estava montado o calendário de eventos no estado, com 211 acontecimentos turísticos industriais para 1973. O terceiro ponto se referia à variedade étnica e cultural do Rio Grande do Sul, o que acarretava a comercialização dos seus valores sócio-culturais. O quarto ponto, Xavier via-o como um *plus diferenciador*, a partir da afirmação da imagem cultural do gaúcho, sendo um fator de identificação do estado no Brasil afora. Xavier ainda observava que estes quatro pontos precisariam ser complementados através de uma infra-estrutura, composta por estradas, saneamento, água e urbanização, amparados por uma estrutura em constante modernização, como era o caso dos transportes, da hotelaria e dos restaurantes.

Após seis meses da posse de Xavier como secretário, já estava ocorrendo o Programa de Integração Estado-Município (PIEM), com o objetivo de acionar, motivar e estruturar os municípios com potencial turístico no Rio Grande do Sul. Como primeira etapa, participavam do plano 81 municípios subdivididos em 11 comissões por regiões: subcomissão zona sul; subcomissão serra; subcomissão uva e vinho; subcomissão costa do sol; subcomissão missões; subcomissão hidromineral; subcomissão Taquari/Jacuí/Caí; subcomissão área metropolitana; subcomissão fronteira; subcomissão produção; subcomissão centro.

Orientadas pelos órgãos do sistema Estadual de Turismo (Secretaria de turismo, CITUR, CRTUR), as comissões operavam integradas, em conjunto com a EMBRATUR. Em entrevista coletiva no dia 27 de junho de 1973, Xavier anunciava a organização da segunda fase, com o primeiro cadastro sobre informações turísticas dos então 232 municípios gaúchos. A partir das pesquisas feitas pelos próprios municípios, em conjunto com as universidades de suas respectivas regiões, através do Questionário de Qualificação de Eventos Promocionais, seriam preenchidas fichas com um levantamento dos diferentes recursos dos pólos turísticos do estado. O programa seguiu até 1974, quando 199 dos 232 municípios gaúchos, o equivalente a mais de 85% do estado, já haviam encaminhado à Secretaria o resultado das pesquisas, somando mais de quatro milhões de dados, em áreas que se estendiam à hotelaria, gastronomia e

demais setores ligados ao turismo. Como resultado dessas pesquisas, foi editado, em 1974, pela Secretaria de Turismo, o Anuário Turístico do Rio Grande do Sul, atividade até então pioneira no país. Afirmava Roberto:

O turismo é um produto que o município apresenta ao consumidor. A venda de tal produto depende do seu conteúdo, forma e embalagem. Impõe-se para tal, a realização de um levantamento e análise das atrações turísticas existentes nos municípios (Folha da Tarde, 28/06/1973).

Concluindo este inventário, o Sistema Estadual de Turismo terá condições de fornecer qualquer tipo de informação turística sobre o estado, como o número e a categoria dos hotéis existentes e seus preços, localização de restaurantes, etc. Num futuro muito próximo, com a utilização de computadores, a Secretaria de Turismo poderá fornecer, inclusive, informações sobre índices de ocupação de hotéis e mesmo providenciar reservas, quando necessário (Correio do Povo, 10/08/1973).

Também como objetivo desta integração surgia a criação de secretarias municipais de turismo, visando estruturar o setor para ser integrado ao órgão estadual. O Rio Grande do Sul foi o primeiro estado brasileiro a realizar esta iniciativa, fator que o credenciou para que Paulo Protásio, então presidente da EMBRATUR, solicitasse a Roberto Xavier a elaboração de um projeto para ser aplicado em termos de Brasil.

C) Realizações da Secretaria de Turismo entre 1973-1975

Outro importante aspecto na gestão de Xavier foram as obras que ocorreram neste período. Destacam-se as construções do Parque da Guarita, em Torres; e do Parque do Caracol, em Canela.

No dia 8 de abril de 1973, o governador Euclides Triches visitava a cidade de Torres para oficializar o início das obras. Numa primeira etapa, seriam construídos um parque de estacionamento, restaurante e pavimentação dos acessos ao parque. A segunda etapa previa a construção de um hotel internacional, *camping*, miniautódromo, kartódromo, aquário e centro hípico, formando assim o Complexo Turístico da Guarita. Xavier tinha a intenção de concretizar, até o final daquele ano, a primeira etapa da obra concluída. Para isso, até dezembro, seria terminado o asfaltamento da estrada de acesso, cerca

de 40% do parque de estacionamento previsto para 800 carros, e o ajardinamento dos 27 hectares da área, usando a flora local. Foram entregues ao paisagista Burle Marx os estudos de um complexo maior, que abrangesse Torres e Itapeva, com 1700 hectares. Mas, no ano de 1973, as obras contaram com um grande imprevisto: a chuva, prevista para ocorrer ao longo de 125 dias no ano, atingiu mais de 200 dias, causando a paralisação dos trabalhos. Somente no início de 1975 a primeira etapa do complexo conseguiu ser concluída, e foi inaugurado em meio a várias festividades. Era entregue ao público a parte de arborização do parque, com um trabalho coordenado pelo agrônomo e ecologista José Lutzenberger, então presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan), e a parte viária composta pela estrada de acesso asfaltada e o estacionamento junto ao local. Para a segunda etapa do projeto, em que o parque seria composto por centros de lazer, optou-se por *valorizar a vegetação (...) no sentido de preservar a natureza ali existente, propiciando o surgimento natural de novas espécies*, segundo explica Arlene Aguirre, em texto publicado pelo jornal Diário do Sul (12/03/1987).

Assume papel de destaque, também na gestão de Xavier, o parque da Cascata do Caracol. Inaugurado em 1971, ainda sob o comando de Edison Baptista Chaves, três anos depois da sua desapropriação legal, o parque logo se tornou uma referência como um dos principais pontos turísticos do estado. Restava a Xavier o incremento da infra-estrutura do parque. Ao longo dos anos de 1973 a 1975, o Caracol obteve investimentos consideráveis da Secretaria de Turismo, responsáveis por construir canchas de esportes, reformas nas churrasqueiras e no restaurante, com destaque para a introdução do café colonial, estrada asfaltada de acesso entre Canela e o parque, além da aquisição de novos equipamentos e novos espaços, como o Parque do Lazer e o camping do Caracol. Como resultado, o último trimestre de 1974 registrava a visita de 55 mil turistas, número que, ao longo dos anos seguintes, não parou de aumentar.

A construção de *campings* também assumiu papel de destaque ao longo da primeira metade da década de 1970. *Campings* como o do parque Caracol, em Canela; do Guarujá, em Porto Alegre, além dos *campings* de São Lourenço, em São Lourenço do Sul; Marechal Osório, em Tramandaí; e São Francisco de Paula, na cidade que leva o mesmo nome, propiciavam ao turismo gaúcho maior diversidade de inserção turística. A principal obra neste setor foi o Camping

Internacional de São Lourenço, inaugurado em fevereiro de 1975. Também conhecido com Camping Internacional da Lagoa dos Patos por estar às margens da lagoa, o local contava com luz elétrica, abastecimento de água potável, rede de esgotos, churrasqueiras, sanitários e um amplo espaço para acampamento, totalizando cinco hectares. Tornou-se o primeiro *camping* com *status* internacional no estado. A Secretaria de Turismo apostava neste investimento, tendo consciência de sua expansão, como alternativa perante o turismo convencional. Pesquisas mostravam que 20 milhões de campistas eram filiados a entidades do ramo. Existiam, ainda, no Rio Grande do Sul, os *campings* projetados, que futuramente iniciariam suas obras, nas cidades de Iraí, Caxias do Sul, Cambará do Sul, Torres, Tramandaí, Cidreira, Camaquã, Caçapava do Sul, Pelotas e Rio Grande.

Merecem consideração a construção de belvederes, como os da Serra do Umbu e o da Travessia da Sonda, em Flores da Cunha; o paradoro de Morro Reuter; os terminais turísticos de Tramandaí e Cidreira; além dos parques Itapoã, Parque dos Aparados da Serra e o Parque Histórico Bento Gonçalves.

Para a movimentação do turismo enquanto atividade sócio/econômica, surgem os calendários turísticos, aspecto que a Secretaria de Turismo considerava fundamental para o estado se tornar um centro receptor de turismo. Não somente através do Plano de Integração Turístico Estado-Município, como pelo incentivo a programações nas mais diversas cidades gaúchas, e eventos que já existiam anteriormente à gestão de Xavier. O calendário turístico do Rio Grande do Sul constituiu-se como uma das principais afirmações do turismo gaúcho. Como eventos regulares, merecem destaque o Rodeio Crioulo Internacional de Vacaria, que reúne visitantes de toda a América; a Exposição Internacional de Animais (EXPOINTER) em Esteio; a Feira de Artes Plásticas e Arte Sacra em Rio Pardo; a Festa das Hortênsias e o Festival de Cinema de Gramado, ambos em Gramado, entre outras atividades.

Foi na gestão de Xavier, na Secretaria de Turismo, que ocorreu o Biênio da Colonização e da Imigração, a partir das comemorações do Sesquicentenário da Imigração e Colonização Alemã em São Leopoldo, no ano de 1974, e do Centenário da Imigração Italiana, em Nova Milano, no ano de 1975, além de outras atividades relacionadas à formação cultural do Rio Grande do Sul (ver

mais detalhes no capítulo sobre Oswaldo Goidanich e o turismo), neste que foi um dos eventos mais marcantes da história do turismo e da cultura gaúcha.

Eventos bem consolidados no calendário gaúcho, e que atraem atenção nacional e internacional, como a Festa da Uva em Caxias do Sul; e a Feira Nacional do Calçado em Novo Hamburgo, tiveram sua estrutura transformada para melhor atender às exigências que, ao longo das últimas edições, necessitavam. No caso do evento caxiense, foi criada, em 1974, a Festa da Uva – Turismo e Empreendimentos Sociedade Anônima, empresa que conta com capitais do município de Caxias do Sul, do Estado, através da Companhia Rio-grandense de Turismo (CRTUR), e do Governo Federal, pela Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR). Ao substituir a antiga Comissão da Festa da Uva, que organizava o evento desde 1931, a Festa da Uva S.A. arrecadou verbas para a construção dos Pavilhões da Festa da Uva, construindo, assim, um parque com 34 mil metros quadrados, composto por dois grandes pavilhões interligados por um menor, onde ficam os estandes de feiras e de exposições. Em fevereiro de 1974, o Governo Federal, através da EMBRATUR, confirmava a compra de ações das duas empresas criadas, alcançando uma nova etapa na realização dos eventos de caráter regional.

Assim como o mercado interno exigiu medidas de incentivo para atrair mais turistas vindos do próprio Rio Grande do Sul, era preciso formar a consciência das potencialidades turísticas do estado para atrair turistas de fora do Rio Grande do Sul. Como metas para o mercado externo, Roberto já tinha o centro do país e as capitais platinas como prioridade. Ele afirma:

Tanto no sentido norte-sul quanto no inverso, somos mercado direto e mercado de trânsito, para as correntes que têm o Rio Grande do Sul como etapa final ou para as que nos tocam em trânsito. Como somos servidos pelas duas únicas rodovias de integração continental (BR-116 e BR-101), não tenho medo de dizer que estamos na encruzilhada do desenvolvimento turístico da América do Sul.

Xavier se referia a dois macropólos: a SAMIBARA, sigla que sintetiza a região composta por São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Guanabara e o MAIRES, constituído por Montevideu e Grande Buenos Aires, como o mercado a ser alcançado. A primeira região, até então, estava composta por 40 milhões de habitantes, dos quais 29 milhões na área urbana, representando 42,67% do total

da população do país. Além disso, era responsável por 70% da renda industrial brasileira, contando ainda com mais de 80% dos incentivos aplicados no Brasil, na época. O segundo macropólo era composto, em 1970, por 13 milhões de habitantes, e, segundo o Estudo Econômico da América Latina, o produto por habitante atingia 980 dólares em Buenos Aires e 720 dólares em Montevideu, representando uma média de 850 dólares. Três mil quilômetros compunham as duas regiões, sendo interligadas pela BR-116 e BR-101, e tendo Porto Alegre como sua intermediária, localizada no Centro Geo-Econômico da América do Sul.

Baseada nestes estudos, a Secretaria de Turismo começou a realizar projetos que divulgassem o potencial turístico do estado. Foi criado o Centro de Informações Turísticas (CENINTUR) do Rio Grande do Sul nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Montevideu. O CENINTUR ficou responsável pela supervisão e aplicação do convênio assinado com o Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul), para a comercialização dos roteiros do estado no país, além de coordenar as atividades de atração de investimentos, promoção, informação, pesquisa e relações públicas na área de São Paulo, Minas Gerais, Guanabara e Rio de Janeiro. Deveria, também, colocar à disposição do turista as potencialidades que as oito regiões turísticas do estado possuíam, em termos de roteiros de viagens, hotelaria, compras e outros aspectos. O CENINTUR foi instalado no Aeroporto Salgado Filho, na capital gaúcha, em solenidade realizada em fevereiro de 1975, quando Xavier afirmou que o estado possuía *a maior rede de centros de informações turísticas do país*.

O ano de 1973 ainda trouxe destaque internacional para o Rio Grande do Sul, a partir da participação do Estado na II Feria de las Naciones, em Montevideu. Evento realizado anualmente, sempre na primeira quinzena de dezembro, e que recebe uma visita média de 150 mil pessoas, a Feria de las Naciones, conhecida no Brasil como Feira das Nações, congrega os países sul-americanos para exporem seus produtos típicos, ligados à indústria, artesanato e folclore. Nesta segunda edição, o Rio Grande do Sul representou o Brasil, após a confirmação do apoio pelo Itamarati. O Estado ganhava, assim, a oportunidade de divulgar a sua cultura e, conseqüentemente, as suas virtudes turísticas. Ao final das duas semanas de atividades, a participação gaúcha recebeu elogios por parte do embaixador brasileiro no Uruguai, Arnaldo Vasconcelos, ao afirmar que *o êxito da participação do Brasil no Festival de las Naciones, recentemente*

realizado em Montevideu, muito se deveu à importante contribuição do Estado do Rio Grande do Sul. Complementou ainda o embaixador:

Graças à ação da Secretaria de Turismo, foi possível coordenar e encaminhar a Montevideu numerosas e importantes doações feitas por empresários rio-grandinos [sic], doações essas que muito representaram para a coleta de fundos destinados a obras de benemerência deste país e ofereceram uma imagem da qualidade e da amplitude da produção brasileira.

Como reconhecimento à política externa adotada pela Secretaria de Turismo, Xavier recebeu, em fevereiro de 1974, anúncio do ingresso da Secretaria de Turismo na União Internacional de Organismos Oficiais de Turismo (UIOOT). A entidade, com sede localizada em Genebra, na Suíça, ao realizar a sua vigésima quarta assembléia geral, tomou essa decisão partindo do apoio de Paulo Manoel Protásio, presidente da EMBRATUR e vice-presidente da UIOOT. Roberto Lonati, secretário geral da UIOOT, enviou a Xavier o seguinte comunicado: *ao felicitar por este passo, quero assegurar-lhe minha cooperação no desejo de estabelecer as melhores relações entre a Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul e a UIOOT, com a finalidade de alcançar um desenvolvimento harmonioso do turismo mundial.*

D) A gestão de Xavier no contexto turístico do Estado

Roberto Eduardo Xavier realizou, no dia 16 de agosto de 1974, a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos de Turismo e Comunicações, representando a Secretaria de Turismo, na qual analisou a evolução do turismo local. Segundo Xavier, o turismo no Rio Grande do Sul se divide em quatro fases: até 1950; de 1950 a 1970; de 1970 a 1974 e uma quarta fase, a partir de 1974. O turismo, até 1950, contava com iniciativas isoladas, como a primeira publicação de um artigo sobre o assunto, em 1917, pelo Correio do Povo e a criação do primeiro organismo do setor, o Touring Club, em 1936. A fase que compreende 1950 a 1970 Xavier identifica como *uma fase marcada por uma extraordinária boa vontade, mas sem know how ou recursos financeiros*. Ele complementa:

Surgiram, nesta fase, contudo, muitas coisas boas, muitas idéias que hoje estão frutificando. Por exemplo, a primeira idéia de turismo social no país, que se deve a um homem extraordinário

chamado Oswaldo Goidanich, de quem eu recebi, vinte anos depois, praticamente pronto, para que pudéssemos implantar, o projeto dos terminais turísticos.

Os anos de 1970 a 1974, com a implementação da Secretaria de Turismo, marcaram profundamente o setor ao conseguir atingir o *status* de secretaria. Ao criar um programa de ação, em conjunto com outros órgãos de turismo, a atividade começa a alcançar sua profissionalização. Para isso, Xavier aponta três aspectos no seu progresso:

1. reconhecimento do turismo como causa e efeito do desenvolvimento social, econômico e cultural de um povo. O poder público reconheceu a necessidade de dar ao turismo uma posição de importância dentro de seu contexto de desenvolvimento, e criou o Sistema Estadual de Turismo, a Secretaria e a Companhia;
2. houve ingresso de *know how*, um aporte de conhecimento para o setor, tanto a nível de poder público, quanto a nível de iniciativa privada;
3. através de planejamento teve início um processo de racionalização de atividades; estabeleceu-se o que é coordenação, o que é promoção, o que é assistência técnica ao município, o que é responsabilidade do Estado ou da iniciativa privada, até onde vai o Estado, onde deve começar a iniciativa privada.

Decididamente interligado a outros setores, o turismo se tornou um setor de destaque no desenvolvimento estadual. É o caso, por exemplo, das agências de viagens. A partir da ampliação de roteiros turísticos no estado, possibilitando assim a compra de *pacotes turísticos*, houve um aumento de 30% a 40% no movimento das agências de turismo, entre os anos de 1972 a 1974, superior aos 15% da média mundial, no mesmo período. O número de agências aumentou de 53, em 1971, para 74, em 1974, de acordo com a EMBRATUR. Ramos como o de hotelaria foram acrescidos de investimentos, a partir de construções e ampliações dos hotéis espalhados pelo estado. Até metade de 1973, 14 hotéis estavam sendo construídos, dois estavam em ampliação, sete tiveram consulta de viabilidade aprovada e três hotéis foram inaugurados, entre eles o Plaza São Rafael, em Porto Alegre.

Enquanto integrante do processo de desenvolvimento regional, o turismo realizou projetos com as demais secretarias, como é o caso da Secretaria dos

Transportes. A partir da construção de rodovias e estradas como a Capivari/Cidreira e Capivari/Pinhal, no litoral gaúcho, o turismo adquiriu maior capacidade de aproveitamento no estado, como, por exemplo, o balneário de Iraí que, ao ter sua estrada de acesso asfaltada pelo Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER), possibilitou o acesso de turistas ao local. O jornal Zero Hora ressaltou essa aproximação entre as Secretarias de Turismo e Transportes, a partir da construção da estrada Canela-Parque do Caracol:

Para o secretário Xavier, um dos fatores essenciais para que o setor turístico do Rio Grande do Sul seja bem aproveitado é o entrosamento existente entre sua secretaria e a secretaria dos transportes. O turismo exige obras de infra-estrutura para que possa ser explorado devidamente, e isso, segundo o secretário, está sempre presente quando a secretaria dos transportes planeja alguma estrada (Zero Hora, 1 jan. 1974).

Outro aspecto de ligação entre as duas secretarias foi a criação da Carta Rodoviária do Estado, em 1974. Elaborada pelo Departamento de Cartografia do Touring Club do Brasil, editada e distribuída pela Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul, o guia trouxe informações completas sobre as rodovias do estado, complementando assim os roteiros turísticos, a partir das obras realizadas pela Secretaria dos Transportes.

O meio ambiente também virou pauta da Secretaria de Turismo e da Secretaria da Agricultura, ao se lançar a Campanha de Arborização do Litoral. Com o objetivo de incentivar o plantio de árvores em toda a costa gaúcha, não só como forma de evitar a desertificação de vastas áreas, como aproveitar o uso da paisagem, a campanha foi dividida em três fases, sendo responsável pelo plantio de mais de 300 mil novas árvores.

A segunda edição da FENASOJA fez um misto de atrações turísticas, como a Cascata do Rio Santa Rosa e as apresentações de corais e grupos folclóricos, com os eventos agrícolas, já que paralelamente foram realizadas a Feira Nacional de Máquinas Agrícolas, a Feira Estadual de Gado Leiteiro, a Exposição Regional de Indústria e Comércio e a 13ª Exposição Nacional de Suínos.

No período 1970-1975 surgiu a preocupação crescente com a mão-de-obra especializada para atuar no comércio. Com o turismo cada vez mais reconhecido como um setor integrante do desenvolvimento socioeconômico

regional e nacional, iniciou-se a execução de projetos com o objetivo de qualificar o profissional do setor, dentre os quais, a preparação de mão-de-obra especializada para atuar no comércio (1970-1975). Em 1973 a Secretaria assinou um convênio com o Departamento Nacional de Mão-de-Obra do Ministério do Trabalho (DNMO) e Governo do Estado, através da própria Secretaria de Turismo e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), para a formação de empregados para a indústria hoteleira, ao mesmo tempo em que surgiam cursos para garçons, cozinheiros, atendentes de hotel e serviços afins. Criou-se também o curso de planejamento turístico, através de um acordo entre a Secretaria de Turismo e o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU), com enfoque em dimensão socioeconômico-cultural do planejamento turístico. Com grande apoio de infra-estrutura por parte da Secretaria, ao longo dos seus primeiros anos foi fundada a Faculdade de Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 1972, tornando-se o terceiro curso mais antigo do país e o primeiro do Rio Grande do Sul.

Com estas e tantas outras realizações, Roberto Eduardo Xavier deixou a Secretaria de Turismo em 1975. Suzana Gastal, profissional no setor de turismo e integrante desta mesma gestão na Secretaria, avalia a importância de Xavier para o turismo gaúcho:

A gestão do Xavier foi muito importante porque se estabeleceu uma filosofia de trabalho, e acredito que se fosse retomar muitos dos projetos que ele tinha, daria para pegar e executá-los, até porque muitas coisas não foram executadas como, por exemplo, a política de *campings*, que poderiam ser retomados e que estava lá no início, com o Xavier. As festas regionais também trouxeram a especificidade de cada município, começando assim a se constituir como um produto e buscando o seu espaço, fator este que foi o Xavier que trouxe.

5. ROBERTO EDUARDO XAVIER E O MEIO AMBIENTE

Falar sobre a atuação de Xavier, em relação ao meio ambiente, exigiria conhecimentos mais profundos a respeito da sua gestão na Secretaria Municipal do Meio Ambiente, para ser possível trazer a dimensão da sua importância nesta área. Como este trabalho se limita à abordagem dos campos da comunicação (turismo, jornalismo, publicidade e relações públicas), caberá a outros estudos

promoverem pesquisa e análise mais aprofundada sobre a primeira gestão, em caráter público, do meio ambiente no país, proeza ocorrida graças a Roberto Eduardo Xavier. No entanto, dissertar sobre este tema, por mais sucinto que possa ser, é imprescindível para o entendimento desta personalidade e da sua importância na vida pública.

A) Xavier e a Secretaria Municipal do Meio Ambiente

O ano de 1977 marcou a criação da primeira secretaria do meio ambiente, seja a nível municipal, estadual ou federal, através do comando de Roberto Eduardo Xavier. Mas o seu interesse pelo tema já vinha desde muitos anos antes deste marco, como afirma Fé Emma:

Eu me sinto um pouco madrinha dessa história, porque, quando nós compramos a casa, nós saímos de um apartamento, e o Roberto era uma pessoa urbana, de apartamento, e se você perguntava o que era rosa e crisântemo, ele não sabia o que era uma e a outra. Quando a gente veio morar aqui, não existia nada, era só a casa e o terreno baldio. Aí, eu disse para ele que deveríamos comprar umas árvores para ter sombra. Aí é que ele ficou sabendo que existiam árvores chamadas jacarandá, pereira, macieira, laranjeira. Com o tempo, ele começou a arranjar parreira e começou a ver como era bacana ter pássaros cantando, ter flores, e coisas assim. Então, a gente caminhava e olhava as praças, e ele começou a perceber certos descuidos nas praças. Em 1972, com a criação da ECO, considerado o início da questão ambiental no mundo, ele disse *olha, tem uma ministra que pensa como tu, que a cidade tem que ter verde*. A partir de então, ele começou a se voltar para esta questão, a ver a importância do meio ambiente e da sua preservação.

Com a nomeação de Guilherme Socias Villela para a prefeitura de Porto Alegre, a partir de abril de 1975, o então prefeito da capital gaúcha mostrou a Xavier o desejo de causar um impacto na sua administração. Roberto propôs então a criação de uma secretaria do meio ambiente, para surpresa de Villela. Com Xavier esclarecendo sobre a importância das praças, da questão ambiental e a importância das crianças freqüentarem as praças, saindo assim dos seus apartamentos, o prefeito resolveu encampar a proposta, com Xavier não somente assumindo o cargo de secretário, como também sendo o autor da Lei do Meio Ambiente (LC 65/79), a partir da criação do Licenciamento de Atividades Potencialmente Poluidoras. Sobre esta lei comenta Paulo Fernando Teixeira, que

foi supervisor da Secretaria do Meio Ambiente (SMAM) na gestão de Xavier, e que atualmente é assessor ambiental da Organização Mundial da Saúde em Washington:

Como faltavam leis e critérios ambientais, Xavier criou um Sistema de Licenciamento de Atividades Potencialmente Poluidoras e uma bem-elaborada Lei do Meio Ambiente (LC 65/79), que posteriormente acabou inspirando a criação do Sistema Nacional do Meio Ambiente. Nem os Estados Unidos possuem hoje em dia legislação similar ([Zero Hora](#), 05/07/1997).

Fé Emma relembra a repercussão da lei ambiental:

Quando se criou a Secretaria com a lei, ela foi tão impactante, que todos os municípios começaram a se voltar para esta questão ambiental. Como resultado, se projetava o Rio Guaíba, sua despoluição, a questão do esgoto, e isso começou a repercutir, por exemplo, em Gramado e Canela, que possuíam uma fábrica de celulose, que deixava um mau cheiro horrível. Nesta questão, entraram inclusive a Riocell, a Souza Cruz, todas as grandes indústrias se voltaram para essa questão, porque era algo politicamente correto e trazia dividendos.

Para divulgar a causa do meio ambiente e criar a consciência da sociedade sobre o tema, Roberto criou campanhas como *Abra uma conta no banco da vida: Plante uma árvore*. Nesta campanha, a Secretaria distribuía mudas de árvores para serem plantadas pelo povo, mas, além disso, também conscientizava sobre a importância e as particularidades de se plantar uma árvore, como é o caso da melhor época de plantio, assim como popularizava o Código Florestal Brasileiro, expondo as penas para quem realizasse o desmatamento. Fernando Teixeira destaca que *Xavier fez da "árvore" o ícone do ambientalismo, ao criar, em parceria com a sociedade civil, e com Norma Medeiros, uma exemplar mobilização social em torno das crianças como agentes de proteção ambiental: a Patrulha do Verde*. Essa e outras campanhas trazem o *background* de quem já havia atuado nas áreas de publicidade e relações públicas, como relembra Fé Emma:

O Roberto tinha o apoio de todos os meios de comunicação. Essa é que é a verdade, porque traria um bem para cidade, não só sob o ponto de vista visual, mas também sob o ponto de vista cultural. Então, o Roberto utilizou tudo aquilo que ele sabia sobre publicidade e relações públicas, em todas as campanhas que pudesse colocar a questão ambiental, associando o meio ambiente com a publicidade, por exemplo. Os meios de

comunicação foram importantes, porque abriram as suas páginas para tudo o que o Roberto queria.

Uma das principais realizações da gestão de Xavier foi a criação do Parque Marinha do Brasil, às margens do lago Guaíba, ainda hoje uma das grandes referências para lazer e recreação na cidade. A gestão de Xavier, na Secretaria Municipal do Meio Ambiente, vai ficar marcada na história, não somente por ser pioneira nesta área no país, como pela elaboração da Lei do Meio Ambiente. Sua importância foi comprovada através da 20ª Semana do Meio Ambiente de Porto Alegre, a partir do evento *Pioneiros da ecologia de Porto Alegre*, realizado no Paço Municipal no dia 7 de abril de 2004. O evento homenageou personalidades fundamentais para a formação e a conscientização sobre o meio ambiente no Rio Grande do Sul, tendo Roberto Eduardo Xavier papel de destaque nesta história. Contando com a presença do então prefeito de Porto Alegre, João Verle, o evento teve ainda a presença da Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva que, no seu depoimento, destacou a importância da Lei do Meio Ambiente, que posteriormente acabou inspirando a criação do Sistema Nacional do Meio Ambiente. Sobre a importância de Xavier para o meio ambiente, afirma Paulo Fernando Teixeira:

Xavier fez as coisas certas. Criou do nada uma instituição para tratar das questões ambientais em uma cidade já então cheia de problemas pelo desassossego da vida urbana, resultado de um crescimento desordenado e amontoado. Criou e fortaleceu a SMAM, e dedicou atenção e recursos para a capacitação de seus técnicos. Criou uma política de relações com a comunidade, de forma que toda a pessoa fosse dedicada a essa questão. Os técnicos incorporavam, em suas atividades, proferir palestras em universidades, escolas, associações de bairro e indústrias. Era preciso, urgentemente, “conscientizar”, e todos queriam saber sobre a tal de “ecologia” (Zero Hora, 05/06/1997).

REFERÊNCIAS

- Livros consultados

CÉSAR, Guilhermino (Org.) - **Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul - 1605-1801**. EDUFRGS: Porto Alegre, 1969.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Correio do Povo: histórias e memórias**. EDIUPF: Passo Fundo, 1997.

DRUCKER, Peter F., **Prática de administração de empresas**. Ed. Pioneira: São Paulo, 1981.

FLORES, Hilda Agnes Hubner (org). **Turismo no Rio Grande do Sul: 50 anos de pioneirismo no Brasil**. EDIPUCRS: Porto Alegre, 1993.

FÚSTER, Luis Fernández. **Teoría y técnica del turismo**. Ed. Nacional: Madrid, 1974.

GALVANI, Walter. **Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior**. Mercado Aberto: Porto Alegre, 1995.

GALVANI, Walter. **Olha a folha: amor, traição e morte de um jornal**. Sulina: Porto Alegre, 1996.

RODRIGUES, André Iribure. **A estrutura inicial da MPM Propaganda**. www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/pp/andreiriburerodrigues.doc

SCARINCI, Carlos. **A gravura no Rio Grande do Sul: 1900-1980**. Mercado Aberto: Porto Alegre, 1982.

SESSA, Alberto. **Turismo e política de desenvolvimento**. Ed. Union Tur: Porto Alegre, 1983.

XAVIER, Roberto Eduardo. **O pesadelo de Frau Keller**. Ed. Kuarup: Porto Alegre, 1991.

- Periódicos consultados

A Hora. Porto Alegre, 28/10/1955.

A Hora. Porto Alegre, 08/08/1956.

A Hora. Porto Alegre, 16/08/1956.

HOHLFELDT, A. C.; VALLES, Rafael R.

A Hora. Porto Alegre, 15/09/1956.

Correio do Povo. Porto Alegre, 20/09/1935, p. 12.

Correio do Povo. Porto Alegre, 27/09/1935, p. 11.

Correio do Povo. Porto Alegre, 05/03/1963.

Correio do Povo. Porto Alegre, 27/03/1963.

Correio do Povo. Porto Alegre, 10/08/1973.

Correio do Povo. Porto Alegre, 18/09/1975.

Correio do Povo. Porto Alegre, 08/10/1995.

Diário de Notícias. Porto Alegre, 24/08/1973.

Diário do Sul. Porto Alegre, 12/03/1987.

Estado de São Paulo. São Paulo, 09/12/1973.

Folha da Manhã. Porto Alegre, 03/10/1975.

Folha da Manhã. Porto Alegre, 15/09/1977.

Folha da Tarde. Porto Alegre, 17/04/1957.

Folha da Tarde. Porto Alegre, 03/07/1958.

Folha da Tarde. Porto Alegre, 28/04/1960.

Folha da Tarde. Porto Alegre, 21/11/1975.

Folha da Tarde. Porto Alegre, 03/01/1976.

Gazeta da Tarde. Rio Grande, 12/05/1951.

O Globo. Rio de Janeiro, 21/10/1973.

Revista de Comunicação, Rio de Janeiro, 1985 -1998.

Revista do Touring. Rio de Janeiro, dez 1941, p. 06.

Última Hora. Porto Alegre, 22/10/1973.

Zero Hora. Porto Alegre, 01/01/1974.

Zero Hora. Porto Alegre, 09/03/1978.

Zero Hora. Porto Alegre, 29/10/1987.

Zero Hora. Porto Alegre, 05/07/1997.